

@Verdade

Jornal Gratuito

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela **KPMG**

www.verdade.co.mz • siga-nos no twitter.com/verdademz

Sexta-Feira 08 de Abril de 2011 • Venda Proibida • Edição Nº 130 • Ano 3 • Director: Erik Charas

facebook.com/JornalVerdade



Jornal @Verdade

Abriu a época de caça aos patos, ou melhor começou a época 2011 da Presidência aberta e inclusiva

Domingo · Gosto · 33 pessoas gostam disto.



Eddy Sam Jazz Então vamo-nos preparar pra ouvir o hino da "pobreza absoluta"...

Domingo às 11:21



Nel Matt gostei "caça aos patos" é isso mesmo... Enchem as pansas em nome d presidencias abertas..

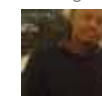
Domingo às 11:24



Hugo Costa Mas que palhaçada é esta?! É assim que um jornal anuncia o início de uma actividade presidencial?! Eu sei que cada vez existem menos

exemplos de jornalismo isento para poderem servir de exemplo, mas isso não é desculpa para esta bandalheira!! Um jornal/jornalista apresenta os factos e os leitores tiram as suas conclusões!!

Domingo às 11:33 · Gosto · 3 pessoas



Nidas De Oliveira Pato.

Domingo às 11:35



Carlos De Sousa Tivir @Hugo deve ser ser um dos caçadores

Domingo às 11:39



Hugo Costa@Carlos, se não entendes à primeira lê de novo, talvez consigas entender o que está lá escrito à segunda... ou à terceira... ou eventualmente!

Domingo às 11:44 · Gosto · 2 pessoas



Linette Olofsson Pão de cada dia! conhecemos a forma da caça aos patos. O nível de crítica e consciencia está a subir.

Domingo às 11:45 · Gosto · 1

peessoa



Elzidio Rodrigues É isso meus irmãos, caça aos patos! Desfiles de helicópteros e 4X4 (último grito), não se percebe isso, tanta ostentação e SHOW OFF

num país que (sobre)vive de dívida externa!

Domingo às 12:01 · Gosto · 4 pessoas



Simao Zacarias a informacao pde nao ter sido anunciada de forma cordial, cntudo, n foge a realidade do noxo país, caca ao pato, é exatamente o que vai

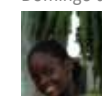
acontecer.

Domingo às 12:13 · Gosto · 1 pessoa



Mendes Mutenda As anunciadas medidas de austeridade deviam tambem a 'caca aos patos'... O pobre vai continuar pobre

Domingo às 12:21



Benie Carmo sim sim se 'enriquecemos' com os patos a epoca ta aberta.

Domingo às 12:23



Miro DaSilva Eu cmsidero isso cmo turismo

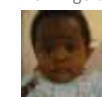
Domingo às 13:52



Eddy Sam Jazz Tdo ixo tm a ver cm as verdads ocultas os dminantes da terra, o nxo presadnt esta a ser dominado por eles e tdu esta cm eles

querem. A caça aos patos é 1 forma...

Domingo às 14:25



Lily Yany Joey Yuuu k é isso!!! pato??? Mas pato mesmo , o cota nao vai gramar !!!

Domingo às 14:28



Zucula Jacob Em que a caçadeira dispara, inverdades mortais!

Domingo às 16:52 ·

Gosto · 1 pessoa



Dila Mendes é necessario caçar patos, mas atenção aos custos que isso envolve!

Domingo às 18:02



Leonel Andela Respeito pessoal. Liberdade de expressao sim, mas com um pouquinho de

respeito.

Domingo às 18:11



Gregório Zacarias @ Leonel, concordo contigo.

Domingo às 19:21

Manica
Patrocínio Grupo Mafuia
Apolo Conselho Empresarial de Manica (CEP)



Amélia & Esperança um país... duas vidas

DESTAQUE 14 · 15



A pequena Sereia

DESPORTO 20



Rainha
Marta

DESPORTO 21



A melhor voz moçambicana

PLATEIA 26

Raquel: uma mulher de armas

A vida foi-lhe sempre madrasta. Aos 15 anos de idade começou a viver maritalmente. Já esteve à beira da morte, sentiu na pele a discriminação, mas com fé e determinação vence as adversidades e rema contra a maré, cuidando dos filhos: Edilson, de 11 anos de idade, infectado pelo HIV e Titos (três anos), livre do vírus. Se Raquel Jorge fosse uma pessoa má seria uma metáfora do vaso ruim. Cai, mas não quebra.

Texto: **Félix Filipe** • Foto: **Félix Filipe**



“Não vou porque não é verdade! Deve ser um engano do Hospital e se continuares a falar do mesmo assunto, expulso-te de casa”. Foi desta maneira, sem papas na língua e sem rodeios que, em 2000, o marido de Raquel, com quem vivia há mais de dez anos reagiu, quando a mulher contou que tinha contraído o HIV e o hospital queria a sua presença para juntos fazerem o tratamento.

Raquel Jorge ouviu a resposta do marido e de forma instintiva levou as mãos à barriga segurando o filho e fez-se à vida. “Naquele dia quase que o meu mundo desabou. Apesar da resposta negativa não me surpreender porque vivíamos numa relação problemática, nunca imaginei que me abandonaria numa situação tão séria”, conta.

Alguns meses depois, pressionado pela insistência sobre o tratamento, o marido expulsou-a de casa, alegando não querer doentes. Na verdade, muito antes de Raquel abordá-lo, ele já sabia que era soropositivo e fazia tratamentos tradicionais escondido da parceira. Ao deus-dará e sem rumo, encorajada pelo filho dentro de si, Raquel lutou contra tudo e todos. Os familiares, sobretudo os irmãos, também lhe abandonaram e foi pedir auxílio a um primo que acabava de regressar doente da vizinha África do Sul.

Comovido, o familiar acolheu-a em sua casa no bairro Malhazine, na cidade de Maputo, onde, enquanto cuidava do filho e os sobrinhos, experimentou os dias mais infernais da sua vida. No final da gravidez nasceu um rapaz aparentemente saudável, a quem deu o nome de Edison, mas com o tempo começou a ter recaídas. Edison nasceu infectado pelo HIV porque no país não havia condições para evitar a transmissão vertical da mãe para o bebé. “Além disso, eu não tinha informação sobre os cuidados a tomar para evitar contaminar o meu filho. Quando fui ao hospital, já era tarde demais”, conta.

Segundo o Ministério da Saúde, o Programa Nacional de Prevenção da Transmissão Vertical (PTV) foi lançado em 2002, portanto dois anos depois de Edilson nascer. Só com o andar do tempo, para assegurar que o programa abrangesse o maior número possível de mulheres grávidas, foi integrado nas unidades sanitárias para mulheres e crianças.

Os anos mais tristes

Desde 2000 até hoje em casa do primo, que veio a falecer, as dificuldades foram constantes. Sem emprego e apoio, sofreu algumas recaídas que lhe desfiguraram o corpo. Nas ruas do bairro era apedrejada e os vizinhos escreviam sobre o seu estado serológico nos muros. Quando não conseguia algum biscoito, alimentava-se de mangas verdes.

Um dia em 2006, quando voltava de mais uma jornada laboral, encontrou o filho deitado no pátio. Acabava de comer fezes humanas que alguém, até hoje desconhecido, deitou no seu quintal. “Carreguei o miúdo para a pediatria do Hospital Central de Maputo, onde ficou internado por uns dias e a partir dali começou a passar mal”.

Raquel precisou de cinco minutos para contar a sua história. Os seus relatos exigem longas pausas, momentos em que interrompe de repente uma frase, olha distante, pensativa e, alguns minutos

depois, retoma a conversa onde terminou. Os olhos tornam-se sempre húmidos e faz uso frequente da mão para limpar as lágrimas que caem do seu rosto pálido. A pergunta sobre se já pensou que iria morrer torna-lhe novamente pensativa e distante. Após um meio sorriso com os lábios fechados, responde: “O meu filho era a única coisa que me encorajava a lutar, mesmo quando a esperança me dizia que não vale a pena”

Até que veio a esperança de vida

Com a morte do primo, as coisas complicaram-se. Os sobrinhos não a queriam naquela casa. Pressionada, a sua situação de saúde piorou. Um dia, quando se dirigia a uma unidade sanitária de Bagamoyo, conheceu uma mulher que se apercebeu do seu estado e a aconselhou a procurar a Hishikanwe, uma associação que lida com portadores de HIV. Lá Raquel encontrou afecto, carinho e compreensão.

Nestes dias, graças à parceria entre aquela agremiação e a Bliss Chemical, proprietária da marca de detergentes Maq, numa primeira fase, Raquel ganhou uma casa orçada em 60 mil meticais no distrito de Marracuene. O projecto segundo Aftab Parek, dirigente da empresa, está enquadrado na responsabilidade social, que consiste em apoiar as pessoas desfavorecidas, nos dois anos em que o grupo está no país.

“Estou feliz por ter o meu próprio espaço. Ali tenho um lugar para abrir uma horta e um pequeno negócio. Sinto-me como se estivesse a nascer de novo”, conta Raquel emocionada.

Enquanto falámos, o filho, hoje com 11 anos, interrompe a con-



versa por várias vezes: “mamã posso comer aquele arroz”? Edilson é um miúdo como os outros. Irrequieto, brincalhão, divertido, traquina. Frequenta a quarta classe e a única diferença é que ele sabe que tem HIV, mas não se dá por vencido, mesmo quando os colegas da escola zombam de si. Como a progenitora há dois anos, Edilson está a fazer o tratamento anti-retroviral há três e não se queixa de nada.

Para algumas pessoas que acompanham o dia-a-dia da família, ele é o escudo protetor da mãe, que tem os braços e as pernas meio paralisadas, devido aos efeitos colaterais dos medicamentos. O miúdo lava, cozinha, faz diversos trabalhos domésticos e ainda tem tempo para jogar a bola, seu principal passatempo. “É um miúdo especial que, além de forças para continuar a viver, transmite à mãe, a esperança de que tudo há-de acabar bem”, diz Judite de Jesus, da Associação Hishikwane.

Mas, a alegria de Raquel não provém apenas de Edilson. Existe Titos, o mais novo de três anos, que nasceu livre do HIV. Com a diferença de oito anos, Titos e Edilson são filhos do mesmo pai. Segundo Raquel, mesmo depois de a ter expulso, o marido que agora vive na Macia, província de Gaza, com outra mulher, sempre a perseguiu ao ponto de a engravidar e nascer outro filho, que depois não assumiu e desapareceu de vez.

Titos é como o irmão: divertido. Corre de um lado para o outro, sai de casa e volta constantemente. Mexe a nossa câmara fotográfica. A mãe ri-se e ralha quando os petizes se excedem. Tem esperança na Medicina e acredita que o filho Edilson viverá muitos e longos anos. Oxalá que isso aconteça.

Transmissão vertical

No país há actualmente cerca de 149.000 mulheres grávidas a viver com o HIV ou SIDA e aproximadamente 85 bebés são infectados diariamente pelas suas mães. A transmissão vertical do HIV é a passagem do vírus da mãe para filho que pode ocorrer durante a gravidez, parto ou no aleitamento materno. Antes de engravidar, o casal deve receber um serviço de aconselhamento e testagem voluntária disponível na unidade sanitária, o que não acontece com muitos, como os pais de Edilson.

Se o resultado do teste for positivo, as mulheres devem pensar muito bem antes de ter um filho. Um em cada três bebês nascidos de uma mãe seropositiva contrai o HIV se a mãe e o bebê não tomarem nevirapina, um medicamento que diminui a possibilidade da passagem do HIV da mãe para a criança.

Os bebés com HIV adoecem com muita frequência e podem morrer pequenos. Quase metade morre antes do seu segundo aniversário. Se a pessoa for seropositiva e ficar grávida, pode ficar doente de SIDA mais rapidamente. Só depois de o bebé ter 15 a 18 meses é que pode ser testado para ver se é portador do vírus. Se é positivo deve-se ter muitos cuidados com ele para evitar possíveis infecções oportunistas.

O que fazer a seguir ao parto?

Estudos provam que o leite da mãe portadora do HIV transmite o vírus durante a amamentação ao bebê. Existem menos riscos de transmissão quando:

- a) Não se amamenta o bebé;
- b) Se dá apenas o leite artificial;
- c) Se frequenta as consultas médicas.

Amamentar ou não?

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma mãe portadora do HIV, deve evitar dar de mamar ao bebê quando houver capacidade financeira para ter sempre o leite de forma segura e viável, senão a criança poderá exclusivamente ser amamentado durante os primeiros seis meses da sua vida. Logo que for viável, a amamentação deve ser descontinuada.

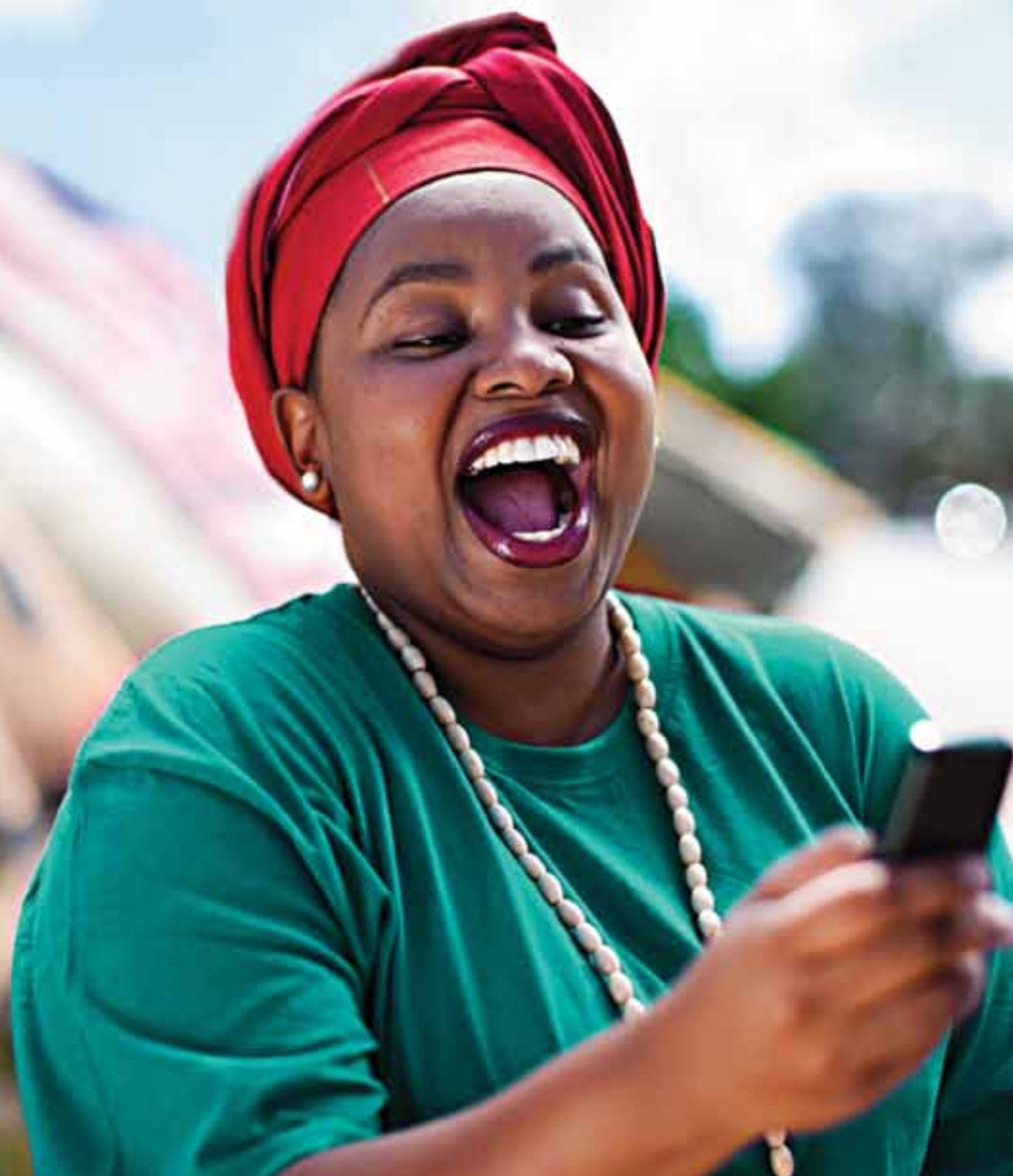
Nunca faça as duas coisas, visto que o leite de biberão pode enfraquecer o revestimento do estômago do bebê, permitindo o HIV do leite entrar na corrente sanguínea do bebê. Quando se cumprem essas medidas, muitos bebês nascem livres de HIV como aconteceu com Titos ao contrário do irmão Idelson que nasceu numa época difícil. Os cuidados não eram conhecidos e as informações eram escassas.

O número de centros de tratamento vertical em todo o país cresceu para 744 em Outubro de 2009, de 500 em 2008. Em 2007 havia 386 PTVs, em 2006 cerca de 222 e apenas 8 em 2002. Como resultado, o número de mulheres recebendo aconselhamento e teste através dos serviços de prevenção vertical aumentou de 4.641 em 2002 para 194.117 em 2006 e 366.281 em 2007 – de um total médio de 800.000 mulheres grávidas por ano.



Vermelho é novidade.

Agora é tudo vermelho.
Tudo novo.





NIASSA Niassa conta com mais uma universidade

A província do Niassa conta com mais uma instituição de ensino superior. Trata-se da Universidade Mussa Bin Bique (UMBB) que abriu formalmente a delegação de Lichinga na semana passada, elevando para seis o número de instituições de ensino superior que operam naquele ponto do país.

Na abertura do ano académico de 2011, os responsáveis da UMBB comprometeram-se a trabalhar para o desenvolvimento da província formando técnicos de qualidade. Numa primeira fase a delegação de Lichinga vai leccionar cursos de Direito, Gestão e Contabilidade

e Ciências Agrárias, enquanto se prepara o de Veterinária. Por enquanto, todos serão ministrados no período nocturno na Escola Secundária Eduardo Mondlane a sete quilómetros do centro da cidade.

O director do Centro de Formação Islâmica (CFI), Moma-de Bay, disse na ocasião que a abertura da delegação de Lichinga é o culminar de um sonho lançado há um ano. Bay sublinhou que a UMBB vai fazer a diferença na província, não só no processo de desenvolvimento do ensino superior, mas também noutras esferas da vida. / *www.verdade.co.mz*



TETE Actividade piscatória cresce em Cahora Bassa

A actividade piscatória ao longo da Albufeira de Cahora Bassa, na província de Tete, está a conhecer, nos últimos dois anos, um incremento devido ao melhoramento das condições de trabalho criados pelos operadores do sector.

Maputo, Quinta-Feira, 31 de Março de 2011:: Notícias

A directora provincial de Pescas, em Tete, Maria Cunhete, afirmou que até ao ano passado, a produção pesqueira atingiu cerca de 32.735 toneladas de pescado diverso, com maior destaque para a pesca semi-industrial de kapenta.

“Até ao ano de 2009, a pesca conseguiu 28.735 toneladas de pescado e no ano passado para conseguirmos os dados que revelam a subida do índice de

produção foi necessária uma monitoria e capacitação das empresas de kapenta no sentido de reportarem, fielmente, a informação estatística sobre as capturas. No entanto, este valor de aumento está muito abaixo do valor real, uma vez que ainda há uma desonestidade dos operadores que prestam falsas informações para fugirem ao fisco”, disse Maria Cunhete.

A directora provincial de Pescas referiu que uma média que varia entre 20 e 40 por cento da captura de kapenta não é declarada pelos operadores, o que dificulta, de certa maneira, a determinação de quantidades reais que são capturadas pelos operadores ao longo da albufeira de Cahora Bassa, que compreende os distritos de Cahora Bassa, Mágoè, Marávia e Zumbo, na província de Tete. / *Jornal Notícias*



MANICA Programa de desenvolvimento rural absorve 15 948 500 euros

Com um orçamento de 15 948 500 euros, vai arrancar o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Rural (PADR) nos distritos de Dondo, Nhamatanda, Chibabava, Gorongosa, na província de Sofala, Gondola, Manica, Bárue e Sussundenga (Manica). O fundo foi concedido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália.

Daquele montante, 13 270 mil euros serão geridos por uma unidade mista na execução das actividades do programa e os restantes 2 678 mil servirão para a assistência técnica e funcionamento, cuja gestão estará a cargo da Cooperação Italiana.

O PADR será operacionalizado durante o triénio 2011-2013, compreendendo projectos di-

vididos em componentes, sendo o objectivo geral o melhoramento do rendimento e das condições socioeconómicas das populações rurais dos distritos mencionados.

Consta dos objectivos específicos o aumento da competitividade e produtividade, assim como contribuir para a redução da pobreza no meio rural, através da produção e de uma gestão sustentável dos recursos naturais; conferir aos distritos uma função central no processo de desenvolvimento, através da capacitação dos actores principais e aumentar a eficácia das instituições agrárias, no contexto do programa para o desenvolvimento económico. / *Correio da Manhã*



MAPUTO Aeroporto Internacional de Maputo Concluída demolição do terminal doméstico

Está na fase conclusiva o processo de demolição do terminal doméstico do Aeroporto Internacional de Maputo para dar lugar à construção de um novo edifício moderno e com capacidade para receber mais

passageiros.

Neste momento decorre a remoção dos 30 mil metros cúbicos de entulho resultantes da destruição daquela parte do aeroporto para, de seguida, se



CABO DELGADO Mantém-se braço de ferro no caso do uso da burka

Mantém-se o “braço de ferro” entre a África Muslim Agency e um grupo de professores da Escola Secundária Comunitária Fraternidade, que não permite que uma aluna daquele estabelecimento de ensino frequente as aulas por se apresentar vestida de burka, apoiado por um sector da direcção da Educação na cidade de Pemba, em Cabo delgado.

A agência já interveio em força, lembrando que é proprietária da escola onde Fátima Califa está a ser discriminada por motivos religiosos e que as autoridades se lembrem de que se trata de um estabelecimento de ensino privado, tal como o Governo de Moçambique, através do Ministério da Educação se comprometeu no protocolo assinado entre si e aquela agência.



SOFALA Sensibilização reduz violência doméstica no Dondo

A secretária da Organização da Mulher Moçambicana (OMM), no distrito de Dondo, em Sofala, Maria José Chitula, disse que o trabalho de sensibilização levado a cabo pela sua organização junto das comunidades nas diversas zonas residenciais contra a violência doméstica está a dar resultados positivos, facto que se traduz na redução da ocorrência de casos de maus tratos entre os cônjuges naquela parcela do país.

À semelhança de Chibabava, Dondo é um dos pontos da província de Sofala que, nos últimos anos, registou elevados casos de violência doméstica. Diversas instituições públicas e privadas incidiam as suas acções na sensibilização contra estes actos criminais naqueles

A agência diz que, desta vez, aparece na qualidade de proprietária da escola, com a aluna a dizer que não pode rectificar a sua forma de apresentação naquele estabelecimento de ensino, por se sentir protegida pelos mais altos comandos legais do país, como as liberdades consagradas na Constituição da República, de religião, e que de finem Moçambique como um Estado laico.

A agência diz que intervém no caso na qualidade de proprietária das instalações e de titular do alvará da Escola Secundária Fraternidade, assim como de subscritora do protocolo de co-operação celebrado entre o Ministério da Educação e Cultura de Moçambique e a instituição em causa, em Agosto de 2009. / *Jornal Notícias*

distritos.

Maria Chitula disse que os trabalhos de sensibilização são notórios naquele distrito uma vez que os casos estão a reduzir. Citou as autoridades que trabalham na área do combate à violência doméstica como tendo felicitado as organizações sociais devido ao seu empenho na luta contra este mal social.

Nos anos anteriores, o distrito registava, por mês, entre 15 e 20 casos de violência doméstica. “Desde o ano passado os casos têm vindo a reduzir. Muitos homens e mulheres eram agressivos muitas vezes por desconhecimento que tais acções constituíam crime”, disse a secretária distrital da OMM, em Dondo. / *Jornal Notícias*



INHAMBANE Residentes clamam por transporte

Residentes dos bairros periféricos da cidade de Inhambane, nomeadamente Muelé-I e II, Nhampossa, Aeroporto, Marrambone, Chamane e Salela enfrentam graves problemas devido à falta de transporte, sobretudo no período nocturno.

À noite, a crise afecta particularmente os estudantes que, residindo naquelas zonas suburbanas, estudam nas cidades de Inhambane e Maxixe e funcionários que trabalham nas sedes distritais de Homoine e Morrumbene.

Segundo as nossas fontes, a expansão da cidade de Inham-

bane para as regiões de Malmebuane, Guitambatuno, Marrambone e Chamane não é acompanhada pela colocação de transporte semiolectivo de passageiros, pois nem todas as empresas possuem viaturas para a recolha dos seus trabalhadores.

Existem instituições instaladas naqueles bairros que acompanham o crescimento da cidade. No entanto, os seus funcionários passam por grandes dificuldades para chegar a tempo aos seus postos de trabalho, porque os “chapa” existentes não satisfazem as necessidades. / *Jornal Notícias*

O director do projecto, Acácio Tuendue, explicou que concluída esta fase seguirá a elaboração de estudos geotécnicos que vão determinar o tipo e as características das fundações que serão feitas para acolher o edifício do



NAMPULA MCA assegura fundos para Namialo-rio Lúrio

Está assegurada a disponibilidade de 154 milhões de dólares norte-americanos para custear a reabilitação da estrada Namialo-rio Lúrio, que liga as províncias de Nampula a Cabo Delgado. As obras arrancam em Agosto próximo, devendo ser concluídas em dois anos.

O valor foi desembolsado pelo Governo norte-americano no quadro da iniciativa Millennium Challenge Account (MCA) que vai, igualmente, financiar a reabilitação do troço que liga a

cidade de Nampula ao rio Ligonha na província da Zambézia, segundo dados confirmados por Agostinho Ntece, gestor do Programa de Estradas no MCA.

Com efeito, a cidade de Nampula acolheu, semana passada, a cerimónia de lançamento oficial do concurso público para a selecção do empreiteiro que vai trabalhar no troço Namialo-rio Lúrio, empreitada para a qual submeteram documentos pelo menos 30 empresas nacionais e estrangeiras. / *Jornal Notícias*



ZAMBÉZIA Atrasos sistemáticos de salários geram mal-estar

Funcionários de diversas instituições públicas a nível da província da Zambézia queixam-se dos constantes atrasos no pagamento dos seus salários e outras remunerações, uma situação que se vem registando nos últimos seis meses. Os visados afirmam que o Executivo local não deve tratar esta questão de ânimo leve, visto que tem implicações extremamente negativas na organização das suas vidas.

Nos últimos seis meses, o atraso ou demora no pagamento de salários tornou-se sistemático em muitas instituições do Estado, facto que está a comprometer seriamente o cometimento dos servidores públicos na execução das suas actividades devido à desmotivação.

Os funcionários públicos afirmam que o atraso ou demora no pagamento de salários e outras remunerações a que têm direito constitui uma séria ameaça ao processo de reforma

no sector público, indicando que, se o Executivo pretende que as coisas mudem, é preciso que também cumpra rigorosamente com as suas obrigações como forma de lhes estimular a darem o melhor de si na administração pública.

Esta semana, o governo provincial da Zambézia esteve reunido em mais uma sessão e um dos pontos da agenda era, precisamente, a questão dos atrasos de pagamento de salários. No entanto, a abordagem deste assunto foi adiada, facto que ocorre pela terceira vez consecutiva, abortando assim as expectativas que reinavam no seio dos servidores. Todavia, uma vez que o assunto de salários ficou adiado pela terceira vez consecutiva, tal facto mutilou toda a expectativa dos funcionários sobre as decisões que sairiam desse encontro para melhorar a problemática do atraso ou demora no pagamento de salários. / *Jornal Notícias*



GAZA O dilema de coabitar com a fauna bravia

Viver nas redondezas de uma floresta, parque nacional ou reserva natural, significa ir para a cama sem ter a certeza de que, no dia seguinte, o milho deixado na machamba a florir ainda estará intacto. Este é um dos dilemas que residentes no interior do Parque Nacional de Limpopo (PNL) enfrentam, numa área que ocupa mais de um milhão de hectares e que abrange os distritos de Chicualacuala, Mabalane e Massingir, na província meridional de Gaza, em Moçambique.

Depois da criação do PNL em 2001, as autoridades decidiram reassentar parte dos habitantes residentes no interior do parque. Trata-se de cerca de seis mil pessoas residentes na zona turística e uma parte das que agora vivem na zona tampão do parque. Assim, estão excluídos do processo de reassentamento parte dos re-

sidentes da zona tampão e todos os aldeões da zona selvagem.

Para o efeito, foi criado o comité de reassentamento que só conseguiu reassentar um total de 18 famílias até 2008. Outras 20 casas estavam em construção na vila de Massingir desde 2009, mas o empreiteiro abandonou as respectivas obras em Agosto passado.

Actualmente, as autoridades querem penalizar o empreiteiro por não ter cumprido com os termos do contrato. “Até agora estamos a trabalhar com base num plano de acção que aponta a existência de 144 famílias por reassentar. Outras 18 famílias já foram reassentadas”, disse Abel Nhalidade, responsável pelo programa de reassentamento no PNL, falando à Agência de Informação de Moçambique. / *AIM*

novo terminal.

“Se não tivermos nenhum imprevisto durante este período a construção do novo terminal vai arrancar no próximo mês (Maio), devendo durar um pe-

ríodo não superior a 19 meses, contados a partir do início da demolição”, referiu Tuendue acrescentando que as obras estão a cargo da AFEC, empresa chinesa que fez o novo terminal internacional. / *Jornal Notícias*

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

IPET burla estudantes

Bom dia jornal @Verdade, sou residente do bairro de Mafalala e consumidor da Electricidade de Moçambique. No mês de Janeiro, ao comprar energia no posto de venda Credelec fui informado de que tinha uma dívida para com a empresa. Embora desconhecesse a sua origem, tratei de pagar o valor em causa. Contactei a empresa e esta disse que a dívida tinha sido imputada por falha do sistema e comprometeu-se a repor o valor em causa. Até hoje, Março, aguardo pela reposição.

Na tentativa de solucionar este caso, o Jornal @Verdade efectuou uma chamada ao Provedor do Consumidor, figura recentemente criada pela Electricidade de Moçambique para defender os interesses dos seus clientes, durante a qual expôs a reclamação enviada pelo leitor. Este aconselhou-nos a enviar uma missiva por correio electrónico (E-mail) com todos os dados, incluindo o número do contador do cliente. O e-mail foi enviado no mesmo dia, 4 de Abril.

A pessoa que nos atendeu prometeu responder à reclamação até terça-feira, dia 5, mas até ao fecho desta edição não tínhamos recebido nenhuma resposta.

Por temer esta demora, facto que veio a acontecer, dirigi-

mo-nos à Central de Atendimento da EDM, localizada na avenida Eduardo Mondlane (Agência-Sede), na posse de todos os comprovativos, enviados pelo autor da reclamação.

Porém, a funcionária responsável pela área dos reembolsos recusou-se a atender este caso alegadamente porque o cliente já tinha apresentado a reclamação à agência da Marien Nguabi, onde se localiza o posto de venda de energia Credelec que fez a cobrança da dívida.

O que o cliente deve fazer, segundo a funcionária, é aguardar pela resposta ou pedir que lhe sejam devolvidos os documentos e os comprovativos entregues à agência da Marien Nguabi e, a seguir, participar o caso à Agência-

Sede.

Este caso é, no mínimo, estranho porque noutros bairros o reembolso de valores cobrados ao consumidor devido à falha do sistema é imediato, bastando para tal o lesado levar os comprovativos e apresentá-los à agência da EDM mais próxima.

Tomando este caso e tantos outros que têm sido enviados ao nosso Jornal, somos da opinião de que as instituições públicas deviam fixar prazos para evitar que o cidadão fique muito tempo à espera de uma resposta. Do nosso lado, esperamos que, após este tempo que o Provedor do Consumidor está a levar para resolver este caso, o mesmo nos dê uma resposta satisfatória.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: *por carta* – Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; *por Email* – averdademz@gmail.com; *por mensagem de texto SMS* – para os números 8415152 ou 821115.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Publicidade

Plano Poupança Família

Comece a programar hoje o que fará a diferença amanhã!

Subscreva já o Plano Poupança Família, o plano que lhe permite poupar quando quer, como quer e quanto quer.

Millennium
bim

Millennium
bim

A vida inspira-nos

www.millenniumbim.co.mz

21 35 00 35
82 35 00 350
82 35 00 360
82 35 00 370
84 35 00 350

RADAR

COMENTE POR SMS 821115

Editorial

averdademz@gmail.com

Hélder Xavier
shirangano@gmail.com

Um Governo Pai Natal

Diz um milenar ditado chinês, e nisto os chineses são exímios e sábios, que não se deve dar peixe a um pobre mas antes ensiná-lo a pescar, pois assim poderá apanhar muitos peixes e nunca mais terá fome.

Pois o nosso Governo, que ultimamente tem abraçado tanto as directivas chinesas, bem podia seguir este ensinamento com séculos, direi mesmo milénios, de confirmação de bons resultados, ou não estivesse no conhecimento a grande riqueza dos povos. Se não fosse essa constante vontade de aprender o Japão, só para dar um exemplo, não seria o país que hoje é: a terceira maior economia do mundo e um dos países mais ricos deste mesmo mundo apesar de não possuir qualquer riqueza natural, que outros possuem e tanto desperdiçam.

Vem isto tudo a propósito da introdução, nos próximos tempos - fala-se em Junho - da tal cesta básica - cabaz composto por pão, açúcar, peixe de 2ª categoria, óleo alimentar e feijão - que deverá abranger perto de 1,8 milhão de pessoas em todo o país.

Ouço isto e pasmo, especialmente depois de ler em grandes parangonas na imprensa o ministro da Planificação e Desenvolvimento, Aiuba Cuereneia, defender que o país não pode mais viver de subsídios, numa referência clara à subvenção às gasolinehas e às panificadoras a que nos últimos tempos temos assistido.

Talvez seja eu que esteja a ver mal as coisas mas esta esmola em forma de cabaz de primeira necessidade não vai criar 1,8 milhão de dependentes? Parece-me bem que sim. Dá-se de um lado para se tirar do outro, tapando-se, uma vez mais, o sol com a peneira.

O grande argumento para a tomada desta medida é que o Governo andava a sustentar, tanto no combustível como no pão, indiscriminadamente ricos e pobres, colocando-os no mesmo patamar. Ou seja: pagava o justo (pobre) pelo pecador (rico). Muitos ricos compravam pão e enchiam o depósito de gasolina para ir gingar para a Marginal com o dinheiro do Governo. E isso, aos olhos do Governo, era uma tremenda e inqualificável injustiça, como se toda a vida tivéssemos sido súbditos do rei Salomão.

Igualmente, os critérios de atribuição da cesta, se não são falaciosos logo à partida, são-no na prática. Supostamente as cestas irão ser atribuídas a quem possui um vencimento mensal igual ou inferior a 2 mil meticais. Vejamos: quem, neste momento, auferir um salário de 2200 meticais já não tem direito à "esmola" governamental. Imaginem as pessoas que estão naquela faixa entre os 3 mil e os 3,5 mil. Seguramente que irão, de conluio com a patrão, informar que têm um salário de 1800 ou 2 mil para terem direito à cesta. Imaginem os contratos de trabalho que irão ser feitos à pressa para estarem ao abrigo da cesta. Se calhar, quando derem por ela, não será 1,8 milhão de pedintes mas o dobro.

Será que ao dar estes 'peixes' - não se está a ensinar ninguém a pescar - o Governo irá poupar em relação aos gastos actuais? É uma questão de tirar o lápis da orelha e fazer as contas, porque estes cálculos estão ao alcance de qualquer merceeiro. Outro busilis: será possível organizar toda esta logística de uma forma satisfatória, que beneficie mesmo quem necessita? Tomando como exemplo as inspecções automóveis e os cartões de registo dos telemóveis, processos aparentemente bem mais simples, tudo leva a crer que não.

Pode ser que me engane muito mas parece que já estou a ver os produtos das cestas expostos nos dumbanengues, a preços bem longe dos bolsos dos necessitados aos quais se destinavam.

Parece também que já estou a ver os automóveis dos camaradas a fazer as vezes das renas do Pai Natal, distribuindo mensalmente os cabazes pelos seus militantes, dando corpo à máxima: 'O Natal é quando um homem quiser.'

"Da Educação e da Saúde estamos falados. Se todos tivessem dinheiro para anunciar a morte dos seus entes queridos, o "Notícias" não teria espaço para falar do tomate do Chokwé que apodrece no mercado grossista do Zimpeto", in Editorial "Canal de Moçambique"



Boqueirão da Verdade

"Ao ponto a que as coisas chegaram fica provado que o Governo não tem governado. Os seus membros andam constantemente distraídos com os seus próprios negócios e a ver que proveitos podem tirar dos cargos. Depois é isto que se vê. Até a Procuradoria-geral da República faz de conta",
Editorial, in Canal de Moçambique

"O Governo mais uma vez veio provar que não tem visão. E não tem ideias que permitam o país sair do beco em que nos meteram. Mas insiste em querer fazer crer a todos nós que não há alternativa para tanta incompetência e safadez",
idem

"Aliás, a questão dos medicamentos fora do prazo cheira-me a casca de banana colocada no percurso de Ivo Garrido, porque não 'é normal que tenha sido só ele a chpar pela situação, se à frente do departamento responsável estava alguém que, pelo contrário, ganhou uma promoção",
Francisco Mandlate, in O País.

"Nos últimos tempos temos estado a viver momentos de terror devido ao recrudescimento das acções criminais

que, muitas vezes, são praticadas por grupo de jovens. Suspeita-se que os referidos crimes sejam praticados por jovens do bairro dada a frequência com que ocorrem",
Aurélcio Mujovo, Jornal Notícias.

Os crimes são protagonizados por indivíduos do bairro porque não é possível vir alguém de fora para arrombar uma casa que não conhece. O bairro das Mahotas está a viver momentos de incerteza, pois não se sabe quem será a próxima vítima, sendo necessário enfrentar os grupos de marginais, pois a intervenção da polícia é reduzida",
idem.

"Dizem os 'tapa-furos' que o Governo está de "tangas", por isso há que impor jejum de pão e água sem fim à vista ao povo, e que as instituições do Estado devem aprender a adaptar-se às novas realidades impostas pela crise global",
Gento Cheleca Jr, Wamphula Fax

"As últimas autarquias de 2008, lembro de ter dito ao povo que haveria de criar governos paralelos nos municípios onde nós achamos que deveríamos ganhar de facto, onde a Frelimo encheu votos,

carregou eleitores dos distritos para poder encher e ganhar, toda a gente sabe disso, que a Frelimo não ganhou as autarquias, roubou e finge",
Afonso Dhlakama

"Na minha opinião, é do seu direito visitar o país, que isso é presidência (republicana) aberta nego. Num acto corrupto, Armando Guebuza vai reunir comités da Frelimo nas províncias e distritos. Digo desde já, que se Armando Emílio Guebuza reunir com os comités da Frelimo, o Tribunal Administrativo tem que debitar à Frelimo. Que o Tribunal Administrativo rigorosamente controle o tempo que Armando Emílio Guebuza se dedica ao partido e não à nação inteira",
http://comunidademocambicana.blogspot.com/

"O tal negócio é o da criação de colares e de outros acessórios feitos com base em vestuário, de preferência de algodão, aparentemente sem nenhuma serventia. Por conta disso, muitos adultos se têm queixado do desaparecimento de camisetas e não se lhes conhece o destino... Contudo, isso são outros quinhentos!"
http://ximbitane.blogspot.com/

OBITUÁRIO: Ange-Félix Patassé

1937 - 2011 - 74 anos



Ange-Félix Patassé, antigo presidente da República Centro-Africana, morreu esta terça-feira, dia 5, num hospital de Douala, nos Camarões, noticiaram agências internacionais. Não foi anunciada a causa da morte mas familiares disseram que Patassé sofria de diabetes e que estava internado desde o passado mês de Março devido a uma febre tifóide. Contava 74 anos.

Patassé foi uma das figuras-chave nas últimas décadas da história deste pequeno país africano (quatro milhões de habitantes), um dos mais pobres do mundo. A sua carreira política começou pouco depois da ascensão ao poder de Jean-Bedel Bokassa, em meados dos anos '60. Primo de uma das esposas de Bokassa, Patassé desempenhou vários cargos governamentais. Em 1977, Bokassa autoproclamou-se imperador da República Centro-Africana e nomeou Patassé primeiro-ministro.

No entanto, rapidamente Patassé rompeu com Bokassa. Antes ainda de o regime do imperador ser derrubado num golpe de Estado com o apoio da França, Patassé partiu para o exílio e formou um grupo de guerrilha contra Bokassa, o Movimento para a Libertação do Povo Centro-Africano, tendo inclusivamente tentado organizar um golpe contra Bokassa com a ajuda do mercenário francês Bob Denard.

Durante o regime do presidente David Dacko, que sucedeu ao ditador com apetites canibais, Patassé chegou a ser preso. Com a alcuha de "Shaolin" devido ao seu gosto por filmes de artes marciais, passou praticamente toda a década de '80 no exílio, regressando em 1992 para se candidatar à presidência. No ano seguinte, tornou-se presidente, ao vencer as primeiras eleições democráticas na história da República Centro-Africana. Foi reeleito em 1999 mas o mandato foi marcado por grande agitação política e por sucessivas insurreições militares. Em 2003, acabaria por ser derrubado na sequência de um golpe liderado por um dos antigos aliados e chefe das Forças Armadas, o general François Bozizé, hoje presidente do país.

Novamente exilado, voltou ao país em 2009, declarando a intenção de se candidatar às presidenciais deste ano. Debilitado, praticamente não fez campanha, sendo derrotado por Bozizé. Mesmo assim, foi o segundo candidato mais votado, com 21,4% dos votos, e queixou-se de irregularidades durante o escrutínio.

Só no início deste mês é que Patassé teve permissão para sair da República Centro-Africana, sendo levado de urgência para o hospital camaronês onde viria a falecer.

SEMÁFORO



VERMELHO – Produção Nacional

Pela boca de uma das pessoas mais abalizadas na matéria que este país conhece, o académico João Mosca, a produção em Moçambique era melhor nos tempos da guerra entre irmãos do que hoje. Numa altura em que circular nas estradas deste país podia facilmente significar o passaporte para a morte, produzia-se mais chá, copra, algodão, sisal, arroz, carnes ou leite. Uma vergonha para um país que conhece a paz há quase 20 anos!



AMARELO – MISAU

Depois de o ministro da Saúde, Alexandre Manguete, ter vindo a público dizer que havia uma gritante falta de medicamentos no país, num dos armazéns arrendados pelo MISAU, uma quantidade enorme de fármacos foram encontrados com o prazo de validade expirado há mais de cinco anos! A negligência tem limites. A quem deverão ser assacadas responsabilidades? Provavelmente a ninguém. Como sempre.



VERDE – Malangatana

As últimas pinceladas do mestre não foram sobre a tela como, quase sempre, fazia mas sim sobre a chapa de um automóvel de marca Fiat modelo 500. A obra, apresentada inesperadamente a título póstumo, nada fica a dever às outras. "A Italiana", como lhe chamou Malangatana, vai agora ser divulgada por todo o mundo e lícitada pelo maior valor possível. A receita destina-se à Fundação com sede em Matalana.



Francisco Alberoni *
Jornal "I"

@Verdade da Manhiça

A lição esquecida do Império Romano

O período que estamos a viver na Europa assemelha-se à última fase do Império Romano, quando a economia estava estagnada, o exército era demasiado caro para poder ser sustentado e havia uma redução significativa da população. O vazio criado foi preenchido por povos germânicos que começaram por se infiltrar pacificamente no império para, em seguida, serem recrutados para as legiões e acabarem por invadir o império com as suas próprias armas.

Da mesma forma, a Europa de hoje apresenta um desenvolvimento económico reduzido, uma burocracia demasiado dispendiosa e uma baixa taxa de natalidade que resulta no óbvio envelhecimento da população. O vazio está a ser preenchido por pessoas jovens e prolíficas que vêm de diferentes países do mundo menos desenvolvido - em particular do Norte de África, de onde alcançam facilmente a costa italiana.

Mas quem são estes migrantes? Muitos deles são pessoas que passam fome, que fogem aos regimes opressivos que dominam os seus países. Mas, o mais importante, é que são também essencialmente jovens empre-

endedores e esforçados que querem fazer o seu caminho na Europa, para onde se deslocam com toda a sua família.

O que se verifica, aliás, é parecido com o que aconteceu no passado nos Estados Unidos - caso no qual os imigrantes eram os europeus e não tiveram especiais dificuldades de integração, uma vez que partilhavam a mesma religião, havia uma única língua e um poderoso sentimento patriótico.

Na Europa, em vez disso, há diversas nacionalidades, línguas e religiões e, em vez de uma única nação orgulhosa da sua identidade, coabitam aqui mais de 30 países diversos e com diferentes idiomas.

Os recém-chegados, mesmo que se queiram integrar, não encontram um modelo único e uma única pátria para os receber e se tornar dominante, pelo que é mais fácil manterem os laços com o país de origem.

Não me recordo de um fenómeno de contornos semelhantes na história. Sempre se encontrou uma grande mistura de línguas e religiões nas capitais dos grandes impérios: de Roma à Babilónia, passando, mais re-

centemente, por Londres e Paris. No entanto, isso acontecia apenas na capital, que contava, ao mesmo tempo, com um governo sólido e uma língua oficial reconhecida.

Hoje a Europa é um continente sem um governo ou um idioma unificador. Qualquer sonhador optimista imagina o dia em que será possível criar uma civilização euro-asiática-africana feliz, mas por agora o resultado de todas as tentativas nesse sentido resume-se a uma Europa ainda mais fragmentada no plano político, no plano cultural, na língua e na religião.

A Itália, no centro do Mediterrâneo, acaba por ser aquele que se encontra mais exposto, com graves problemas económicos e sem poder contar com a ajuda europeia.

Tendo tudo isto em conta, é essencial que ultrapassemos os problemas económicos com que hoje somos confrontados sozinhos, contando apenas com a nossa inteligência e apoiando-nos sobretudo no nosso bom senso.

*Jornalista e sociólogo



Francisco J. Pedro Chuquela
Cronista

Escurtínio Escolar d'@VERDADE

Natal, dia do banho, chinelo novo e refresco

O sono não me visitou, ou seja, não visitei o sono na noite do dia que antecedia o Natal de um ano distante de que não me lembro. A mente trabalhava, trabalhou até que o sol do dia 25 de Dezembro se levantasse.

Durante a noite toda, pensava no estilo que aplicaria ao estrear o novo par de 'pipocas', uns chinelos de sola frágil, quase esponjosa. Com o novo par substituiria o do ano que se fora, depois teria que poupar, usando só para saídas importantes, aguardando outro Natal para ser presenteado com um outro par.

Procurava-me recordar do succulento sabor a Coca-Cola, pois o meu último refrigerante havia sido no Natal do ano que se fora, isto é, tinha aguardado, à semelhança de outras crianças da minha laia, 365 dias para adocicar mais um cool drink. Ah! Não conseguia pegar sono aquela noite.

Não pegava sono. Através de umas ligeiras separações entre o caniço que fazia as quatro paredes da casa da titia Rassi, onde ia passar o Natal, consegui ver os cães passa-noites a namorar no quintal da titia Rassi. E os orifícios do telhado de zinco enferrujado deixavam-me assistir à lua apagar-se à medida que o sol se levantava do seu esconderijo para alumiar o Natal daquele ano distante, ano de que não me lembro, aliás, não cheguei a saber que ano era, eu era um puto de entre cinco e sete anos de idade e não controlava o tempo. É que naquela altura, nós, tipos pequeninos, não controlávamos o tempo, não fazíamos agendas, não tínhamos nem programinhas que nos fizessem pensar

nos dias de semana, diferentemente dos miúdos de agora, que têm acesso a essas novelas brasileiras, música, etc., nem tinhamos aparelhos para isso.

Com o sol já nas alturas, um ruído fazia-se ouvir do lado donde a titia Rassi dormia, era ela a acordar, pois os raios invadiam a casa de caniço e zinco e picavam-nos. Fechei os olhos e fingi estar em profundo sono enquanto a titia despertava a prima Sau, mais velha que eu.

- Sau, acorda!

- Uhm, uhm! - reclamava a prima Sau, com a preguiça do sono a tomar conta do seu rosto de mulher forte e trabalhadora.

- Hyeiwena, acorda! Preguiçosa.

Escutei a conversa quando a prima Sau despertou, por acaso gostei do diálogo. Falavam de me dar xiquento no momento em que estariam a fazer os deliciosos pratos da festa de Natal.

- Fazer coisas rápidas porque Chiquito vai acordar com fome dali.

- Sim, mamã. Vou esquentar comida de ontem se ele acordar agora.

Percebi que ao acordar, naquele momento, teria algo para comer, mesmo antes de se prontificar a mesa do Natal. Comecei a mexer-me em gestos de quem ressuscitava do sono lento.

- luhm, iuhm - isso fazia eu erguendo a cabeça e ressurgindo dos cobertores. A titia acariçou-me os lábios e beijou-me a testa ainda com palavras de mãe na ponta da língua.

- Chiquito, acordou? - Afirmei com a cabeça, fingindo ser dominado pelo peso do sono acabado de ir.

12 horas. Era já hora da festa. Eu saía do banho de balde, naquele tempo o banho de criança podia ser feito no meio do quintal. Nós não éramos como crianças de hoje, que pensam que têm algo a esconder, quando tudo se encontra ainda em crescimento e amadurecimento.

Um gingar autêntico via-se em mim, com chinelo novo. Precisei de ensaiar e exercitar o estilo de andar para sair de dentro da casa até a mesa da festa, posta no meio do quintal. Sinceramente, aquele par de chinelo fez-me descobrir o meu orgulho, que hoje se esconde com a máscara da cristandade, sim pois cristãos são orgulhosos, mas sabem ser humildes.

Na mesa, comia muito do que tinha, mas poupava o refresco, que tomei até a metade da garrafa. O que restava queria levar de passeio, pois queria que todas as outras crianças da área me vissem limpo, pois na altura banho de criança nos dias quaisquer era só na hora de dormir para não voltar a sujar. Queria passear para exibir o novo par de chinelo e refresco. Tudo isso eu tinha que expor porque era só uma vez por ano.

Táh, táh, táh... - esse era o barulho de chinelo ao longo do meu passeio. Todos tinham que olhar.

Mas para minha vergonha, outras crianças estavam de novo sapato. E eu, de novo chinelo.



Não tem preço. [facebook.com/JornalVerdade](https://www.facebook.com/JornalVerdade)

SELO D'@Verdade

averdademz@gmail.com

DEPUTADO 251

Sou Deputado e faço parte da bancada majoritária, o Povo moçambicano.

Peço a sua atenção para falar dos problemas do nosso país, quando vivemos a grande crise económica.

Temos reparado que nos últimos anos o acesso ao dinheiro tem sido limitada a grande maioria dos moçambicanos, isso deve-se a crise económica.

Mas temos de arranjar alternativas internas para inverter esta situação, mas o que temos reparado, é que isso mostra-se utópico.

Fico triste quando vejo que o nosso país o planeamento é feito a curto prazo e sem coerência.

Penso que os grandes actores deste país (Partidos políticos) sentem-se à mesma mesa, para discutir e decidir sobre o futuro de Moçambique e dos Moçambicanos, despidos de cores e interesses partidários, só assim estaremos perante um democracia perfeita.

É necessário repensar nos sectores produtivos do nosso país. Temos solos férteis mas mal aproveitados.

Devemos reduzir a agricultura de subsistência e aventurar para uma agricultura mecanizada para produção em larga escala e por sua vez dará espaço para a Agro-indústria e pecuária e vias ideais de escoamento.

Só assim iremos reduzir o volume de importações, apreciando assim o Metical, moeda nacional.

Agora, não devemos queixar-nos de quadros para desenvolver este país, mas sim a correcta distribuição deste para os sectores chave.

Iremos resolver de uma vez vários problemas, desde a proliferação da capital e suas consequências, problemas de alimentação, fraco escoamento, problemas de habitação, equilíbrio da balança económica, mais postos de trabalho, redução dos subsídios de pão e transporte, entre outros.

Assim é que teremos os benefícios da Integração regional, porque agora, com a retirada de barreiras alfandegárias, Moçambique perde tanto por ser um corredor de mercadorias para os países vizinhos devido a ausência de taxas e tendo em conta que as importações são maiores que as exportações.

Outro facto que não compreendo é o incentivo fiscal ao sector peivado, pois este seria o braço forte de fonte de receita ao Estado, é verdade que elas contribuem para o desenvolvimento do país, sem dúvida.

É preciso seleccionar os projectos que entram no nosso país, os decisores devem olhar de ponto de vista social e não financeiro.

Estamos perante um problema internacional mas que tem efeitos drásticos aos moçambicanos devido lacunas internas existentes.

Mas não tenho dúvida de que com este Governo, num território com a dimensão de uma Swazilândia, seria perfeito.

A continuar assim, todos vamos acabar como meu amigo André, que vendo que não encontra formas de sair da sua condição de pobreza decidiu inventar uma doença a fim de ficar internado num hospital, afinal lá tem todas refeições e são gratuitas.

MAIS UMA PÂNDEGA VAI NO ADRO

Inesperadamente, o Parlamento adiou a aprovação da resolução sobre a criação da Comissão ad-hoc incumbida de rever a Constituição da República. Mas pouco importa a sua protelação, até porque os moçambicanos já estão habituados a esse tipo de teatro protagonizado por actores amadores de muito mau gosto de sempre. Aliás, aqui o problema é outro.

Diante de tal situação, a de adiamento, é indiscutível: o Parlamento moçambicano é exemplo mais bem acabado de um parque de diversões - mais do que a Disneylândia -, além de um sentido de economia de esbanjamento e exibicionismo desenfreado à custa do cadavérico dinheiro público.

A preparação da revisão da lei-mãe prossegue em silêncio - e em segredo. E abrirá um rombo de 20 milhões de meticais nas contas públicas para o pagamento de subsídios (mas que forma mais cínica de dizer comissões!) aos membros da Comissão e para a realização de seminários nos quais tais doutos senhores irão afogar-se em sucessivos e massificados almoços regados com vinho e whisky dos mais caros que há no mercado.

As três equipas cravadas na Assembleia da República movimentam-se, qual orquestra em que cada instrumentista toca uma música diferente, para defender os interesses dos seus partidos políticos - na sua maioria, não explicado -, ao invés de resguardarem os legítimos interesses de um povo que é forçado a viver à intempérie na fatídica ilusão de que os seus "doutos" representantes - os mesmos que regularmente se comportam quais simios quando esbarrem em um cacho de bananas - cuidarão do seu destino.

De um lado, está a turma dos "camaradas" que, com aquele ar de meros empregados públicos cientificamente preparados para produzir um documento, escrito em um idioma parecido com o português para aldrabar incautos, pregam

fervorosamente a necessidade da revisão da Constituição. E não falam nos aspectos que se pretendem alterar. Mas todo mundo - pelo menos todo o ser humano em seu juízo e que não escamoteia a realidade - sabe que o fim último é acomodar os interesses do chefe-economicamente-todo-poderoso, também conhecido por Presidente da República.

Este grupo, na sua habitual chatice congénita, continua a demonstrar desprezo absoluto por alguns princípios básicos da democracia, valendo-se da maioria absoluta parlamentar. Prossegue indiferente ao eleitor, ao povo e à opinião pública.

No meio, temos uma espécie de "bobos da corte". Desconhecem o que se pretende mudar na Constituição, mas não abdicaram de indicar um deputado. Aliás, em busca de holofotes, exigiram explicação sobre a revisão, mas como é sabido - por aquele saber de experiência feito - a turma dos "camaradas" tem alergia a qualquer tipo de esclarecimento e, por essa razão, faz ouvidos moucos, quando não, vem com conversa para boi dormir.

Do outro lado, encontra-se a turma dos "odientos" que tem o (péssimo) hábito de jogar tudo na sua vingança, além de fingir que é oposição - e eu também finjo que acredito. Mas, desta vez, eles têm um motivo legítimo para as suas demonstrações recorrentes de ódio. Recusam-se a embarcar, qual bestas de carga, na trapaça habilmente orquestrada pelos "camaradas" - ou não fossem, estes, políticos profissionais que medram à custa do subdesenvolvimento espiritual e cultural de um povo ensinado a dizer "viva".

E o final desta novela é previsível: protagonistas e figurantes a darem beijinhos uns aos outros por gastarem muita energia - leia-se dinheiro - para algo que não irá beneficiar em nada o povo! Alguém interrompe essa marcha de divertimento?

Laurent Gbagbo cercado pelo assalto final das forças rivais

O Presidente cessante da Costa do Marfim, Laurent Gbagbo, estava, na última quarta-feira, na residência presidencial cercado pelas forças rivais, que lhe lançaram um último assalto. Alassane Ouattara, reconhecido internacionalmente como o novo chefe de Estado, terá dado ordens para que Gbagbo não seja abatido.

Texto: **Jornal "Público"**

Vamos tirar Laurent Gbagbo do seu trono e entregá-lo à vontade do Presidente da República", disse à AFP Sidiki Konaté, porta-voz do primeiro-ministro de Ouattara, Guillaume Soro.

Uma fonte do Governo francês – que estava na quarta-feira a tentar negociar as condições da partida do antigo líder – adiantou que “o Presidente Ouattara considera que as conversações para obter a rendição de Gbagbo já duram há muito. Por isso decidiu intervir militarmente para tentar resolver o proble-

ma, ou seja, capturar Gbagbo com vida”.

Os disparos de armamento pesado começaram a ser ouvidos perto da residência em Abidjan no início da manhã de quarta-feira, depois de um dia de intensas mas infrutíferas negociações.

“Eu não sou um kamikaze, eu amo a vida”, disse Gbagbo na terça-feira a um jornalista francês. “A minha voz não é uma voz de mártir, não procuro a morte, mas se ela vier, virá.”

O chefe da diplomacia francesa, Alain Juppé, disse à rádio France Info que as “condições” da partida de Gbagbo, debilitado militar e politicamente, são “a única coisa que falta negociar”.

Juppé chegou a dizer, a meio da tarde de terça-feira, que o seu país estava “a dois dedos” de convencer o Presidente cessante da Costa do Marfim a deixar o poder, mas quando se esperava o anúncio da sua queda, Laurent Gbagbo insistiu na posição que mantém há quatro meses: afirmou que não reconhece o

triunfo do seu rival, nas eleições presidenciais de Novembro, uma exigência da ONU e da França.

“Nós pedimos à ONU que garanta a sua integridade física, bem como a da sua família (...) e que organize condições para a sua saída. É a única coisa que falta negociar”, declarou o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Interrogado acerca de um eventual exílio na Mauritânia, Juppé respondeu: “Não tenho indi-

cações nesse sentido”. “Espero que a persuasão baste e que se evitem as operações militares”, acrescentou o governante, denunciando uma “teimosia absurda”. “Gbagbo já não tem nenhuma opção, todo o seu mundo caiu”, adiantou.

“Vamos continuar com a ONU, que está a liderar as pressões para que ele aceite reconhecer a realidade (...) É a ONU que negocia e que lhe pede para respeitar as resoluções do Conselho de Segurança, ou seja, que admita a sua derrota”, disse

ainda o chefe da diplomacia de Paris.

Acerca da questão de saber se Gbagbo irá ou não enfrentar os tribunais internacionais, Alain Juppé respondeu: “Apenas o Tribunal Penal Internacional poderá tomar essas decisões”.

Por seu lado, o chefe de Estado-maior do Exército francês, o almirante Edouard Guillaud, afirmou à rádio Europe 1 que Gbagbo “não tem outra escolha” que não seja a rendição e a saída do país.

“Quem controla o cacau controla a política e a guerra”

Jean Arsène Yao, marfinense de 41 anos, é doutorado em História e professor da Universidade de Abidjan, a capital económica da Costa do Marfim. Presentemente vive em Madrid, Espanha, embora se desloque com frequência àquela cidade que está praticamente a cair nas mãos das forças de Alassane Ouattara, o presidente eleito.

Texto: **Silvia Blanco / "EL País"** • Foto: **Lusa**

Laurent Gbagbo tem negado abandonar o poder apesar de ter perdido as eleições de Novembro de 2010. Quando é que se pode situar a origem do presente conflito?

Jean Arsène Yao (JAY) – Tudo começou em 1993, com a morte do primeiro presidente do país, Félix Houphouët-Boigny. O seu primeiro-ministro, Alassane Ouattara, e o presidente do Parlamento, Henri Konan Bédié – o sucessor de acordo com a Constituição – disputaram a presidência. Bédié

ganhou e, um ano depois, inspirado por um grupo de intelectuais marfinenses, criou o conceito de ivoirité (marfinidade), que aos poucos se foi desvirtuando para se converter numa arma de arremesso contra uma parte da população, principalmente do norte (malinké e senufo), zona de origem de Ouattara. Nesta região Ouattara obteve entre 70% e 90% dos votos.

Ouattara foi impedido de se apresentar às eleições em duas ocasiões, devido ao facto de o seu

pai ser proveniente do Burquina Faso. Há um fundo xenófobo nisto tudo?

(JAY) – No período anterior a 1960, quando a Costa do Marfim ainda era uma colónia, os franceses trouxeram muita mão-de-obra exterior para as plantações de cacau, o que faz com que um terço da população seja estrangeira. Procedem do Níger, Mali, Senegal e Guiné-Conacri, e sobretudo do Burquina Faso. Este imigrantes chegaram de países muito mais pobres e de maioria muçul-

mana, atraídos pelo ‘milagre marfinense’ dos anos 70 e identificaram-se mais com os povos do norte. Ouattara, ao lutar pela presidência, converteu-se num símbolo para esta gente. O problema com Ouattara era a origem do seu pai, que, ainda que tivesse vivido muitos anos na Costa do Marfim, foi enterrado no Burquina Faso.

A Costa do Marfim é o principal produtor mundial de cacau. Como é que o conflito tem condicionado a produção?

(JAY) – O cacau representa 40% das receitas de exportação do país. Serviu para financiar grandes projectos mas também a guerra. Quem controla o cacau controla a guerra, a política, a economia, daí o interessa das forças de Ouattara em tomar o porto de São Pedro, desde onde se exporta o cacau. O comércio e o transporte estão controlados pelos malinké, etnia de Ouattara. Economicamente fortes, só lhes faltava o poder político, e Ouattara encarnava esta hipótese. Aqui também há que contar com os interesses das multinacionais.



A Costa do Marfim foi sempre um mercado importante e controlado pela França. Com a chegada de Gbagbo as coisas começaram a mudar. China, Rússia, África do Sul e Brasil ganharam uma importante parcela de mercado à França, que vê em Ouattara alguém que pode defender os seus interesses.



Aqui ficam algumas chaves para entender o conflito na Costa do Marfim:

Texto: **"EL País"**

Porque é que Gbagbo e Ouattara disputam o poder?

Após as eleições presidenciais de Novembro de 2010, entre acusações mútuas de fraude, a comissão eleitoral anunciou a vitória do ex-primeiro-ministro, Alassane Ouattara, com 54,1% dos votos. Ao invés disso, o Conselho Constitucional, partidário de Laurent Gbagbo (no poder desde o ano 2000), assegurou que o presidente foi eleito com 51,45%. A comunidade internacional reconheceu a vitória de Ouattara. Gbagbo não abandonou a presidência e exigiu que as tropas da ONU e da França se retirassem do país. Paris recebeu uma petição das Nações Unidas para intervir no conflito e no dia 3 ordenou às suas forças militares no país para dispararem sobre as posições das forças do presidente cessante.

Quem é Gbagbo?

Laurent Gbagbo chegou ao po-

der no ano 2000 substituindo Robert Guei, que por sua vez havia chegado ao poder após umas eleições fraudulentas que provocaram fortes protestos populares. O mandado de Gbagbo expirou oficialmente em 2005, mas as eleições foram adiadas por seis vezes, até que finalmente tiveram lugar em Novembro de 2010.

Gbagbo rejeitou todos os apelos internacionais para que abandonasse o poder, não reconhecendo a sua derrota. Não fez caso nem da unânime condenação internacional, nem das ameaças de retirá-lo do poder pela força. Neste momento encontra-se em parte incerta. Suspeita-se que tenha abandonado o país após a intervenção militar da ONU e da França.

Condenação Internacional

A ONU, os Estados Unidos, a União Europeia e a França, o antigo colonizador, reconheceram

a vitória de Alassane Ouattara e apelaram repetidas vezes para que o presidente cessante abandonasse o poder. O Conselho de Segurança e as NU aprovaram sanções contra o regime de Gbagbo e Washington congelou os seus bens e os da sua esposa, Simone Gbagbo.

Episódios de Violência

A disputa entre Gbagbo e Ouattara gerou uma onda de violência no país, com confrontos na principal cidade, Abidjan, e na antiga linha da frente da guerra civil de 2002, entre o norte e o sul da Costa do Marfim. O chefe de Estado Maior do Exército, leal ao presidente Gbagbo, o general Philippe Mangou, declarou na segunda-feira que as suas tropas “deteram as forças de Ouattara, na manhã seguinte após a decisão da ONU e da França de disparar sobre as posições do presidente, segundo avançou a agência France Presse.

As forças leais a Gbagbo fizeram 10 vítimas mortais no dia 28 de Março, segundo a Operação das Nações Unidas na Costa do Marfim (ONUCI) que também acusou as forças leais a Ouattara de disparar contra um helicóptero da ONU. No dia seguinte, 800 pessoas morreram nos confrontos entre ambos os lados em Duekoué (oeste), anunciou uma fonte da Cruz Vermelha. A ONU atribuiu pelo menos 330 dessas mortes aos soldados de Ouattara, pedindo que seja iniciada uma investigação isenta.

As Nações Unidas têm destacados no terreno cerca de 10 mil capacetes azuis. A violência desencadeada pelas eleições já causou 462 mortos desde Novembro.

Demissões no Governo de Gbagbo

O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Alcide Djadjé, já declarou que abandonou o Governo do

presidente cessante, tendo-se refugiado na residência do embaixador francês em Abidjan.

Refugiados e Deslocados

Só em Abidjan (a maior cidade do país com mais de 6 milhões de habitantes), um milhão de marfinenses teve de abandonar as suas casas para fugir da violência, de acordo com o Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), e cerca de 100 mil já se encontram na Libéria. A situação alarmou muito as organizações de ajuda, sobretudo a situação dos deslocados, que em duas semanas passaram de 40 mil para 100 mil.

Crises Internas

Existe uma fractura grande entre o norte, maioritariamente muçulmano, e o sul, fundamentalmente cristão, para além de tensões étnicas e económicas.

Situação Económica da Cos-

ta do Marfim

Com 21,6 milhões de habitantes, o país é o maior produtor mundial de cacau. Antes de 1999 – ano em que viveu o primeiro golpe de Estado desde a independência em relação à França, em 1960 – era considerado a jóia da África Ocidental. Porém, entre 1999 e 2007, as guerras entre o norte e o sul deixaram o país com índices de desenvolvimento semelhantes aos seus vizinhos. Desde o fim da guerra civil, em 2003, a crise internacional fez-se sentir e o crescimento estagnou. A partir de 2008 produziu-se um crescimento de 4%. Em 2006, os rendimentos do petróleo superaram os 300 milhões de dólares do cacau, até ao momento a sua matéria-prima mais importante. Gbagbo anunciou este mês que o seu Governo se havia encarregado da compra e da exportação do cacau. O presidente cessante anunciou igualmente a nacionalização das sucursais dos bancos franceses.

O julgamento do Primeiro-Ministro italiano, Silvio Berlusconi, que arrancaria nesta semana em Milão só será retomado no dia 31 de Maio.

MUNDO

COMENTE POR SMS 821115

Déspotas há muitos...

Analisar significa, antes de mais, distinguir. Perante a agitação que se tem vivido no mundo árabe, isso nem sempre tem sido feito. Contrariamente ao que afirmam alguns neoconservadores, nem todos os autocratas são maus e devem ser depostos. As diferenças morais existentes entre este e aquele ditador são tão grandes quanto as existentes entre ditadores e democratas. Há ditadores benevolentes aos quais seria insensato virar as costas.



Texto: **Jornal Financial Times**

Visão, legitimidade formal, existência de um contrato social e capacidade de tornar a sociedade mais complexa em termos institucionais e, logo, apta a mais liberdade, tais são as características de um “bom” ditador. O líbio Kadhafi, por exemplo, não pertence de forma alguma à mesma categoria do omanita Qabus ibn Said, cujo sultanato foi palco de violentas manifestações de jovens há poucas semanas.

Também não se pode comparar o antigo ditador egípcio de tipo brejneviano Hosni Mubarak com o enérgico rei Abdallah da Jordânia. O sultão Qabus construiu estradas e escolas no seu país, melhorou o estatuto das mulheres e protegeu o ambiente. Governa com uma visão semelhante à de muitos ditadores asiáticos de outros tempos, como o chinês Deng Xiaoping, o singapurense Lee Kuan Yew e o mais problemático Mahathir bin Mohamad, da Malásia, que fizeram os seus países sair da pobreza e emergir uma classe média.

À semelhança dos monarcas da Jordânia, do Koweit e dos Emirados Árabes Unidos, a legitimidade do sultão Qabus estriba-se na tradição real. O mesmo não se pode dizer quanto aos dirigentes dos Estados policiais da África do Norte, sem nenhuma tradição e desprovidos de visão.

Esta legitimidade radica num contrato social que trata as pessoas como cidadãos mais do que súbditos e tem por primeiro objectivo o desenvolvimento económico e social.

Os dirigentes chineses estão cientes de que devem gerar pelo menos 7% de crescimento anual para evitar tumultos generalizados. Mesmo que o consigam, o contrato social desagrega-se à medida que a sociedade progride, porque os cidadãos, nomeadamente os jovens, querem que a liberdade económica se faça acompanhar de liberdades políticas.

Por consequência, os jovens revoltados da China e de Omã são diferentes dos da África do Norte. Habitaram-se a esperar cada vez mais dos seus dirigentes e rebelam-se quando estes não podem dar resposta às exigências.

Na Tunísia e no Egipto, os jovens foram condicionados a aceitar cada vez menos e esperaram pacientemente um momento de fraqueza do poder para dar vazão à sua cólera.

A ditadura líbia é um caso à parte. Representa um grau de megalomania e de atomização social procedente directamente da Antiguidade e quase sem paralelos contemporâneos. Ao contrário dos déspotas benevolentes, o coronel Kadhafi não construiu nenhuma instituição.

Nos Estados do Golfo, os ministérios funcionam, bem como no Egipto e na Tunísia, embora com deficiências. Na Líbia são praticamente inexistentes. Como fazia notar Samuel Huntington, nos anos 1960, quanto mais complexa for uma sociedade, mais instituições serão necessárias para a governar. O trabalho do déspota esclarecido deveria ser estruturar hierarquicamente a sociedade, de modo a permitir a emergência de classes económicas diferentes e a transição de um nível para outro.

O que faz o sucesso de um ditador benevolente - o facto de renunciar à tirania - leva-o, em última análise, à própria queda. As liberdades políticas devem ser acompanhadas de um certo nível de complexidade social. A única circunstância capaz de permitir que um ditador escape à tragédia é ver o seu povo avançar sem ele e sem que o caos se instale. O mais certo é não lhe ser reconhecido qualquer mérito em vida.

Só hoje se reconhece na Indonésia que Suharto contribuiu para preparar o seu país para os dez anos de democracia que se lhe seguiram. Era corrupto, mas, mesmo assim, a população beneficiou com o seu governo.

O sultão Qabus tem de compreender que, uma vez adquirida a complexidade social, o ponto alto do seu reinado seria conceder alguma verdadeira democracia. Se conseguir acalmar os manifestantes, poderá tornar-se o Lee Kuan Yew do mundo árabe. A ideia pode parecer descabida neste período de agitação democrática, mas, quando a presente euforia acalmar, tornar-se-á claro que vencer a tirania não se cinge a organizar eleições.

SÍRIA - Assad, o falso reformador



A bloguista Tal al-Mallouhi foi condenada a cinco anos de prisão pelo Supremo Tribunal de Segurança do Estado, de sinistra reputação e sinónimo das piores farsas jurídicas. A condenação de uma jovem de 19 anos é reveladora da natureza do regime ditatorial, corrupto e mafioso que governa a Síria desde o golpe de Estado de 1970.

Texto: **Jornal Al-Raee Atlanta**

Alguns ainda esperaram que Bashar al-Assad ordenasse aos seus esbirros que aligeirassem a sentença. Não se queixem por terem sido defraudados. Até porque o Presidente ainda não ouviu as vozes vindas da Tunísia e do Egipto. Este falso reformador, auto-apresentado como jovem adepto da Internet quando herdou o poder em 2000, gaba-se, agora, de o seu regime estar a salvo de manifestações. Estaria imunizado contra os “vírus”...

Mal acabou de dizer tiradas destas, virou os tentáculos contra umas poucas dezenas de jovens cujo único crime foi o de se terem reunido numa praça em Damasco, “armados” com velas, a fim de expressar solidariedade à revolta egípcia.

Este falso entusiasta da Internet também não deixou que o funeral do cineasta Omar Amiralay (a 5 de Fevereiro) se realizasse com normalidade. Enviou os seus sequeiros para impedir que o acontecimento fosse filmado, mesmo por telemóveis.

Este autoproclamado herói da transparência, que falava da opacidade dos outros regimes, não suportou que os sítios na Internet e dezenas de organizações árabes e internacionais dos direitos humanos tivessem apoiado a causa de Tal al-Mallouhi. Isto enfureceu-o e levou-o a tomar medidas drásticas.

Antes de ser levada a tribunal, manietada e de olhos vendados, a jovem foi submetida a todos os tipos de humilhação. A Secção 285 dos serviços secretos deixou escapar rumores de maus tratos.

A família foi submetida a todos os tipos de ameaças, até o pai declarar à imprensa que Tal não tinha sido presa pelo que tinha escrito mas por ser uma espia dos Estados Unidos.

Como se a superpotência norte-americana precisasse de recrutar adolescentes... (Tal está acusada de se ter encontrado com pessoal diplomático norte-americano durante uma viagem ao Cairo quando tinha 15 anos.)

Os caças israelitas sobrevoam os palácios da família Assad. As instalações (nucleares) foram bombardeadas na Síria profunda (em 2008). E querem convencer-nos de que Washington precisava desta jovem bloguista para saber segredos de Estado. O regime não tem medo do ridículo!

Mesmo que a bloguista Tal tivesse cometido um crime, a família e os seus compatriotas tinham o direito de saber. Como pode o regime proclamar a transparência e levar esta rapariga a um tribunal de opereta apenas com direito a um advogado oficioso e onde a sua própria mãe foi impedida de entrar? Se os juizes estão tão seguros dos seus actos, porque recusaram um processo público? Porque nunca foi revelado o local de detenção da vítima?

É deplorável que tantos sírios, incluindo militantes dos direitos humanos e opositores ao regime, tenham ficado indiferentes a este caso. Mesmo os residentes no estrangeiro que manifestaram em Paris a sua solidariedade com os tunisinos e os egípcios, e são activos na Internet a condenar Ben Ali e Mubarak, desinteressaram-se completamente de Tal al-Mallouhi.

Isto revela as fraquezas da oposição síria e o seu amadorismo na utilização da Internet. Revela, sobretudo, uma demissão moral. Não seria altura de levantar a voz e pedir a reabertura do caso? É altura de colocar o dedo na ferida: é o próprio Presidente que está na origem destas mentiras e destas efabulações que infestam o país.

IÊMEN - Sistema Tribal e Petróleo



“No fim de Fevereiro, as duas grandes confederações tribais, os Hached e os Bakil, deram o seu apoio ao movimento de protesto que agita o país desde fins de Janeiro”, sublinha o The Christian Science Monitor.

A reviravolta na posição das duas confederações, que representam a maioria da população do Norte do Iémen, constitui um claro golpe para o Presidente Ali Abdallah Saleh, no poder há 37 anos e ele próprio oriundo do clã dos Hached. Apesar de o sistema tribal ter sido minado no Sul, durante o período comunista (1970-1990), as tribos iemenitas do Norte constituem um pilar do regime desde a reunificação do país, em 1990. Contudo, no seio da confederação, as tribos estão divididas quanto à posição a adoptar.

Perante o aumento das manifestações que exigem a sua partida, Saleh esforçou-se por reatar alianças, tentando satisfazer os interesses de cada um e explorando tanto os laços de parentesco como as rivalidades. “Há quem deteste Saleh, mas os Hached beneficiaram largamente do poder e acumularam uma grande fortuna”, refere o jornal. Nos últimos anos, a descida das receitas do petróleo refreou a prodigalidade de Saleh. A subida do preço do crude poderá ajudá-lo.

ARGÉLIA - Um Autocrata à Conquista da Opinião Pública



As marchas que a Coordenadora Nacional para a Mudança e a Democracia (CNCD) organiza todos os sábados, desde 12 de Fevereiro, não suscitam uma mobilização forte. A CNCD, que reúne vários pequenos partidos de oposição, grupos de defesa dos direitos humanos e organizações sindicais, tem dificuldade em encontrar uma plataforma comum. “Os militantes argelinos deviam acabar com a dependência do francês e utilizar o inglês, para tirarem melhor partido do Twitter e do Facebook e darem a conhecer as suas reivindicações à escala internacional”, considera Wided Khadraoui, na revista Foreign Policy.

A ausência de grandes partidos e a resposta repressiva das forças da ordem durante as manifestações não bastam para explicar o insucesso da CNCD. O Presidente Abdelaziz Bouteflika adoptou uma nova estratégia para refrear o descontentamento: a 22 de Fevereiro, anunciou medidas de incentivo ao emprego jovem e de luta contra a corrupção; e, a 24 de Fevereiro, levantou o estado de emergência, em vigor desde 1992. Esta estratégia parece estar a acalmar as frustrações de uma população ainda traumatizada pela guerra civil (1992-2002).

MARROCOS - Um Rei Acima de Qualquer Suspeita



“Sim à revolução, sim à mudança, mas com o rei e não contra ele”, afirma o director do semanário marroquino TELQUEL, Karim Boukhari. Após a subida ao trono, em 1999, Mohammed VI tem multiplicado os gestos conciliatórios: opositores amnistiados, criação do organismo Equidade e Reconciliação para reunir dados sobre os casos de tortura durante os Anos de Chumbo (dos anos 1960 aos anos 1980), reforma da Moudawana (código de família), ajudas financeiras a várias obras de caridade...

Mas as fronteiras entre o código de família e os textos religiosos não são muito claras, a censura continua a ser uma prática corrente e a lista dos problemas do país é longa: desemprego, corrupção, analfabetismo. Uma vez que o rei tem interesses em várias empresas industriais e financeiras, muitos marroquinos exigem o estabelecimento de limites constitucionais ao seu poder e o reforço do papel do Parlamento (já anunciados pelo rei), mas continuam a ser leais ao monarca, “comandante dos crentes”, e a uma monarquia com mais de 1200 anos.

OMÃ - Um Déspota Esclarecido



No pacífico sultanato de Omã, dois manifestantes foram mortos a 27 de Fevereiro, em confrontos com as forças da ordem, em Sohar, o principal centro industrial do país, a norte da capital, Mascate. As palavras de ordem entoadas nessa manifestação pacífica eram uma réplica das reivindicações proclamadas noutros países árabes: denúncia da corrupção do Governo, exigência de empregos, mais justiça, reformas políticas e liberdade de expressão.

No entanto, “o sultão Qabus ibn Said é um homem culto: grande apreciador de música clássica, criou, em 1985, a Orquestra Sinfónica Real de Omã”, salienta num tom elogioso o jornal The Guardian.

Nascido em 1940, Qabus ibn Said chegou ao poder em 1970, depois de ter deposto o pai, Said ibn Taimur. Com três milhões de habitantes, dos quais 43% têm menos de 15 anos, e riquezas petrolíferas que representam perto de 65% do PIB do país, o sultanato de Omã enveredou pela via da prosperidade: infra-estruturas modernas, hospitais, estradas asfaltadas na perfeição e uma educação em pleno desenvolvimento.

Mas Omã é uma monarquia absoluta, onde qualquer crítica ao poder é severamente reprimida, onde a polícia não precisa de mandato para entrar nas casas, onde as páginas da Internet são controladas.

O sultão, que modernizou o país, enfrenta uma nova geração instruída, que não conheceu o subdesenvolvimento de Omã antes dos anos 1970 e que está ligada ao mundo através dos canais de televisão por satélite e da Internet.

BAHREIN - As Tácticas do Rei



A primeira reacção da monarquia do Bahrein perante os protestos de rua foi a repressão brutal: o primeiro balanço foi de sete mortos e dezenas de feridos. O regime tem a seu favor o facto de contar com um exército constituído, em grande parte, por estrangeiros recentemente naturalizados, que dificilmente simpatizarão com as motivações da população.

Quando viu que a repressão não impedia os manifestantes de sair à rua e que estes não tinham receio de se expor às balas, o rei Hamad bin Issa al-Khalifa mudou de estratégia. Agora, deixa que as manifestações decorram sem confrontos, contando que o movimento, que dura há mais de um mês, se esvazie.

O regime pensa que as propostas de diálogo acabarão por quebrar a unidade da oposição, que se esforça por se apresentar como sendo de inspiração xiita (a maioria do povo é xiita, sendo a família real sunita), com a acusação subjacente de ser telecomandada por Teerão.

“Quero ir prender Kadhafi”

Texto: Henrique Cymerman / jornal “Expresso” • Foto: AFP

Encontrámo-nos num pequeno hotel de Doha, capital do Qatar, cujo nome Omar não quer ver publicado. Ele e a mulher, Zeina, britânica convertida ao Islão, temem que tentem matá-los. @ Verdade reproduz aqui, com a devida vénia, a entrevista publicada no jornal português “Expresso” do passado dia 2 de Abril.

Em 2009, enviados de Bush bateram-lhe à porta. O que queriam?

Omar Bin Laden (OBL) – Levar-me para os Estados Unidos, sob protecção, em troca de ajuda para encontrar o meu pai. Disse que não. É meu pai, sou filho dele e, regra geral, um filho gosta do pai e respeita-o, embora possa discordar, muitas vezes, das suas ideias. Saí do esconderijo do meu pai com 20 ou 21 anos. Não foi por ele, quis apenas voltar a casa e fazer-me à vida.

Que pensa do terrorismo?

(OBL) – Não apoio a violência, os ataques e esse tipo de coisas, excepto se autorizados pelos grandes governos, por bons motivos, como sucede na Líbia. A ONU usa o seu exército para procurar a paz.

Onde estava a 11 de Setembro de 2001 e como se sentiu?

(OBL) – Não quero falar muito disso. Não sei quem está por trás do atentado, ponto final. É um tema doloroso.

Não sabe mesmo?

(OBL) – Não é isso que importa. É um tema velho e falar dele não fará bem a ninguém.

O que importa é que não estou de acordo com esse acto. Morrem inocentes por todo o mundo, é certo. Sinto o mesmo por todos eles, judeus, palestinianos, americanos, afgãos, iraquianos... são seres humanos

O seu pai ficaria desiludido com essas palavras, depois de o ter treinado?

(OBL) – Não tenho recados para o meu pai, vivo no meu mundo e ele, no dele.

Que pode fazer contra a violência?

(OBL) – Depende do estado do país e das pessoas. Às vezes recorrem à força por terem sido expulsos de casa, e aí há que usar a força para repor a justiça. Já os que usam a força só porque querem controlar o mundo, sem razão, violam os direitos humanos.

Há, então, ocasiões em que é legítimo a Al-Qaeda recorrer à força?

(OBL) – Da Al-Qaeda não sei. Parece que estão em muitos países e fazem muitos planos... alguns são amáveis, outros malvados, outros religiosos, outros terroristas, outros razoáveis. Todos deixam



as suas famílias e recebem a hospitalidade do meu pai, com quem ficam.

Acha que o seu pai está vivo?

(OBL) – Não sei, mas acredito que sim.

Recebeu alguma mensagem dele desde que saiu do esconderijo?

(OBL) – Não. Nisso sou igual a si. Recebeu alguma mensagem do meu pai?

Não. Mas fica triste ao falar

dele...

(OBL) – É muito enervante. Só dou a entrevista por crer que é para o bem de todos.

Justificou o ataque a Kadhafi. Apoia as revoluções árabes?

(OBL) – Em muitos países há povos que se unem para derrubar governos. Não é o caso da Arábia Saudita. Agradeço ao rei Abdallah, que Deus o abençoe e à família Saud. São justos, por isso não têm problemas. Benditos sejam o povo do Qatar e o emir Hamed, que luta pela paz. Graças a Deus a situação no Golfo Pérsico é boa. No Norte de África é diferente, há lutas, porque os líderes erram e fazem o povo passar fome. Só têm duas hipóteses: consertar o que está mal ou dar o lugar a alguém que o povo tenha escolhido. Combater o povo, matá-lo... não é bom. Os outros países devem corrigir tais situações.

Então apoia a revolução no Egito?

(OBL) – O povo egípcio poderá responder-lhe. É legítimo depor Mubarak mas não o seria expulsá-lo ou desrespeitá-lo, pois dedicou toda a sua vida à presidência. Tem direito a

morrer na pátria.

É necessário derrubar Kadhafi?

(OBL) – Tanto ele como o filho cometem actos terroristas contra civis. De início, os cidadãos não quiseram depô-los, mas por fim não tiveram outra alternativa.

Deve ser detido?

(OBL) – Sim. Se o rei saudita consentir, irei pessoalmente prendê-lo.

E se o seu filho Ahmed, de 7 anos, perguntar quem tem razão, o pai ou o avô?

(OBL) – É cedo para lhe falar dessas coisas. Nunca conheci um terrorista em toda a vida. Bom... Alguns, talvez, mas afastei-me. Direi a Ahmed que não se torne terrorista. Devemos ser gente normal que vive uma vida normal.

Mudava o seu passado se pudesse?

(OBL) – O que passou, passou. Em Dezembro o Qatar adere à Aliança de Civilizações da ONU e, se quiserem, posso ser enviado para o Médio Oriente. O mundo inteiro tem de agir em nome da paz.

Como nasce uma nação



Depois de um bem-sucedido referendo, nasce um novo país. Mas criar de raiz os adereços de um novo Estado não é fácil.

Texto: Revista The Economist • Foto: AFP

O Sudão do Sul escolheu o seu hino nacional em estilo democrático: os coros concorrentes apresentaram-se numa sala de concertos a abarrotar, em Juba - a desordenada e suja capital do novo Estado. Os puristas protestaram, dizendo que a melodia vencedora não se ajustava à letra. Ainda assim, a decisão colocou uma primeira pedra no caminho para a soberania.

O que irá seguir-se poderá ser menos divertido. Ligar o novo país à rede invisível do sistema internacional implica obter desde o indicativo telefónico ao sufixo de Internet, criar ligações postais, controlo do tráfego aéreo e direitos aduaneiros.

O serviço diplomático e consular já está a tomar forma. Cerca de cem sudaneses do Sul trabalharam como diplomatas

do novo Estado; membros da diáspora já ocupam cargos em muitos países. Mas são precisos mais funcionários. Alguns estrangeiros apressam-se a ajudar. A ONG Independent Diplomat presta serviços de consultoria ao novo Estado. A Áustria disponibilizou cinco vagas na mais antiga escola diplomática do mundo, em Viena.

A primeira tarefa é formal mas vital: obter o reconhecimento diplomático. Conseguir o aval de cerca de 190 países levará tempo - a Estónia, que recuperou a independência em 1991, mantém relações com apenas 170, tendo o Haiti sido aquele que mais recentemente se juntou à lista, em 2010. Mas o reconhecimento dos principais governos do mundo (e a provável ausência de vozes discordantes) permite dar um passo

essencial: tornar-se membro das Nações Unidas.

O Sudão do Sul vai percorrer o caminho de Timor-Leste, da Eritreia, da Eslováquia, dos Estados da antiga Jugoslávia e das antigas repúblicas soviéticas, cujo nascimento contou com a bênção dos grandes países.

O processo pouco tem de fascinante: os novos países não obtêm uma certidão de nascimento autenticada nem são recebidos com fanfarras. Em vez disso, a Secção de Terminologia e Referência da Divisão de Documentação das Nações Unidas regista o Estado na coluna “Nomes de países” que lista, em seis línguas, o nome comum e o nome oficial de todos os Estados-membros da ONU. Os excluídos - como a Abecásia, Kosovo, Chipre do Norte e Sara

Occidental têm de se contentar com um lugar em listas menos importantes, como as que são compiladas pela Divisão de Estatística da ONU, para fins menos políticos.

O registo em Nova Iorque põe em marcha vários mecanismos. Permite ter um lugar na ISO 3166-1, um directório compilado pela Organização Internacional de Normalização, com sede em Genebra. Esta lista converte os nomes dos países em códigos de duas e três letras (como AFG para Afeganistão ou ZWE para Zimbábue).

Estes códigos ajudarão a colocar o novo Estado no seu lugar na ordem internacional e a designar os seus cidadãos nas

de topo nacionais (TDL) utilizados nos endereços na Internet (como “.fr” para a França e “.de” para a Alemanha) correspondem aos códigos de duas letras da ISO. As páginas de Internet do Sudão do Sul poderão vir a ter um sufixo lógico mas sinistro: “.ss”.

Os códigos telefónicos internacionais são atribuídos pela União Internacional das Telecomunicações (UIT), uma agência da ONU que também tem sede em Genebra. A UIT atribuirá ao Sudão do Sul um indicativo de zona, que substituirá o +249 do Sudão. (A Eritreia, até agora o mais recente país de África, detém o +291 e, por isso, o +292 poderá ser o do Sudão do Sul.) A UIT também distribui os com-

mentos de desconstracção no circuito dos cocktails, os novos diplomatas do Sudão do Sul terão de estabelecer laços com uma longa lista de organizações. A Organização da Aviação Civil Internacional não se ocupa apenas de viagens aéreas e, assim, irá ajudar o novo Governo a emitir passaportes de leitura óptica. A União Postal Universal permitirá que os novos selos de correio do país (ansiosamente aguardados pelos filatelistas) sejam utilizados em cartas para o estrangeiro.

Esta é uma grande barreira para os aspirantes a países fora do redil: o correio da Somalilândia transita quase sempre através da Etiópia; até há pouco tempo, o correio da Palestina tinha de passar por Israel; até 2008, o correio entre Taiwan e a China continental seguia por Hong Kong ou Macau. O Sudão do Sul não tem costa mas pode muito bem aderir à Organização Marítima Internacional, presentemente muito preocupada com a pirataria em águas das proximidades. Cerca de metade dos Estados interiores de todo o mundo pertencem a este organismo.

Talvez demore algum tempo para se proceder à inclusão do novo país em manuais escolares, enciclopédias e mapas. Algumas bibliotecas que lutam com falta de fundos ainda têm atlas que incluem fósseis como a União Soviética e a República Democrática Alemã. Contudo, ao fim de décadas a lutar pela independência, paciência é o que não falta ao Sudão do Sul.



bases de dados de imigração, e permitirão que a libra do Sudão do Sul figure nas bolsas internacionais quando o novo país passar a ter existência oficial, em Julho.

Em geral, os grandes domínios

primários de onda de rádio. O Sudão do Sul não terá no imediato um programa de satélites espaciais, mas o novo país terá lugar no poderoso Registo Internacional das Frequências.

Antes de terem os seus mo-



AMÉRICA DO NORTE

Barack Obama anuncia recandidatura

O Presidente norte-americano, Barack Obama, anunciou, esta segunda-feira (4), a sua candidatura a um segundo mandato de quatro anos na Casa Branca. A campanha para as presidenciais de 2012 foi anunciada num novo site de campanha do Presidente que assegurou querer “proteger os progressos efectuados”. “A campanha está a arrancar”, pode ler-se no site de Obama. “2012 começa agora e é aqui que dizemos que alinhas.” No vídeo lançado pela candidatura, intitulado “Tudo começa connosco”, várias pessoas testemunham a importância da reeleição e falam sobre a sua visão da política. “Há tantas coisas que ainda estão em cima da mesa que precisamos de ser tratadas. E nós queremos que sejam tratadas pelo Presidente Obama”, diz uma mulher chamada Gladys, do Nevada. Um outro americano, um jovem de Nova Iorque, aparece no filme. “Mesmo não podendo votar na altura, eu sabia que algum dia poderia ajudar a reelegê-lo. E é isso que

pretendo fazer.” “Concorrer à presidência é uma decisão profunda”, disse Obama há quatro anos atrás. Como nessa altura, Obama volta a apostar na inovação face às anteriores campanhas de presidentes em exercício: a sede da recandidatura, bem como toda a equipa de estratégias, conselheiros e assessores, ficará baseada em Chicago e não em Washington, como é tradição. A distância da capital acentua duas mensagens fundamentais: a de que o programa não vai ser definido nos corredores do poder mas antes reflectir as preocupações reais do resto do país; e de que a campanha eleitoral não interferirá com a actividade normal da Casa Branca, poupando toda a “entourage” do Presidente dedicada à governação. Obama, que bateu todos os recordes na arrecadação de donativos na sua primeira campanha eleitoral, ao reunir 750 mil milhões de dólares, poderá tornar-se o primeiro candidato a conseguir mil

milhões de dólares de financiamento, um valor sem precedentes na política norte-americana. Essa é, pelo menos, a estimativa do Campaign Finance Institute de Washington, uma organização não governamental que vigia o financiamento partidário nos Estados Unidos. “Tendo em conta que antes ele recolheu 750 milhões de dólares, a nova franquia é muito plausível”, referiu o director executivo, Michael Malbin. Barack Obama, de 49 anos, foi eleito com 52 por cento dos votos nas presidenciais de Novembro de 2008 e entrou em funções em Janeiro de 2009, tornando-se o primeiro Presidente negro dos EUA. De acordo com os números de Março do Pew Research Center, 47 por cento dos eleitores americanos disseram tencionar votar em Obama se este se recandidatasse, contra 37 por cento que indicaram que o seu voto iria para o candidato presidencial republicano, seja ele quem for. / Por Redacção e Agências



EUROPA

Não há outra chanceler senão Angela Merkel

As eleições de domingo antepassado (28) no Baden-Württemberg e na Renânia-Palatinado tiveram um único vencedor: o partido Os Verdes. Os ecologistas conseguiram aumentar as esperanças dos eleitores alemães numa nova política. Contudo, agora têm de cumprir o prometido. Não vai ser fácil. O cancelamento do grande projecto ferroviário e urbano Stuttgart 21, na capital do Estado, irá eliminar empregos e investimentos importantes em infra-estruturas – por muito que sejam os eleitores que querem vê-lo desaparecer. Em matéria de energia nuclear, o encerramento de dois reactores no Estado suprimirá montantes significativos de receitas fiscais. Tais mudanças irão sem dúvida abalar a Alemanha, muito para além das fronteiras deste Estado do sudoeste. Ainda assim, os resultados das eleições mostram que os Verdes têm uma coisa que, neste momento, falta aos outros partidos: um perfil claro. Têm credibilidade e representam uma visão. Claro que os Verdes não são o único partido a festejar os resultados das eleições de domingo. O SPD (Partido Social-Democrata Alemão, de centro-esquerda) também está em festa, embora não seja óbvio porquê.

Na Renânia-Palatinado, a consulta eleitoral custou-lhes perto de dez pontos percentuais, quase fazendo-os perder o governo do Estado. No Baden-Württemberg, o SPD desempenhará um papel secundário em relação aos Verdes na nova coligação governamental. Na verdade, o SPD não conseguiu tirar partido da situação, numa altura em que o Governo de Angela Merkel – que reúne a CDU (União Cristã-Democrata) da chanceler e os liberais-democratas do FDP – salta de crise em crise em Berlim. Foram sobretudo os Verdes a beneficiar dessa situação. É evidentemente tentador prever a queda de Angela Merkel, após o desastre sofrido pela CDU-FDP no Baden-Württemberg. Contudo, fazê-lo seria incorrecto. Não há dúvida de que a chanceler cometeu erros. Os caminhos em ziguezague que seguiu nas áreas do nuclear e da política externa também não ajudaram: a iniciativa de fechar reactores nucleares, a abstenção no Conselho de Segurança da ONU sobre a zona de exclusão aérea na Líbia e o dispendioso pacote de resgate do euro deram a volta aos estômagos dos seus próprios partidários. Para além das derrotas eleitorais, o seu Governo tem pouco para mostrar,

ao fim de ano e meio no poder em Berlim. E a lista não fica por aqui. Pior ainda: os próximos dois anos – antes das eleições gerais de 2013 – deverão ser dolorosos. A coligação CDU-FDP há muito que perdeu o controlo do Bundesrat, a câmara alta do Parlamento alemão. E a frustração existente no seio dos dois partidos deverá dar origem à discussão da orientação política. Devido às perdas eleitorais sofridas pela CDU, Angela Merkel não tem a força política, para já não falar do carisma pessoal, necessários para conter tais discussões. O ressentimento contra a chanceler está a aumentar, em especial na ala conservadora do seu partido. Apesar disso, Angela Merkel vai continuar no cargo. Afinal, há muito que vem a preparar-se para estes tempos difíceis. Na CDU, não há ninguém capaz de lhe disputar o lugar. Todos os seus potenciais adversários aceitaram a derrota ou foram afastados pela chanceler e chefe da CDU. O caso mais recente foi o de Karl-Theodor zu Guttenberg, frequentemente apontado como possível sucessor de Angela Merkel, que se demitiu do seu Gabinete depois de ter admitido que plagiara parte da sua tese de doutoramento. / Por Der Spiegel



ÁFRICA

Manifestação pela liberdade de expressão junta uma centena

Cerca de uma centena de pessoas, sobretudo jovens, participou no passado sábado (2) numa manifestação em Luanda pela liberdade de expressão em Angola. Os jovens que convocaram a manifestação fazem parte do grupo de cerca de 20 pessoas - entre as quais jornalistas -, que foram detidas no passado dia 7 de Março em Luanda, quando pretendiam participar numa manifestação convocada anonimamente nas redes sociais para exigir o fim da “ditadura de 32 anos do Presidente José Eduardo dos Santos”. A manifestação foi autorizada pelo governo provincial de Luanda e foi seguida de perto pelas forças de segurança, sem que, até ao final da tarde, tenham sido relatados quaisquer incidentes. Os manifestantes empunharam cartazes a apelar à

liberdade de expressão e ao fim do governo do Presidente José Eduardo dos Santos. Também no sábado, numa cerimónia para assinalar o nono aniversário do estabelecimento da paz em Angola, o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola, no poder) pediu aos seus militantes para estarem vigilantes em relação aos que agora convocam manifestações a contestar o regime angolano. “Fiquem atentos com esses indivíduos oportunistas, que foram estudar no exterior do país sem conseguirem terminar os cursos e querem vir falar em nome dos jovens angolanos”, disse o segundo secretário provincial do MPLA, Jesuino Silva, citado pela Angola Press. / Por Redacção e Agências



ÁSIA

Japão procura ajuda russa para pôr fim à crise nuclear

O Governo japonês luta para combater a pior crise atómica mundial desde o acidente de Chernobyl, na Ucrânia, na década de 1980. Engenheiros japoneses na usina de Fukushima, afectada pelo terramoto e tsunami de 11 de Março, foram forçados a lançar água com radiação no mar e, ao mesmo tempo, estão a recorrer a medidas desesperadas para conter os danos na central nuclear, como o uso de saís de banho para tentar localizar a fonte dos derramamentos

no complexo danificado, situado a 240 quilómetros a norte de Tóquio. Três semanas depois de um terramoto de 9 graus de magnitude e um enorme tsunami terem atingido o nordeste do Japão, provocando o derretimento parcial dos reactores de Daiichi, os engenheiros ainda não estão perto de retomar o controlo da usina de electricidade e de interromper o derramamento de radioactividade. Para ajudar a solucionar a crise

nuclear que já se faz sentir até na Europa central, embora em graus ainda não perigosos para os seres humanos, o Japão pediu à Rússia, uma superpotência nuclear, o envio de um navio especial no campo nuclear, usado para desactivar submarinos nucleares, informaram os media japoneses na segunda-feira. O sismo e o tsunami deixaram cerca de 28 mil pessoas mortas ou desaparecidas e devastaram a costa nordeste do país. O desastre

natural mais custoso do mundo provocou cortes de energia e na cadeia de fornecimento e redução de horas de trabalho. Está a ameaçar o crescimento económico e o iene, a moeda japonesa. Entretanto, uma recente pesquisa de opinião indicou que os eleitores querem que o criticado Primeiro-Ministro Naoto Kan forme um governo de coligação para tirar o Japão da sua pior crise desde a segunda Guerra Mundial. / Por Redacção e Agências



AMÉRICA CENTRAL/ SUL

Cantor Michel Martelly é o novo Presidente do Haiti



O músico Michel Martelly ganhou as eleições no Haiti, com 67,57 por cento dos votos, segundo o Conselho Eleitoral Provisório. O resultado deu lugar a manifestações de alegria em Port-au-Prince. Na capital do Haiti a vitória do popular cantor foi celebrada pelos seus apoiantes que encheram as ruas e cantaram, empunhando a sua fotografia. Mirlande Manigat, a antiga primeira-dama e líder da oposição a Martelly, terá conquistado menos de 32 por cento dos votos. Através da sua conta no Twitter, em breves palavras, o novo Presidente agradeceu ao seu povo: “Trabalharemos por todos os haitianos. Juntos podemos fazê-lo”. A confirmarem-se os resultados anunciados na terça-feira (5), Martelly, também conhecido por “Sweet Micky”, sucede ao Presidente René Préval, no poder desde 2006,

na liderança do país mais pobre da América. Foi no dia 20 de Março que os haitianos votaram num novo presidente e, segundo a missão da ONU no Haiti, as eleições terão tido uma participação superior à da primeira volta que foi realizada a 28 de Novembro. Os resultados definitivos destas eleições deverão ser anunciados a 16 de Abril. / Por Redacção e Agências



OCEANIA

Sismo relança Primeiro-Ministro neozelandês

John Key tem razão em todos os aspectos. A recuperação de Christchurch, tanto do ponto de vista económico como social, não é apenas um desafio para a cidade, mas também para o resto do país, que deverá demonstrar a sua resistência e determinação. O Primeiro-Ministro poderia ter acrescentado que este é também um teste para o Partido Nacional, a uma escala sem precedentes desde as greves de 1951 (ou Strike Waterfront, em que 20 mil trabalhadores paralisaram em solidariedade com os trabalhadores do porto de Wellington). Poderíamos mesmo recuar mais, pois esta é a maior crise em tempo de paz, desde a Grande Depressão, na década de 1930. É também o maior desafio para John Key desde que foi eleito Primeiro-Ministro. Aparentemente, os dados já estavam lançados. As eleições gerais deste ano deviam confirmar a derrota do Governo do Partido Nacional, moderadamente competente, em vez da vitória do Partido Trabalhista, em crise de inspiração. Na verdade, o sismo de Christchurch alterou as regras do jogo e transformou o dia do escrutínio em dia do juízo final. Um julgamento baseado num só critério: a gestão da catástrofe de Christchurch, que promete ser uma recuperação longa e dolorosa, será a medida da competência do Partido Nacional. É tão simples como isso. Desde essa terça-feira fatídica - 22 de Fevereiro, às 12h51m -, a vida política habitual ficou suspensa. Ninguém tem coragem para discu-

tir. O Parlamento reuniu por pouco tempo e apenas para expressar solidariedade para com a população de Christchurch. O escândalo dos BMW estava a fazer vacilar John Key (que negara ter tido conhecimento da compra de limusinas pelo Governo, antes de se saber que estava ao corrente do assunto). A terrível tragédia retirou-o dessa situação incómoda. Dizer que teve sorte é, certamente, odioso, mas é uma realidade política. O actual vazio político beneficia apenas uma pessoa: o Primeiro-Ministro, John Key é omnipresente, para não dizer onipotente. Tirou o maior partido possível da sua posição para estar em todo o sítio ao mesmo tempo e tornar-se visível diante do público e da comunicação social. Era necessário. Incumbe-lhe uma tarefa imensa. Por outro lado, o relançamento da economia de Christchurch num cenário de desolação poderia ser muito rentável em termos políticos para o seu partido, e talvez dar-lhe até deputados suficientes para poder governar sem coligação. No entanto, teria sido mais astucioso trabalhar de mãos dadas com a oposição para acelerar a recuperação de Christchurch: uma decisão que teria provocado o colapso do Partido Trabalhista e permitido ao Partido Nacional assumir a maior parte dos méritos pela recuperação, caso estas políticas venham a ter sucesso. Mas John Key não foi nessa direcção, mesmo que a votação de um imposto especial para a reconstrução de Christchurch em conjunto

com o Partido Trabalhista pudesse ter beneficiado, do ponto de vista político, o Partido Nacional, tido como hostil a qualquer tipo de imposto. Ministros e altos responsáveis preferem trabalhar sem parar na oferta de assistência urgente aos moradores e empresas, para os ajudar a recomeçar as suas vidas até ao estabelecimento de um plano mais adaptado a longo prazo. A prioridade deste plano de emergência é evitar que os acontecimentos de Christchurch venham arruinar a tímida tentativa de recuperação económica em curso no resto do país. Razão pela qual John Key tem insistido na tecla da reconstrução de Christchurch. É preciso convencer os cidadãos atingidos de que a sua cidade ainda tem futuro. O terramoto de Setembro passado mergulhara a cidade numa espécie de torpor e o de 22 de Fevereiro foi praticamente um golpe de misericórdia. Praticamente porque (felizmente) a cidade não ficou destruída. Mas deverá encarar a possibilidade de um declínio econó-

mico significativo. Considerando os danos sofridos pelos edifícios e infra-estruturas da cidade, será difícil retomar o comércio imediatamente. Cientes de que não deve ser excluída a possibilidade de ocorrer outro sismo desta magnitude, provavelmente as PME's vão preferir limitar os prejuízos a continuarem a aguentar-se. Resta saber se alguém está disposto a investir em Christchurch quando a conjuntura económica actual já inspira tantas incertezas. / Por Jornal The New Zealand Herald Auckland



Cerca de 60 novas propostas de investimento directo estrangeiro de 2010 aguardam a sua autorização pelo Governo moçambicano devido à demora dos seus promotores na satisfação das suas exigências e ausência dos pareceres dos ministérios de tutela.

O que há de errado nas novas medidas do Governo?

Todos os dias, mais da metade da população passa fome. Mas o novo pacote de medidas contra o custo de vida apresentado pelo Governo irá apenas beneficiar pouco menos de dois milhões de pessoas nas 11 capitais provinciais. A questão é: será que os restantes moçambicanos excluídos estão dispostos a aceitar passivamente a subida de preço de pão, transporte, combustível e outros bens de consumo nos próximos dias?

Texto: **Hélder Xavier** • Foto: **ISTOCKPHOTO**

O jovem moçambicano Guilherme Alberto Davane, de 31 anos de idade, (sobre)vive da actividade informal ao longo da Avenida Eduardo Mondlane, em Maputo. Reside no bairro de Albasine. Há mais de quatro anos ganha a vida vendendo bolachas, rebuçados, sumos e recargas para telemóveis.

O seu rendimento mensal é, em média, 1800 meticais, com o qual garante, à rasca, o sustento da família, hoje composta por seis pessoas.

Mas isso só é possível devido ao tecto colocado pelo Governo ao preço de pão e transporte. “Esse valor é o lucro mensal, do qual retiro algum dinheiro para o chapa e o resto é para comida”, comenta e afirma que ainda luta para alimentar a família.

Tal como a maioria dos moçambicanos, o anúncio do novo pacote de medidas deixou-o reconfortado, sobretudo em relação à cesta básica constituída por cereais, pão, peixe de segunda, óleo alimentar e feijão, pois Davane presumiu que finalmente grande parte das suas preocupações relacionadas com os bens alimentares teria um fim.

Mas desilude-se quando toma conhecimento de que a situação em que se encontra o desqualifica automaticamente em relação a estes benefícios.

Apesar de ter uma renda mensal inferior a 2 mil meticais, nos próximos dias, Davane não irá beneficiar das novas medidas do Governo e, consequentemente, vai sofrer, mais do que já está, a carga do aumento do custo de vida. Desta vez, por duas razões.

Primeira, não terá acesso aos benefícios, nomeadamente a cesta básica e o passe de transporte, por estar no sector informal, e, segunda, não tem como provar que mais do que ninguém necessita do subsídio.

Este é não um problema exclusivo de Guilherme Davane, mas também é o dilema de todos os outros moçambicanos que se dedicam à actividade informal.

Este sector, que domina a economia nacional, emprega mais de 70 por cento da população activa no país, estimada em cerca de 10.5 milhões de habitantes.

Em Moçambique, é considerada emprego toda a actividade que garante fonte de rendimento, havendo um limite. E, de acordo com essa definição, a taxa de desemprego é de 21 por cento. Quer dizer que, além mais de 7 milhões de pessoas no sector informal que não vão beneficiar das medidas, existem ainda mais 21 por cento de desempregados na mesma situação. Mas, quando usamos a definição da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o desemprego no país ascende à taxa de 60 por cento.

Um Governo padraço

Quanto mais os preços de produtos alimentares sobem, há mais pessoas a passarem fome.

Aliás, dados existentes dão conta de que, todos os dias, mais de metade de pouco mais de 20 milhões de habitantes de que é constituída a população moçambicana passa fome.

Temendo o pior cenário para o país, o Governo tomou novas medidas para atenuar o custo de vida.

Mas, tendo em conta os requisitos para usufruir dos benefícios, as mesmas apenas são destinadas a um número reduzido da população urbana, embora cerca de 70 por cento dos moçambicanos estejam a viver em extrema pobreza na zona rural.

A população urbana totaliza pouco mais de seis milhões (cerca de 30 por cento do total da população moçambicana), mas desse número apenas 1.8 milhão de pessoas que vive nas 11 capitais provinciais, incluindo a cidade de Maputo, vai beneficiar do subsídio, contra cerca de 4.5 milhões, dos quais mais de metade vive em difíceis condições nas zonas peri-urbanas. Somados os números de pessoas excluídas, tanto da zona rural como da urbana, ao todo são 18.2 milhões de moçambicanos, cuja maioria encontra-se a ganhar a vida exercendo uma actividade informal.

Isto é, um pouco mais de 90 por cento da população moçambicana está excluída do novo plano do Governo contra a carestia de vida.

Ou seja, a partir dos próximos dias o pão e o combustível – o que se repercutirá no preço do transporte –, além de outros produtos de primeira necessidade, voltarão a estar mais caros para o povo. A partir deste mês o preço do combustível vai subir gradualmente – o



aumento não será superior a 10 por cento – até Agosto.

Com estas novas disposições, o Governo pretende que, aos poucos, os que se dedicam à actividade informal passem para o sector formal, além de estimular a produção.

O economista do Grupo Moçambicano da Dívida, Humberto Zaqueu, considera incoerente esta visão, uma vez que, acredita, o subsídio foi desenhado para o consumidor e não para o produtor.

“Um indivíduo no sector informal pode empregar alguém, mas não se preocupa com aquilo que os seus empregados ganham para se registar no sistema de subsídio. Mas se dissessem que ele vai ter um subsídio se passar para a formalidade, aí a situação é outra”, diz. O Governo ainda não avançou dados sobre que mecanismos de atribuição do passe serão accionados. Numa entrevista ao jornal “O País”, Aiuba Cuereneia, ministro de Planificação e Desenvolvimento, disse que “há um trabalho que está a ser feito, que terá a contribuição do Governo, dos municípios e dos empregadores”, mas não especificou que medidas estão a ser tomadas de concreto.

Novas medidas: aspectos negativos e positivos



Se colocados numa balança os aspectos positivos e negativos das novas providências anunciadas pelo Governo, ela penderá para o lado negativo. Uma das primeiras situações negativas tem a ver com a forma excludente como se definiram os beneficiários destas medidas.

O Governo estabeleceu que só beneficiarão da cesta básica as pessoas que dispõem de um rendimento mensal igual ou inferior a dois mil meticais, e o passe apenas os trabalhadores e estudantes.

“Esta informação impede que qualquer moçambicano que auferir um salário mínimo acima de dois mil meticais se beneficie. É sabido que, neste momento, o salário mínimo mais baixo é o do sector agrícola, logo os outros sectores são excluídos”, afirma Zaqueu, acrescentando que a outra questão que se coloca é a duração e a capacidade do Governo de continuar a subsidiar. Zaqueu afirma que o grande desafio que o Governo tem pela frente na implementação das medidas é referente à gestão da coisa pública.

“As pessoas que estarão por detrás destas medidas, até que ponto elas vão garantir uma gestão transparente da coisa pública? Não acabará por beneficiar um pequeno grupo? É possível através de um passe beneficiar directamente quem de facto precisa, mas duvido em relação à cesta básica”, questiona.

O economista do Grupo Moçambicano da Dívida comenta que “não está claro” como se irá identificar os beneficiários, e chama a atenção para o facto de que poderá haver desvios de aplicação, ou mesmo casos de beneficiários fantasmas, como tem vindo acontecer no sector de Educação.

Para evitar que situações do género venham a acontecer, o economista sugere que o Governo deve trabalhar com os líderes comunitários, fazendo o registo das pessoas, à semelhança de censo, e a criação de um instituto de apoio. “A informação sai do bairro, passa para o distrito e para província”, diz. Os aspectos positivos, segundo o economista Humberto Zaqueu, têm a ver, primeiro, com o reconhecimento de que existe uma enorme desigualdade social.

Se, por um lado, uns têm rendimento muito alto, outros não têm nenhum, mas todos são submetidos às mesmas forças do mercado, uma situação complicada para as pessoas de baixa renda. “É necessário permitir que as pessoas de rendimento baixo possam encarar o custo de vida de uma forma relaxada.

É preciso prestar atenção aos mais desfavorecidos, pois o preço de transporte é o mesmo para todos, o quilo de arroz custa o mesmo preço para que ganham mais e para quem ganha menos”, comenta.

O segundo aspecto refere-se a uma espécie de justiça social ou redistribuição de rendimentos. “Este apoio vai-se basear no Orçamento do Estado, então, a ser assim, no OE estão os recursos públicos. Se o Governo é capaz de cobrar impostos para ajudar os mais desfavorecidos, este é um acto de justiça”, diz.

A questão é saber como os moçambicanos se vão comportar daqui para a frente: será que vai aceitar estoicamente apertar o cinto mais do que já está? Só o futuro o dirá.

A exportação de algodão para a Indonésia deverá atingir, em 2011, os cerca de 25 milhões de dólares norte-americanos, valor que representa um aumento em cerca de 10 milhões de dólares, face à receita arrecadada no ano anterior.

Pobres após recessão, terramoto e tsunami

Quando a região japonesa de Tohoku foi sacudida pelo terramoto do dia 11, a única coisa em que pensou a comerciante Yayoko Shinohara foi pegar a fêria do dia e correr com o seu marido em busca de um lugar seguro. Quando regressaram, dois dias depois, esse dinheiro era o único que lhes restava.

Texto: **Suvendrini Kakuchi/IPS** • Foto: **ISTOCKPHOTO**



O casal era proprietário de uma loja de alimentos na principal rua comercial do povoado de Manie, que ficou cheia de escombros. E a sua casa, a mais de três quilómetros, estava em ruínas após o tsunami que arrasou a área. “Há décadas trabalhamos duramente para ter uma vida estável, e desapareceu em poucos minutos. O nosso futuro é incerto”, disse Yayoko enquanto esperava na fila para se registar num abrigo temporário.

Duas semanas após o terramoto de 9 graus que deixou mais de oito mil mortos e dezenas de milhares de pessoas desabrigadas, o Japão enfrenta a monumental tarefa de reconstruir povoados e cidades que ficaram em ruínas e deixaram milhares de desempregados. A solução para muitos economistas é impulsionar a recuperação com fundos estatais, o que, segundo o consultor Shigeru Yamada, não é fácil nem mesmo para a terceira economia mundial, que já tinha dificuldades com o aumento

da pobreza, relacionada com um desemprego superior a 5% da população economicamente activa. “O desastre foi um duro golpe para o crescimento económico do Japão”, ressaltou. A crescente dívida pública, maior do que o dobro do produto interno bruto de 5 triliões de dólares, é outro obstáculo para a injeção de fundos estatais.

O custo do prejuízo causado pelo terramoto em sete municipalidades chega a 309 biliões de dólares, informou o governo, alertando que as exportações e a produção industrial diminuirão. O crescimento previsto para este ano é de 0,5%. A previsão oficial está acompanhada de informes sobre a péssima situação da indústria na região de Tohoku.

As fábricas de peças de automóveis tiveram de suspender a produção por escassez de electricidade e as fazendas destroem cultivos contaminados pela radiação emitida pelas centrais nucleares de Fukushima. Além da população de Tohoku, directamente afectada pelo terramoto e pelo tsunami, os mais pobres sentirão o impacto do desastre, pois já sofriam as consequências da recessão económica do Japão, segundo cientistas sociais.

O governo metropolitano de Tóquio informou que 15% dos nove milhões de habitantes dependem da assistência. Mais de dois milhões de famílias recebem ajuda estatal, segundo estatísticas divulgadas em Janeiro, depois de as empresas reduzirem custos em reestruturações para se tornarem competitivas com produtos mais baratos do que outros países asiáticos.

O rosto da pobreza no Japão muda porque pessoas com formação de todas as idades estão em situação vulnerável, explicou o sociólogo Soji Tanaka, da Universidade de Nihon. As previsões não são boas,

já que o gasto social pode reduzi-las mais. “A pobreza é um problema social, mas o futuro do gasto social é incerto, pois são necessários fundos para ajudar as áreas afectadas pelo terramoto”, afirmou Soji.

No Japão há 17% de pessoas pobres, ou seja, que recebem 18 mil dólares por ano e por família.

O sinal de alerta pode ser o anúncio do governo de que vai rever a ajuda de 150 dólares para os filhos, que no ano passado foi ampliada para ajudar as famílias com crianças com menos de três anos, disse Soji.

A situação é “grave” e significa um “retrocesso” para a agricultura e a pesca, a coluna vertebral da economia regional, afirmou, por sua vez, Seishi Kitamura, presidente do Banco de Tohoku.

“Perdi tudo o que tinha na vida”, afirmou Shuichi Iwadoki, dono de uma companhia pesqueira que espera receber do governo um empréstimo a juros baixos para criar outra empresa em Kesenuma, localidade perto de Fukushima.

A beneficência, fenómeno novo na sociedade japonesa, que aumentou no ano passado devido à crise económica, também se tornou uma fonte importante de fundos para a recuperação, segundo doadores locais.

“Começamos com a iniciativa porque o Estado não pode fornecer fundos suficientes para os mais necessitados”, afirmou Yuko Sie, porta-voz do Fundo Máscara de Tigres, uma instituição benemérita que ajuda jovens pobres. “Os japoneses têm de aprender a confiar-se mutuamente para sobreviver”, ressaltou.

Até Agosto próximo, o diesel estará a 49.89 meticais

A partir deste mês, o Governo vai reajustar os preços dos combustíveis, como resultado de um pacote de medidas tomadas em sessão de Conselho de Ministros, com vista a atenuar o custo de vida no país. O Executivo quer que as gasolineheiras passem a aplicar o preço real aos consumidores no país. A medida vai incidir sobre o gasóleo, devendo o preço subir 10% até Agosto, conforme revelou o ministro da Planificação e Desenvolvimento, Aiuba Cuereneia. Considerando a decisão do governo na altura em que os subsídios terminarem, o diesel deverá custar 49.89 meticais, contra os actuais 30.98 meticais.

Texto: **Redacção/ RM**

Actualmente, apenas o gasóleo é subsidiado para evitar a escalada do custo dos transportes e outros produtos de pequena necessidade, mas a partir de Abril já não será assim. O Governo vai agravar o custo dos combustíveis e manter o subsídio aos transportes, pelo menos até Julho deste ano, de modo a proteger a população. Com a eliminação dos subsídios, o Governo espera poupar nove milhões de dólares por mês.

Os grandes consumidores, mega-projectos entre outras empresas, já começaram a pagar os preços reais. E mais, em Agosto de 2011 termina o subsídio aos transportadores e nesta altura o Governo vai introduzir um subsídio aos transportados, nomeadamente trabalhadores e estudantes, na forma de passe. A ideia do Governo é concentrar-se apenas neste grupo para evitar subsidiar pessoas que vão à praia, segundo Aiuba Cuereneia.

De acordo com Cuereneia, o Executivo optou por deixar as regras do mercado imperarem. “Estamos a gastar, actualmente, cerca de 10 milhões de dólares mensais para subsidiar os combustíveis, e, como sabe, é difícil o Governo obter esses montantes, então temos de desviar-nos de alguns programas que deviam ser realizados”, disse o governante.

A despesa do Estado com o subsídio às gasolineheiras atinge 120 milhões de dólares norte-americanos, o que é insustentável, considerando que o Governo decidiu congelar os preços dos combustíveis em 2008. Com o subsídio aos transportados, Aiuba Cuereneia diz que será desembolsado cerca de um milhão de dólares, tendo em conta a participação dos outros actores no processo. Esta medida vai aliviar substancialmente a carga orçamental, na medida em que reduz em nove vezes os actuais gastos.

Moçambique perde acesso ilimitado ao mercado da União Europeia

A redução em cerca de 11% das exportações de açúcar para vários mercados externos, em 2010, privou Moçambique do acesso ilimitado ao mercado da União Europeia (UE), no âmbito da iniciativa EBA (Everything But Arms).

Texto: **Correio da manhã**

A queda das exportações resultou da baixa disponibilidade de açúcar face à demanda interna, segundo a justificação da mesma fonte, destacando que “a maior parte da produção continuou a ser absorvida por vendas no mercado doméstico”, facto que se aliou à existência de um nível de reservas de açúcar muito reduzido, em 2010, o que fez com que a produção do mesmo período fosse para a reposição imediata dos stocks e satisfação do mercado interno.

As exportações foram no volume total de 107 989 toneladas, o correspondente a um encaixe em receitas de 50,7 milhões de dólares norte-americanos, tendo o mercado da União Europeia ficado com cerca de

82,9 mil toneladas de açúcar e o remanescente, estimado em cerca de 24 989 toneladas, sido exportado para o mercado dos Estados Unidos da América.

Entretanto, Moçambique continua a beneficiar do chamado Plano de Acção do Sector Açucareiro financiado pela União Europeia num valor global de seis milhões de euros, dos quais foram já desembolsados cerca de quatro milhões de euros em uso na implementação das actividades de expansão das áreas de produção de açúcar pelos pequenos e médios produtores agrupados em 19 associações.

Estes vendem a sua produção às quatro fábricas de açúcar

do país. Frise-se que este novo plano entrou em vigor em 2009 e implica a eliminação do Protocolo de Açúcar ACP/UE, tendo sido concedido aos países menos desenvolvidos o direito de exportar açúcar livre de taxas para a União Europeia em quantidades ilimitadas, no âmbito da Iniciativa EBA.

Resultante das negociações feitas pelos países do grupo ACP (África, Caraíbas e Pacífico), membros do Protocolo ACP/UE, que culminaram com a assinatura de um acordo, substituindo o Protocolo de Açúcar ACP/UE, estes países exportam açúcar para a União Europeia livre de taxas de exportação num volume mínimo de 1,3 milhão de toneladas por ano.

CONCURSO Bolachas sasseká

GRANDES PREMIOS

1 Plasma 50"

2 Geladeira

3 Home theater

4 Aparelhagem sonora Hi-Fi

5 Televisão Slim Fit

ganhador SEMANAL

Quem mais come, mais happiness tem de ganhar

Nome completo: _____

Data de nascimento: _____ Nacionalidade: _____

Estudante: _____

Sabor preferido: Kibom Morango ☐ Kibom Limão ☐ Kibom Chocolate ☐

Endereço para contacto: _____

provincia: _____ Cidade: _____

Rua: _____

Bairro: _____

Telef: _____ Cel: _____

Email: _____

Recorte esta ficha de inscrição

Junte 3 pacotes de bolachas da Sasseká

Marie, Glucose ou Kibom (qualquer sabor)

coloque num envelope e envie para:

Africom, departamento de Marketing,

Av. do Trabalho nº 1107 R/C

Maputo - Moçambique

Sorteio final no dia 28 de Abril de 2011

A população moçambicana é maioritariamente composta por mulheres. Em 1980, estas constituíam 51% do total de cidadãos e em 1997 o número aumentou para 53%. Segundo o censo de 2007, existem em Moçambique cerca de 10.682.149 mulheres.

Duas mulheres, duas vidas

Uma é um dos rostos mais invisíveis entre as mulheres empresárias nacionais: chama-se Esperança Mangaze e tem 46 anos de idade. A outra é Amélia Macuácuá, de 59 anos, vendedeira de amendoim no mercado de Xipamanine, e é apenas mais um rosto de mulheres no “informal” em busca de sustento para a sua família. Mas ambas têm algo em comum: além de serem moçambicanas, nasceram no meio rural. @Verdade acompanhou as suas vidas por ocasião do 7 de Abril, dia da mulher moçambicana.

Texto: Telma Isac/Redacção • Foto: Miguel Mangueze



Num dos bairros com menor poder de compra da cidade de Maputo, Amélia Macuácuá, de 59 anos de idade, vive do que o sacrifício garante. Ou seja, com mais ou menos esforço há sempre alguma coisa extra que minimiza os buracos que o magro orçamento doméstico deixa. Contudo, o que se leva à boca não chega ao fim do mês. Amélia é casada, tem sete filhos e 20 netos. Há mais de 15 anos, ganha a vida no mercado de Xipamanine.

O dia ainda não se decidiu a nascer e a dona Amélia já está de pé. Mora no Quarteirão 7, no bairro de Minkadjuine. Todos os dias, levanta-se às cinco da manhã para fazer as tarefas domésticas, antes de se deslocar ao seu posto de trabalho. Ela desconhece aconchegos, pois a sua vida foi sempre pautada por todo tipo de privações.

São seis da manhã, a hora de partir para vender no mercado de Xipamanine, e leva na cabeça um saco de amendoim. Sai de casa andrajosamente vestida. Aquela hora o bairro já está acordado, não há lugar para vergonhas. Aliás, “ganhar a vida com suor não é vergonha”, explica. Cumprimenta os vizinhos e rumo ao local onde ganha o sustento diário. E só regressa quando o sol se vai deitar.

A receita, que lhe ‘engorda’ o rendimento mensal inferior a dois mil meticals, garante o sustento da própria e de mais de cinco pessoas: o marido e dois filhos, um dos quais com dois filhos e esposa. Os outros cinco filhos estão casados e vivem nas suas respectivas residências. “Vivemos do que eu e o meu marido ganhamos. Os meus filhos não trabalham, vivem de biscates. A vida não está nada fácil”, desabafa com olhar fugidio. Os dias são mal passados porque a renda familiar não “dá para nada”. Os biscates dos seus filhos rendem algum dinheiro, mas nenhum serve para engordar o pobre orçamento doméstico. Amélia não se queixa, já se acostumou com a ideia de ser mão para sempre e a não esperar nada dos filhos. Na família Amélia, só ela é o esposo é que tentam fazer alguma coisa para engordar o orçamento mensal, mas, diz, “as coisas não são fáceis”. Esta é uma família paupérrima, que vive, basicamente, do “amanhã Deus dará”. Mais do que a crise de combustíveis e cereais a nível internacional, é aos governantes que Amélia imputa a culpa pelas compras de miséria. Adquire um produto por dia para aproveitar os descontos. A carne fica reservada aos dias de festa, sempre no fim do ano. Ontem, dia 7 de Abril, dedicado à mulher moçambicana, Amélia não mudou um centímetro da sua rotina diária. “A pobreza não muda

nessas datas”, afirma.

É casada com Alfredo Siteo, de 67 anos, e, apesar da idade, ambos não se deixam vergar diante das dificuldades da vida. O seu marido trabalha no sector da limpeza, na Escola Secundária Eduardo Mondlane e aufer um salário mínimo de dois mil meticals. O valor chega apenas para obter uns quilos de arroz, peixe de terceira, e pagar a conta de água e luz. Entretanto, cabe à senhora garantir o caril e o carvão durante o mês.

O seu marido, Siteo, é da época em que a cabeça dos jovens era inundada pelo sonho de rumar às minas da África do Sul, todavia, a aventura da emigração nunca lhe rimou nos ouvidos. Lá para as terras do rand, Amélia já não se lembra de quantos homens viu partir, mas Siteo foi muito pouco. “Duas ou três vezes, mas não tenho tanta certeza”, afirma e acrescenta: “primeiro, foi até Nelspruit, com uma muda de roupa, para trabalhar nas ‘farms’, não deu certo e voltou para casa. Depois, foi novamente, levou mais de dois meses e regressou. E isso nunca mais voltou a acontecer”.

Embora as privações de alimentos agudizem diariamente, Amélia não alinha nos queixumes da velhice e tão-pouco o facto de a vida nunca lhe ter sorrido, mas pedir-lhe para falar dos seus filhos abala-lhe a estrutura. “Os filhos que já não estão a viver comigo não me ajudam em nada”, queixa-se.

Mas as lágrimas invadem os seus olhos quando se lembra do seu filho mais novo. Ele tem apenas 24 anos de idade, e encontra-se na prisão há dois meses e deixou uma mulher grávida. “Não sei quando é que ele irá sair da cadeia. A mulher não trabalha e não sei como será o futuro do meu neto que está para nascer”, questiona-se.

O filho estava quase a terminar a 12ª classe, aliás, faltam-lhe apenas duas disciplinas por fazer. Não comenta as razões que levaram o seu filho a parar numa cadeia. “Não gostaria de falar sobre esse assunto”, diz como os olhos inundados de lágrimas que insistem em sair. Com o nascimento de mais um membro na família, Amélia contará com 21 netos.

Não tem dia de descanso, até porque as dificuldades por que passa não permitem. Todos os dias, é obrigada a ir vender no mercado para garantir o sustento da família. “Quem me vê pode pensar que estou bem, mas o meu interior está mal por causa da difícil situação em que vivo”, diz disfarçando um sorriso.

Apesar da pobreza e do trabalho de escravo para levar comida à boca dos seus, dona Amélia não deixa de sonhar, embora sem fé no futuro: “as coisas um dia vão melhorar”, vaticina e acrescenta: “na verdade, já não tenho mais esperanças, pois, uma vez não

contando com o apoio dos filhos, resta-me apenas fazer a gestão diária com o pouco que ganho”.

Já tentou contrair um empréstimo num banco de microcrédito, amortizando-o em prestações progressivas, confiantes de que a vida melhoraria. Inutilmente. O negócio simplesmente não prosperou e já não tinha dinheiro para pagar a mensalidade do banco.

Presentemente, o dinheiro que diariamente amealha não é suficiente para custear as despesas. Tudo porque as vendas não vão bem e o negócio não é rentável, além de, em muitas situações, o saco de amendoim pesar menos do que deveria. “Posso ficar uma semana só para vender um saco de amendoim, se pudesse mudava de negócio, mas não tenho dinheiro”, comenta.

Quando e onde nasceu?

AM - Nasci em 1951, em Mandjacaze, na província de Gaza.

Gosta de cozinhar?

AM - Sim, gosto mas, ultimamente, raras vezes, cozinho porque as minhas noras se encarregam de fazer esse trabalho em casa.

No dia em que está na cozinha, qual é o prato que mais gosta de fazer?

AM - Bom, gosto de cozinhar verduras.

Qual é o seu prato preferido?

AM - Folha de abóbora acompanhada de xima ou com arroz.

Como é que a senhora Amélia conheceu o seu marido?

AM - A nossa história começou em Mandjacaze. Lembro-me que caminhava na rua e de repente o senhor Alfredo, hoje meu marido, aproximou-se de mim e mostrou o desejo de namorar comigo. Depois de algum tempo, casámos. Mais tarde viemos para Maputo onde nasceram os nossos filhos.

Quando é que casaram?

AM - Faz tempo, mas não tenho noção do mês e nem da data em que nos casámos. Só sei dizer que fui mãe pela primeira vez em 1969. Trata-se de uma menina e demos a ela o nome de Hortência.

O que a levou a vender amendoim?

AM - A necessidade de ajudar o meu marido no sustento da família foi a minha maior motivação. Comecei por fazer uns pequenos negócios em casa. Tinha uma banca, mesmo à porta de casa. E, mais tarde, decidi instalar-me aqui no mercado de Xipamanine.

Gosta do que faz?

AM - Não faço este negócio porque gosto, mas porque não tenho opção. É mesmo por necessidade de sobrevivência. Acho que se não estivesse a fazer isso a minha família já teria morrido de fome e não teria criado os meus filhos.

Sonha em mudar de negócio?

AM - Gostaria, mas não tenho dinheiro.

Que mensagem deixa para as mulheres moçambicanas?

AM - Respeitem os vossos maridos, cuidem dos filhos e da família.

O pequeno negócio de esquina, feito nos passeios das estradas, é dominado por mulheres. Elas não estão apenas ligadas às actividades do pequeno comércio retalhista de bens alimentares e vestuário, mas abarcam outras áreas mais diversificadas, e são responsáveis pela dinamização da economia.

DESTAQUE

COMENTE POR SMS 821115

Texto: **Hélder Xavier** • Foto: **Miguel Manguze**

Esperança Mangaze não se deve o seu sucesso a qualquer golpe de sorte e tão-pouco a uma rara qualidade inata. Persistência, perseverança, respeito e humildade tornaram-na o que ela é hoje. E acredita que toda a mulher moçambicana tem um potencial e uma veia empreendedora, mas há um segredo: nunca desistir dos sonhos.

Recebe-nos no seu local de trabalho, um enorme jardim que mais parece um universo paralelo onde a sumptuosidade dos detalhes convida à desconstracção, na cidade da Matola. E é por isso difícil de acreditar que ainda estamos a pisar solo moçambicano.

De estatura mediana, pele clara, é de forma humilde e cativante que fala num tom intimista, mesmo quando se dirige aos seus trabalhadores, aliás, trata-os por colaboradores.

O seu dia começa cedo. Às 5 da manhã, a mãe e dona de casa Esperança Mangaze já está de pé. Faz algumas tarefas domésticas de modo que o seu filho mais novo tome o pequeno-almoço e esteja apresentável para ir à escola. Com a mais velha, o trabalho é menor, até por que está quase a atingir a maioridade. E a partir daí começa a sua vida como empresária. Por volta das 8h30 tem de estar no escritório para planificar o dia.

A sede da sua empresa encontra-se na cidade da Matola e dispõem de duas sucursais noutros pontos da província de Maputo. Mas passa grande parte do tempo na sede por ser “o local dos acontecimentos todos, mas, sem dúvidas, para garantir que as coisas andem, tenho de circular em todos os locais”, comenta. O seu dia não termina quando o sol desaparece. “Não sei se posso dizer que termina, pois termina uma parte e começa a outra que me leva até a hora de me deitar e em algumas ocasiões”.

Além de cuidar de jardins que é a actividade que exerce diariamente, ocupa-se da revista Noivas e Eventos, da qual também é proprietária. “E esta parte é que me leva tempo ao fim do dia, pois preciso de mais concentração para verificar os textos e as fotos dos noivos, e isto rouba-me muito tempo”, diz. Aliás, depois dos afazeres domésticos quando regressa à casa no final do dia, reserva uma hora depois dos noticiários para se dedicar à revista.

Esperança Mangaze olha para tudo como um desafio, mas a sua maior satisfação é chegar, ao fim de uma jornada de trabalho, ver que as pessoas a quem serve satisfeitas com o carinho que sente pela sociedade, uma vez que contribui para ela se tornar a pessoa que é hoje. Afinal, “são as várias vozes que me dão força, estimulam e contribuem para a minha criatividade porque cada gesto de louvor faz com que assumo isso como um desafio, e uma grande responsabilidade e faz-me perceber que não posso parar por aí. Tenho de continuar a desenvolver para aumentar o grau de satisfação das pessoas”, afirma.

Nada caiu do céu

São 14h30. Esperança deambula para dentro e para fora, como uma visitante frequente, naquele mundo imaginário criado por si, mostrando-nos o resultado de um

trabalho de aproximadamente 10 anos. Ela é uma daquelas figuras com quem apetece conversar. Não só porque é hospitaleira, instantaneamente graciosa e com grande sentido de humor. Mas porque sempre tem uma história bem-humorada para contar sobre as árvores e as flores, passando pelos seus funcionários até a sua própria vida.

Nasceu numa família humilde e define-se como “mulher de origem rural, filha de camponeses”. Tem as suas raízes no distrito de Manjacaze, província de Gaza. Penúltima de seis irmãos, a empresária muito cedo aprendeu a amar a natureza e a lidar com as plantas, fruto de ter nascido no meio rural, onde lidava com o cultivo de alimentos, como o plantio de milho e mandioca. “Mas sou de uma geração em que esses problemas já não se colocavam muito para mim e acabei apostando nas plantas ornamentais, que são a minha paixão, pois são essas plantas que tornaram a pessoa que sou hoje”, adianta.

Nunca sonhou ser uma empresária. Foi obra do destino, ou dito sem metáforas: “Quis Deus que me tornasse empresária através deste dom que me deu de trabalhar com as plantas”. A partir de certa altura, começa a ver “necessidade de usar o dom” para o seu auto-sustento. “É assim como me tornei empresária Esperança Mangaze, criando a Folha Verde”, conta.

Mas nada lhe caiu do céu. Enfrentou diversas dificuldades, como em qualquer actividade. Aliás, sublinha, desenvolver um negócio num país como Moçambique é sempre complicado, devido a diversos factores como calamidades naturais, e, acredita, o mais importante é encarar com naturalidade.

“Contra a vontade de Deus nada podemos fazer, senão trabalhar. Quando temos vontade de fazer alguma coisa, Deus conspira a favor, eu hoje acredito que é errado dizer que ‘eu sou pobre, eu nasci pobre, então morrerei pobre... não é verdade, se eu fizer alguma coisa e esforçar-me certamente algum resultado vai aparecer”, comenta.

Oficialmente, a Folha Verde surge em 2003. Mas, antes de criar a empresa, Esperança Mangaze trabalhava, durante muito tempo, nos Caminhos-de-Ferro de Moçambique. Formou-se em Electrotecnia e, mas o tempo ajudou-a a aperceber que ser engenheira técnica de electricidade. Muito cedo descobriu, com o incentivo do meu esposo, que era uma mais-valia dedicar-se aquilo que mais gostava: as plantas.

Em casa, começa a desenvolver a actividade multiplicado várias espécies de plantas no quintal. Mais tarde, viu o seu pátio inundado por plantas e procurou um espaço maior de modo a desenvolver a actividade em grande escala. Hoje, emprega 53 pessoas de ambos sexos e orgulha-se dos passos que deu e dos trabalhadores por comungarem o mesmo espírito de trabalho.

A empresária viu o seu negócio ganhar alento a cada vez que organizasse uma cerimónia de casamento, pois surgiam mais pedidos de noivas que se deslumbravam com o resultado do seu trabalho. Então, decide criar um guião para disponibilizar informação, surgindo, assim, a revista Noivas e Eventos. Em 2005, abraça o projecto do Jardim dos Namorados, e afirma-se

como empresária.

“A cada dia rezo para que Deus me dê saúde, sorte e ajude-me a ajudar as mulheres e os homens que trabalham comigo para que cada um alcance o sucesso que almeja na vida”, diz num tom enérgico.

O tom intimista com que ela trata os seus trabalhadores, e vice-versa, quebra a relação patrão-empregado, passando para uma relação de colaboradores, e, de acordo com a empresária, isso tem a ver com as origens da própria empresa. Ou seja, Esperança Mangaze começou por empregar pessoas sem experiência na área de floricultura e que não precisassem de gastar dinheiro com transporte. Com o andar de tempo, passou a recrutar parentes dos trabalhadores. Hoje, emprega famílias, compostas por marido e mulheres, filhos ou sobrinhos. “É uma relação de respeito, e isto permite que cada um dê o máximo de si de modo a garantir o auto-sustento”, afirma.

O segredo do sucesso

Esperança Mangaze acredita que qualquer mulher moçambicana pode construir o que ela hoje possui. O segredo está na persistência, perseverança, respeito e humildade.

Quando decidiu embarcar no mundo do empresariado, sentiu-se insegurança, mas graça ao apoio moral e material do seu marido deu o primeiro passo. “Ele foi uma das pessoas que, quando vi que eu tinha um potencial, decidiu investir em ideias e mesmo financeiramente. Lembro que me ofereceu uma pequena bomba e um rolo de estufa, e apoio-me na construção de uma cisterna. Foi um trampolim, uma oportunidade, porque, ao me dar os instrumentos para avançar, não podia, de maneira nenhuma, desiludi-lo, e hoje sente orgulho”, conta.

Não passou por uma formação convencional na área de floricultura, embora tenha tentado. “Já tentei ingressar numa formação convencional, mas o tempo já não me permite, já assumi compromissos muito grande e dividir o tempo entre a escola e actividade empresarial e a família havia de ficar muito complicada”, diz.

Para Mangaze ser mulher empresária em Moçambique é um desafio, uma vez que a mulher moçambicana está numa fase de afirmação, e é valorizado o esforço pessoal e empreendedor.

A empresária não se dedica apenas a cuidar de plantas e ornamentar salões de festa. Reserva-se duas vezes por semana para cozinhar para sua família, que faz “festa” quanto tal acontece. “Não me considerou boa na cozinha, mas essa satisfação faz-me com que faça um esforço acrescido para cozinhar boa comida e sinto prazer em fazer isso porque, em algumas coisas, sinto que estou em falta provavelmente eu não consiga exercer na íntegra o papel de mãe, esposa e dona de casa por causa dos afazeres empresariais”, comenta e acrescenta que não o faz como forma de cobrir a lacuna, mas pela necessidade de fazer coisas melhores para que a família não sinta que os seus afazeres empresariais são uma perda de tempo.



O que gosta de cozinhar?

EM - Gosto de cozinhar aquilo que a minha família gosta de comer. Quando identifiquei o que ela gosta de comer investi muito em saber fazer aqueles pratos, nomeadamente feijoada, cacana - o meu marido adora - caris de amendoim. Modéstia à parte, faço com muita mestria. Faço outros pratos, mas invisto naqueles que a minha família adora.

Qual é o seu prato preferido?

EM - Cacana e camarão, aliás, eu não resisto a um bom camarão grelhado.

Gosta de dançar?

EM - Gosto de dançar e cantar. Sempre que encontro um pretexto para dançar estou lá a dançar. Quando estou sozinha canto muito, é uma forma de distracção que encontro. Mas não é um cantar profissional, é espiritual.

Qual é o estilo de dança de que gosta?

EM - Makara. Quando comecei a conhecer-me como pessoa, o primeiro ritmo que me apareceu foi esse. Acho que danço com alguma mestria. Gosto de outros estilos, os mais modernos.

Sai para se divertir com seu marido?

EM - Já houve tempos que saíamos, mas foi por um período muito curto por causa das suas obrigações profissionais. Presentemente, a nossa forma de divertir-nos é criar ambientes familiares em casa.

Gosta de ouvir música?

EM - Gosto de ouvir música Gospel, música que traz tranquilidade e paz, sem querer dizer que não gosto de outros estilos. Mas identifiquei-me com a música Gospel.

Lê muito?

EM - Não tenho muito tempo para ler senão nas férias. Leio com frequência livros didácticos e revista. Faço isso para melhorar a minha prestação, uma vez que não tive uma formação convencional na minha área de trabalho.

Quais os países que gosta de visitar?

EM - Israel, mas fiquei fascinada quando tive oportunidade de conhecer a China.

Uma mensagem para as mulheres moçambicana

EM - Nunca desistam dos seus sonhos perante as adversidades da vida. Acreditem em si mesmo e no potencial que cada uma possui. Todas temos um potencial e uma veia empreendedora. Seja em que área for, quando a mulher pega em algo aparentemente insignificante transforma em ouro. Não tenham medo de agarrar as oportunidades.

Um desejo

EM - Continuar a ser feliz, como tenho sido até hoje com a minha família. Amo muito meu marido, meus filhos e meu desejo é que eu e a minha família tenhamos saúde para continuarmos juntos.



As centenas de pontas de cigarros usadas para fazer este anúncio, equivalem ao número de cigarros que um fumador consome ao longo da vida. Uma vida curta, pois cada cigarro aumenta em mais de 30% as probabilidades do fumador contrair cancro e outras doenças mortais. Pense nisso. Apague o cigarro antes que ele o apague a si.

A mulher e o cigarro

Claro que o leitor já ouviu falar, e até já deve estar cansado de ouvir, sobre todos os males que o cigarro causa: o cancro, o enfarte, e até aquele seu amigo chato, ex-fumador, não lhe deixa em paz com essa conversa... Mas a verdade é que o cigarro é uma das maiores causas de mortalidade no mundo.

Hoje vamos destacar os males que o cigarro origina nas mulheres, cheias de vida, activas, e eléctricas, que não sabem o que a pele do seu rostinho tem sofrido com o fumo. Você sabia, por exemplo, que o cigarro praticamente "come" o colagénio que está na camada mais profunda? Justamente o colagénio, responsável pela firmeza, hidratação, viço e sustentação da cútis.

Mesmo em mulheres jovens, na faixa dos 30 anos que fumem há cerca de três anos, é possível detectar os sinais clínicos que traduzem esta queima de colagenio: perda do frescor,

aspecto mais pálido e abatido, pele amarelada e sem vida, olheiras fundas ou bolsas inchadas sob os olhos, marcas de expressão com ruguinhas na lateral dos olhos, dos lados da face, em torno da boca, sulcos que se aprofundam e traçam uma linha triste dos cantos do nariz aos cantos da boca.

As pálpebras parecem sempre inchadas pela manhã e demora algumas horas para que a pessoa fique apresentável. Nas fotos, principalmente o pescoço, pode aparecer mais flácido, com pregas verticais, especialmente após os 35 anos nas fumantes. As mãos tornam-se sempre muito secas, grossas, e os vasos começam a ficar visíveis.

A nicotina estreita os vasos sanguíneos e torna a chegada de sangue bem mais difícil ao couro cabeludo o que origina frequentemente a queda de cabelo, especialmente nas regiões anteriores do couro

cabeludo. Os fios vão ficando mais fininhos e o couro cabeludo fica cada vez mais visível próximo à testa. O crescimento dos fios torna-se mais lento e, se o cabelo já foi agredido por procedimentos químicos, como descoloração e os alisamentos, há alarmantes possibilidades de os fios partirem com mais facilidade. Além disso, as sobancelhas ficam finas e com falhas, e os cílios parecem menores do que já foram no passado.

A celulite surge com a menor circulação sanguínea nas sofri-das áreas dos quadris e coxas. O fumo prejudica consideravelmente a chegada de sangue à região e aí, então, até mesmo nas mais magrinhas, podem começar as alterações progressivas e nada agradáveis: flacidez, menos firmeza, ondulações profundas e os temidos furi-nhos em "casca de laranja".

Que fazer? Gritar? Não, porque a voz da fumante vai fican-

do lentamente mais grossa e rouca, assemelhando-se à voz de uma mulher mais velha! As unhas, estas ficam mais moles, fracas e desfolham facilmente, graças à menor nutrição sanguínea que recebem na matriz.

Enquanto você não se resolve ou não consegue largar definitivamente este vício maldito, vá antagonizando, ainda que em parte, os efeitos danosos do cigarro, usando revitalizadores como a vitamina C local, o ácido glicólico e retinóico, além de estimuladores de colagénios como o glycans (pentaglycan e glicosaminoglycan).

Alimente-se equilibradamente, repondo sais e minerais como o zinco, a vitamina C e o ácido fólico, e os complexos de aminoácidos para os cabelos, como a biotina e a queratina.

Mas, se possível, deite fora o maço assim que terminar de ler este artigo. Você vai ver como será magnífico para a sua pele!

Caro leitor

A ideia de adiar o sexo para mais tarde é uma questão seria e que pode ajudar a construir uma relação sólida e duradoura. Os casais que retardam ou se abstém da intimidade sexual durante a primeira parte de seus relacionamentos permitem que a comunicação social e outros processos se tornem a base de sua atracção mútua. Essencialmente, o sexo precoce pode ser prejudicial para um relacionamento, desviando-o da comunicação, do compromisso e da capacidade de lidar com as adversidades. Os primeiros encontros sexuais não precisam terminar com uma penetração, mas estar juntos, ir aos poucos se conhecendo, descobrir o corpo um do outro, conversar bastante, sentir o prazer de estar com o outro, rir muito traz tanta felicidade e prazer que aos poucos a relação sexual irá acontecer com naturalidade, evitando as pressões que a maior parte das vezes só atrapalham e causam desconfiânças em relação aos verdadeiros sentimentos que um diz sentir pelo outro.

Envie comentários em relação a este e de mais assuntos que temos tratado aqui, assim como, dúvidas relacionadas com a saúde reprodutiva.

Envie-me uma mensagem

através de um sms para

821115 ou **8415152**

E-mail: **averdade.mz@gmail.com**

Olá Tina. Issufo é o meu nome e 22 é a minha idade. É assim: sempre que transo com minha namorada ela diz que dói... A que pode ser associado isso?

Olá Issufo, obrigado por teres escrito. Olha, as dores durante as relações sexuais são indício de que algo precisa de atenção especial, e geralmente a causa é biológica. Ao consultar um ginecologista e fazer os exames de rotina, pode-se descartar a presença de infecções sexualmente transmissíveis, ou mesmo alterações no organismo significativas. Deves ter atenção ao facto de que, se ela tiver dores a vossa relação sexual ficará comprometida, pois a excitação não chega ao seu ponto adequado, impedindo a lubrificação vaginal e dificultando ainda mais a penetração. Juntos devem ir à consulta com o ginecologista para ele que possa ajudar-vos a terem uma relação sexual saudável e prazerosa. Lembra-te, usa sempre o preservativo de forma a evitar a gravidez indesejada assim como as Infecções Sexualmente Transmissíveis e HIV. Espero ter ajudado. Um abraço!

Olá Tina. Tenho 20 anos, namoro há 2 meses e meio e sou virgem. Ele vem insistindo que devemos transar, chegamos a brigar por várias vezes. Será que devo ceder?

Olá minha querida! Seria importante saber a idade do teu namorado para que eu pudesse ajudar-te perante esse dilema, mas por enquanto só te posso dizer que decidir quando começar a ter relações sexuais é uma coisa muito importante na vida de uma pessoa. Imagino como tu deves estar a sentir-te pressionada para fazer o que não desejas, mas na vida sempre temos de fazer escolhas e elas dependem principalmente de cada um de nós, o que significa que somente tu podes tomar a decisão mais acertada e de acordo com a tua vontade. Iniciar a vida sexual só porque o teu namorado quer, sem que tu desejes é bastante complicado e pode não trazer-te boas recordações no futuro. Conversa com o teu namorado, expõe os teus pontos de vista e avalia se vale a pena ele forçar a barra de algo que tu não queiras. Dentro dos argumentos que lhe vais expor não te esqueças de incluir o cuidado com as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ITS's), HIV e a gravidez indesejada. Portanto, o preservativo deverá estar incluso nesta relação que poderá um dia acontecer. Ele deve respeitar as tuas vontades. Se ele realmente gostar de ti de verdade, ele vai respeitar a tua decisão, o teu tempo e as tuas vontades. O mais importante de tudo é que a tua vontade seja respeitada acima de qualquer coisa. Cuida-te! Beijinhos.

Fumador

A VERDADE EM CADA PALAVRA.



O Jornal mais lido em Moçambique.

Velhas divisões estão a tornar difícil o progresso das negociações para um novo tratado climático, retomadas no início desta semana em Bangucoque, na Tailândia.

AMBIENTE
COMENTE POR SMS 821115

O fim dos corais

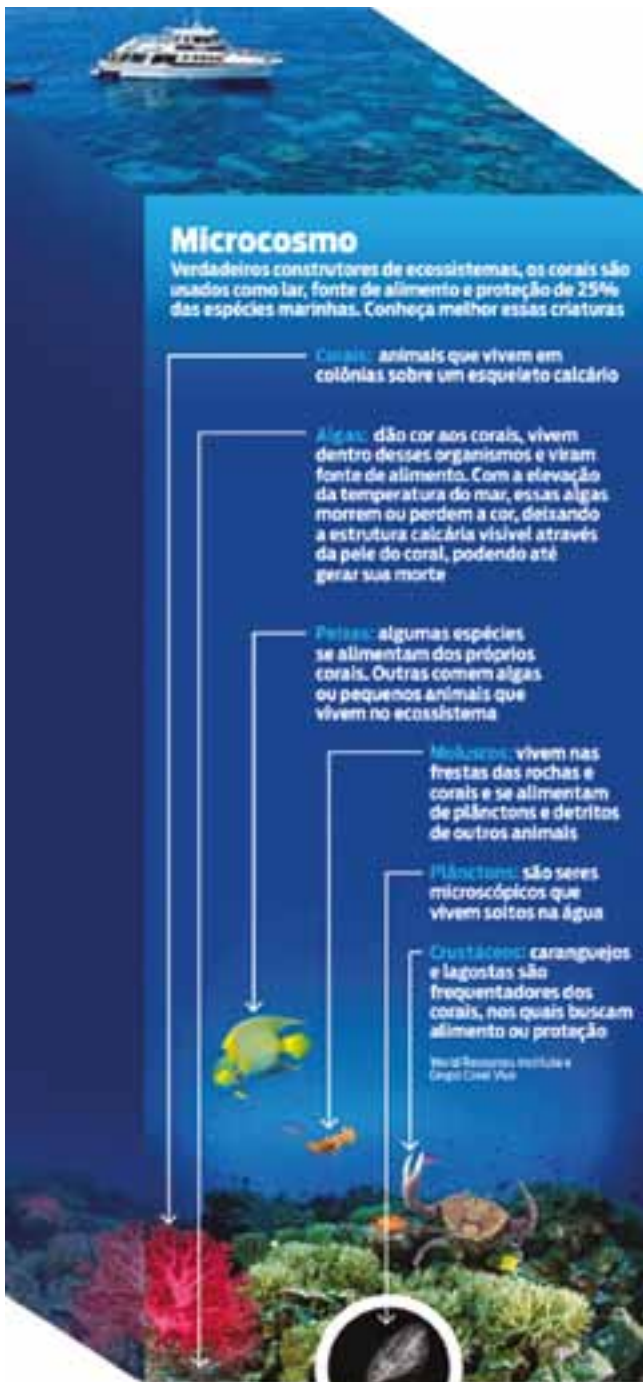
Texto: Revista ISTOÉ • Foto: Istockphoto

Tão importantes para os oceanos como as florestas tropicais para os continentes, os corais correm sério risco de extinção. A situação já é considerada grave para 60% deles. A afirmação foi feita por um conjunto de mais de 25 organizações internacionais, que lançaram a análise mais completa à escala global sobre esses organismos.

Baptizado de "Reefs at Risk" ("Recifes em Risco"), o estudo estima ainda que em 2050 todas as estruturas desse tipo estarão seriamente ameaçadas. Entre as causas da destruição está um dos maiores vilões ecológicos dos últimos tempos: o aquecimento global.

A elevação da temperatura das águas do mar em apenas um grau pode matar as algas zooxantelas, que dão cor aos corais, o que deixa a sua estrutura transparente e revela o esqueleto de calcário (leia o quadro). Apesar de não morrerem, estes seres ficam extremamente enfraquecidos e expostos a doenças. Para se ter uma ideia, em 1998, os fenómenos climáticos conhecidos como El Nino e La Nina mataram 16% desses organismos no mundo.

Outras causas da destruição dos corais são a poluição, a pesca sem controlo e a ocupação do litoral, factores que tendem a agravar-se com o desenvolvimento económico. Mas, segundo o cientista marinho sénior do instituto The Nature Conservancy (TNC), Mark Spalding, um dos responsáveis pelo estudo, a salvação pode estar justamente no uso dos corais como fonte de rendimento. "Não há razão para que o desenvolvimento económico gere a perda dos recifes, muito pelo contrário. Essas estruturas são extremamente valiosas economicamente – para alimentação, turismo e protecção da costa – e a nossa maior falha tem sido ignorar esse valor ao estimular o desenvolvimento", defende.



134 países apagaram as luzes para evitar o aquecimento global



Num acto simbólico mundial, no passado dia 26 de Março, mais de um bilião de pessoas em 134 países comemoraram a Hora do Planeta apagando as luzes das suas casas e/ou escritórios durante uma hora. Esta Hora do Planeta é

um evento promovido pela instituição World Wildlife Foundation (WWF), e pretende despertar a consciência da população mundial para o problema do aquecimento global.

Não há indicações oficiais de Moçambique haver participa-



do, até porque só existem no país pouco mais de 700 mil ligações eléctricas.

Abaixo, algumas imagens de monumentos que aderiram ao apagão da WWF

"O evento deste ano, sem dúvida, serviu para ilustrar o que pode ser alcançado quando as pessoas se unem com um objectivo comum e se reúnem para agir", comemorava Andy Ridley, co-fundador e diretor-executivo da Hora do Planeta,

no site da WWF.



"Big Brother" verde

Espiada 24 horas por dia pela Internet, uma família sueca enfrenta o desafio de levar a vida normalmente, mas reduzindo em sete vezes o impacto que provoca no meio ambiente.

Texto: Revista ISTOÉ • Foto: Istockphoto



Como no reality show mais popular da televisão mundial (entre nós similar à A Casa dos Artistas), a experiência sueca "One Tonne Life" mostra gente confinada num local cheio de câmaras. Mas as semelhanças param por aí. Ambos têm paredes, só que, no segundo caso, eles são feitos com painéis solares. Em vez de corpos sarados e cenas quentes, a atracção sueca traz uma família em luta pela diminuição da própria pegada de carbono ou, visto de modo mais amplo, envolvida na salvação do planeta.

A família em questão é a Lindell, formada pelo pai, Nils, a mãe, Alicja, e os filhos Hannah e Jonathan. A meta, por morador, é viver um ano deixando uma pegada de carbono de no máximo uma tonelada, num país em que a média per capita é de sete toneladas, o que faz a Suécia ocupar a posição número 74 no ranking mundial.

Para tornar a missão dos Lindell mais fácil, uma casa especial foi construída em Estocolmo. Janelas energeticamente eficientes, telhado e fachada com painéis solares, uma estação de reciclagem e lâmpadas de LED são alguns itens. Na garagem, há um carro eléctrico. Com todas essas "facilidades", a maior tarefa dos Lindell é tomar as decisões correctas. Do banho à alimentação, do transporte ao lazer, tudo entra na conta. Eles já completaram um mês na casa e diminuíram bastante a pegada de carbono, mas ainda estão longe da meta (leia quadro). Para acompanhar os próximos passos da família,

basta visitar o site do "One Tonne Life" (<http://onetonne-life.com/>).

Embora tenha sido concebido para ser o mais "real" possível, a experiência ainda está longe de ser factível aos simples mortais. Sem o auxílio e o apoio de grandes empresas, é impossível construir uma casa como a do projecto. Mas ela deve ser vista como um exemplo do que podem ser as moradias de um futuro mais sustentável. E, para que todos nós conheçamos melhor essas possibilidades, nada mais conveniente do que juntar duas características humanas: o voyeurismo e a atracção por desafios.

Essa tática vem gerando pequenos "big brothers" em que o prémio não é medido em milhões. Em Janeiro, a revista americana "Good" lançou 12 desafios a serem cumpridos ao longo do ano. Os candidatos são os próprios jornalistas. Neste mês, a editora de produtos alimentares Nicola Twilley não pode ingerir nenhum alimento industrializado. Espera ter o mesmo sucesso que o editor de cultura Cord Jefferson. Ele passou Janeiro inteiro a tomar banho sem a companhia de produtos químicos. Em Setembro do ano passado, a blogueira ecológica Jan Underwood lançou um desafio bem mais ousado: passar um ano sem adquirir nada com plástico. Com algumas dificuldades, ela vem mostrando que a nossa sobrevivência não depende da destruição do planeta.

CARTOON



DESPORTO

A NOSSA MANEIRA

2

A NOSSA CERVEJA

BRINDA AOS BONS MOMENTOS DE FUTEBOL

PATROCINADOR OFICIAL DO MOÇAMBOLA 2011

Maxaquene sobrevive ao cronómetro

Primeiro acidente de percurso para o Maxaquene, que conseguiu chegar ao empate para lá do tempo de compensação e evitou a machadada de Semedo na veia triunfal de Salvado (1-1), agora a gerir uma vantagem de um ponto sobre os perseguidores. No fundo, seguindo a pura lógica dos factos, a equipa de arbitragem fez um favor ao Maxaquene. Dionísio Dongaze complicou uma história que se escrevia com linhas interessantes. O desfecho aceita-se, ainda assim.

Texto: Rui Lamarques • Foto: Miguel Manguzeu



Hélder Pelembe, o jogador que, na época passada, trocou o Moçambola pela Superliga, falhou num desafio bem mais fácil do que Maurício. Em comum, a posição que ocupam no campo e o facto de ganharem dinheiro a correr atrás de uma bola. Na tarde quente da Matola, cada um seguiu o seu trilha. O Maxaquene entrou mal no jogo mas chegou a cantar golo, a uma só voz, quando Hélder Pelembe viu a baliza escancarada, à espera da conclusão fácil. A bola fugiu incrivelmente para as malhas laterais. A Liga, sobranceira até então, respirou fundo e refugiou-se no instinto de Maurício. O jogador que fintou a pobreza no bairro de Chamanculo recebeu um passe perfeito de Dário Monteiro antes de marcar. O feito complexo de Maurício continua a cativar pela incerteza. Do nada, uma explosão de criatividade e futebol qualitativo, para benefício dos muçulmanos. Mais acutilante do que na época passada, torna-se uma regra nas constantes excepções de Artur Semedo. Mas antes, também a passe de Dário, tirou mal as medidas da baliza a Soarito.

O treinador do Maxaquene promoveu uma alteração no onze. O regresso de Hélder

Pelembe relegou Manuelito para o banco de suplentes. A Liga manteve a estrutura após o desaire de Tete, vendo-se apenas Micas no lugar de Muandro. Artur Semedo, pródigo em variações táticas, falhou a primeira substituição mas emendou a mão à segunda. Micas, sem aparentes limitações físicas, foi um espectador privilegiado. No reatamento, o treinador lançou Telinho e só a trave é que lhe impediu de colher frutos em quatro minutos. Passe longo de Carlitos, o extremo ganhou a bola, deixou nas covas Vasil e serviu Maurício que falhou na cara de Soarito. O Maxaquene, por sua vez, desperdiçou duas belas oportunidades na etapa inicial e a Liga tremeu. Simplex defendeu um remate de Hélder Pelembe e, já após o 1-0, um cruzamento de Eusébio não teve correspondência na área da Liga Muçulmana e a bola saiu pela linha de fundo. A Liga, com ambição crescente, resistiu e voltou ao jogo com meia hora pela frente. Antes, o Maxaquene queixara-se de dois foras de jogo mal assinalados. O fiscal de linha, porém, entendeu o contrário. Pesando prós e contras, a vitória da Liga Muçulmana não chocava. O Campo dos muçulmanos, com lotação acima da capacidade instalada, vibrava com um espectáculo interessante.

Penalty

Arnaldo Salvado não se resignava e identificava facilmente os mais irregulares. Trocou Payó e Genito por Reginaldo e Macamito, respectivamente. O último entrou bem, destacando-se num cruzamento milimétrico para a cabeça de Hélder Pelembe, mas o avançado não saltou o suficiente para dar melhor sequência à jogada. Veio Manuelito para o lugar do perdulário Pelembe. A Liga Muçulmana, por seu turno, recuou no terreno e deu ao Maxaquene a iniciativa do jogo. Semedo trocou Cantoná e Maurício por Muandro e Paíto, respectivamente. Ficou com um tridente no meio-campo para congelar a saída de bola dos tricolores, mas, nessa altura, o futebol da equipa de Arnaldo Salvado era mais directo do que elaborado. A Liga resistiu ao assédio do Maxaquene. O árbitro deu quatro minutos de tempo extra e a derrota dos tricolores era já um dado adquirido. Mas com um minuto e meio de jogo, após o tempo de compensação, Muandro pegou uma bola com a mão. Grande penalidade. Gabito não perdoou e fez o empate. A Liga Muçulmana perdeu dois pontos para lá do tempo de compensação. O Maxaquene teve no final o justo prémio de ter acreditado sempre e de não ter tido medo de carregar no acelerador quando foi preciso.

Ficha técnica

Árbitro: Dionísio Dongaze, auxiliado por Mário Albino e Daniel Calavete. O quarto árbitro foi Paiva Dias.
Liga Muçulmana: Simplex; Silvério, Aguiar, Fanuel e Mayunda; Cantoná (Muandro), Momed Hagy, Carlitos e Micas; Dário Monteiro (Telinho) e Maurício (Paíto).
Maxaquene: Soarito; Vasil, Campira, Gabito e Eusébio; Liberty, Payó (Reginaldo), Genito (Macamito) e Kito; Hélder Pelembe (Manuelito) e Betinho.
Disciplina: Cartolinas amarelas para Silvério, Carlitos, Dário Monteiro e Hélder Pelembe.

Resultados 4ª Jornada						
ta do Sol	2	x	1	Desportivo		
Incomāti	1	x	1	Fer. Beira		
HCB de Songo	1	x	1	Chingale de Tete		
Liga Muçulmana	1	x	1	Maxaquene		
Fer. Maputo	3	x	2	Matchedje		
Fer. Nampula	1	x	1	Vilankulo FC		
Sporting da Beira	1	x	0	Atlético Muçulmano		

Classificação MOÇAMBOLA						
	J	V	E	D	B	P
1º Maxaquene	4	3	1	0	8-2	10
2º Fer. Maputo	4	3	2	2	7-4	9
3º HCB de Songo	4	2	2	0	3-1	8
4º Fer. Nampula	4	2	1	1	11-6	7
5º Liga Muçulmana	4	2	1	1	6-4	7
6º Incomāti	4	2	1	1	5-4	7
7º Chingale	4	2	1	1	3-3	7
8º Sporting da Beira	4	2	1	1	4-5	7
9º Desportivo	4	1	2	1	2-2	5
10º Costa do Sol	4	1	1	2	2-5	4
11º Fer. Beira	4	0	3	1	2-3	3
12º Atlético Muçulmano	4	0	1	3	3-9	1
13º Vilankulo FC	4	0	1	3	1-4	1
14º Matchedje	4	0	0	4	5-10	0

Próxima Jornada (5ª)						
SÁBADO						
Campo do Costa do Sol	15h	Costa do Sol	x	Incomāti		
Campo do Fer. Beira	15h	Fer. Beira	x	Liga Muçulmana		
DOMINGO						
Campo do Maxaquene	15h	Maxaquene	x	HCB de Songo		
Campo do Chingale	15h	Chingale	x	Fer. Maputo		
Estádio do Vilankulo	15h	Vilankulo FC	x	Sporting		
Campo do 1º de Maio	15h	Desportivo	x	Atlético Muçulmano		

MELHORES MARCADORES
5 GOLOS: Chaná (Fer. Nampula)
2 GOLO: Dário (Liga Muçulmana), Jacinto (Matchedje), Tike e Betinho (Maxaquene), Luís e Vling (Fer. Maputo), Michel (Sporting), Paíto (Incomāti), e Eboh (Atlético Muçulmano).



JOVENS PROMESSAS: Uma Sereia chamada Jessica

A natação era uma modalidade que não lhe enchia as medidas. Mas isso foi até aos 9 anos quando começou a coleccionar medalhas. Hoje, com 15 anos de idade - diz que é um erro fixar-se na concorrência - Jéssica Cossa “luta com o cronómetro”. Porém, mais importante do que a natação é a escola...

Texto: Rui Miguel • Foto: Gólfinhos

O desporto não entrou na vida de Jéssica Cossa por acaso. Está-lhe nos genes ou não fosse fruto de uma relação entre dois atletas. Um praticante de atletismo e uma ciclista. É uma adolescente de trato fácil. Sabe o que quer e fala sem rodeios: “É difícil conciliar a escola com o desporto. Neste país não há um currículo para atletas.” Isso, diz, “prejudica o nosso desempenho”. Até porque “a escola é mais importante do que o desporto”, confessa. Muitas vezes, para poder treinar, tem de estudar pela noite dentro. A prova disso é que durante um longo período trocou a piscina pelos livros. Voltou e conquistou tudo dentro de portas. Moçambique começa a ser pequeno para Jéssica Cossa. No entanto, a ideia de abandonar, definitivamente, a natação por causa da escola é sempre cogitada. “Os horários não ajudam”, repete.

A um segundo dos Jogos Africanos

Acredita que a piscina olímpica, a ser erguida nas imediações do estádio nacional, ficará pronta para acolher os Jogos Africanos. É a única nadadora, diga-se, de 15 anos, que consegue nadar abaixo de 1.10 segundo costas. Ou seja, faz, de costas, 1.7 segundo. Mas isso ainda é pouco: “Luto para fazer 1.5 segundo.” Menos um do que se exige como mínimo para os Jogos Africanos. Participar nos Jogos de Maputo é o prémio que Jéssica quer dar ao seu treinador, Patrício Vera. Lamenta, porém, não ter podido participar no “Nível 3”, o campeonato mais conceituado da África Austral, em virtude do adiamento do “Nadador Completo” para a mesma data, prova da qual se sagrou campeã. No ano passado, contudo, abdicou do “Nadador Completo” para

competir com nadadores da região. Aliás, no país só existem dois atletas com os mínimos exigidos para poderem participar na competição regional: Jéssica Cossa e Weide Rasse, de 14 anos de idade.

Ambições

Quer participar nos Jogos Africanos, numa primeira fase, mas a ambição maior é chegar ao Rio 2016. Nessa altura terá 20 anos. Jéssica repete sempre que prefere lutar com o cronómetro do que com as suas adversárias. Mas para melhorar os seus tempos treina com rapazes. Aliás, em termos absolutos, faz o terceiro melhor tempo do país a nadar de costas. Só é superada por dois atletas do sexo masculino. Mas, “para mim o mais importante não é bater a Géssica Stagno, mas sim mostrar aquilo de que sou capaz”, diz.



Utah bate Lakers e scandaliza Los Angels, mais uma péssima exibição de Kobe e companhia culminou na segunda derrota seguida em casa, após o 86-85 favorável aos Jazz - vingaram o 96-85 em Utah, a 1 de abril.

DESPORTO

COMENTE POR SMS 821115

Salve, Rainha Marta!

Único atleta, homem ou mulher, a vencer o prémio de Melhor Jogador de Futebol do Mundo cinco vezes consecutivas ainda foi a pessoa (homem ou mulher) mais jovem a recebê-lo, pela primeira vez, em 2006, aos 19 anos. Mas o maior orgulho de Marta é ser aquela que driblou e venceu (com uma goleada) as dificuldades, os preconceitos e obstáculos que ser mulher, de uma cidade do interior de Brasil e pobre, poderiam impor-lhe e brilhar nos campos e na vida.

Ainda que Marta Vieira da Silva jogue bem melhor que vários marmanjos juntos, definitivamente ela não pode ser comparada a nenhum deles. Ela é um caso à parte, é verdade. Mas antes de qualquer coisa, Marta é mulher e ponto. Com todos os atributos que o género inclui no pacote: maquilhagem apurada para sair bonita na foto, chapinha no cabelo, unhas vermelhas, vestido decotado escolhido a dedo, gosto por músicas românticas dedilhadas no violão. Sem contar a queda pela conversa furada. E, se não chorar, não tem graça. Tem de chorar. Mesmo que o motivo não seja lá uma grande novidade para ela, as lágrimas aparecem na hora da emoção. “Então estou aqui, chorando de novo” disse, com a voz embargada, em Janeiro deste ano, ao receber pela quinta vez consecutiva o prémio de Melhor Jogadora do Mundo concedido pela FIFA.

Com apenas 25 anos, Marta é mesmo um fenómeno no mundo da bola. Durante a temporada de 2010, brilhou nos Estados Unidos ao defender o FC Gold Pride: fez 19 golos e foi a principal atleta na conquista do Campeonato Profissional Feminino de Futebol. O desempenho fez a atacante ser eleita a MVP (Jogadora Mais Valiosa, sigla em inglês) da competição e a macadora do torneio, além de ter sido peça chave na classificação do Brasil para a Copa do Mundo da Alemanha, que acontece este ano. Isso tudo só para dizer algumas das suas conquistas de 2010.

Na verdade, já não é de hoje que Marta é uma colecionadora de façanhas futebolísticas. Foi a principal atleta da Liga da Suécia, na qual jogou pelo Umea, de 2004 até 2007, e melhor jogadora e marcadora nas campanhas da medalha de prata na Olimpíada de Atenas (2004), assim como nas medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (2003) e Rio de Janeiro (2007).

Para alcançar este estrelato Marta passou por poucas e boas. A sua história é, de certa forma, semelhante à trajetória da maioria dos jogadores de futebol no Brasil: a criança pobre do sertão nordestino, que tinha um talento excepcional e foi lutando com poucos recursos até conseguir uma oportunidade e vencer na vida. A diferença é que Marta enfrentou uma dificuldade a mais, que, no mundo da bola, é quase uma barreira: ser mulher.

Filha de uma empregada doméstica e de um barbeiro, Marta é a mais nova de quatro irmãos. Nascida e criada em Dois Riachos, a 240 quilómetros de Maceió, a sua infância foi marcada pela pobreza e, claro, e pela vontade de jogar a bola. Segundo o jornalista argentino Diego Graciano, que publicou a biografia da jogadora, quando pequena, Marta corria para não apanhar do irmão mais velho, pois ele não se conformava de ver a menina a jogar futebol. “Um dia, ela pediu-me um real para comprar uma bola. Eu disse: você é mulher, Marta!, lembra a mãe, dona Tereza. Isso aconteceu quando a menina tinha 5 anos. Aos 7, já ia ao campinho. Com 12 anos, Marta já jogava pelo CSA, um dos grandes de Alagoas – a única menina e craque da equipa.

Só que a vida de uma menina boieira não era fácil, sobretudo entre a criança. Ela destacava-se tanto em



campo que chegaram a suspeitar da sua sexualidade. O técnico de uma equipa rival, irritado com o talento da então adolescente, sugeriu que ela deveria tirar a roupa na frente dos outros para ver se era realmente do sexo feminino. “Tive de enfrentá-los para não fazerem aquele absurdo”, recorda José Júlio de Freitas, o Tota, de 68 anos, primeiro técnico de Marta.

Ninguém gostava do facto de ela ser mulher – e muito menos perder para uma mulher. Então, o jeito era juntar-se a ela. E era uma briga, todos os meninos queriam Marta na sua equipa. Até o dia em que amigos e familiares fizeram uma colecta para pagar a sua passagem até o Rio de Janeiro, onde ela passou a jogar – finalmente, com outras mulheres – pelo Vasco.

Foi lá que ganhou o apelido de Pelé de Saia, pelo seu desempenho surpreendente. Tanto que logo recebeu convite para jogar na Suécia, potência no futebol feminino – tudo antes de completar 18 anos. “Quando cheguei lá, apanhei um susto com o frio do Inverno e pensei: como se joga futebol num lugar assim?, lembra. Rapidamente, a alagoana adaptou-se à geleira e, como se sabe, arrasou nos campos europeus.

“É difícil falar só duma característica marcante da Marta, ela é uma jogadora completa: uma qualidade técnica impressionante, um preparo físico óptimo, além de uma postura profissional de primeira. Isso tudo faz com que

ela seja a atleta que é”, descreve o técnico Kleiton Lima, que a treinou no Santos e na selecção brasileira.

A solidão na Suécia era dura. Sem conhecer ninguém, no início, ela investia o seu tempo livre a conversar com os amigos pela Internet ou a jogar videogame. Demorou até que ela se familiarizasse com outros brasileiros locais – uma turma de alagoanos, que se transformou na sua segunda família e não perdia uma partida da camisa 10 da selecção.

Dizem os amigos mais próximos que Marta é tímida, e precisa de um tempo para se soltar. Maurine, jogadora do Santos, amiga e colega de quarto, descreve a marcadora como uma pessoa reservada – só no início. Quando está com as outras jogadoras, não é ela que puxa o pagode. “Se ela não conhece, é tímida. Mas depois fica brincalhona, sempre sorrindo”, diz Maurine. O acanhamento, no entanto, acaba logo que vê um violão, por exemplo. “Ela gosta muito de Victor e Léo, sempre toca. E toca bem. Eu não sei o que ela não sabe fazer bem. Joga às cartas, pingue-pongue, damas, joga ténis e toca violão. É impressionante!” completa a jogadora, apontada por Marta como a melhor brasileira da actualidade.

A Rainha do Futebol, que hoje tem ganhos estimados em 150 mil reais mensais (cerca de 3 milhões de meti-

cais), recebeu o seu primeiro salário ao ser convocada para a selecção sub-15: 200 reais (cerca de 4 mil meti-cais), dos quais ainda tirava metade para enviar à mãe, em Alagoas. Poucas conseguem chegar onde Marta chegou. Em parte, porque as dificuldades muitas vezes são intransponíveis. Ela acredita que o Brasil ainda não conseguiu ser campeão na Copa do Mundo justamente por falta de investimento no futebol feminino profissional: “Nem todas as nossas jogadoras estão em clubes de alto nível, nem podem dedicar-se ao futebol durante todo o ano nem sequer disputam campeonatos competitivos, como eu, Cristiane ou Formiga”, disse, no site da FIFA. “A maioria actua no Brasil onde não há um calendário para o ano inteiro, como acontece com grandes selecções, como as de Alemanha, Estados Unidos e Suécia. Esses países devem servir de exemplo para que também possamos organizar uma competição sólida, que nos permita dar esse passo final”.

Deve ser por essas e outras que o Brasil de Ronaldo, Neymar, Robinho e tantos outros, por enquanto, conhece só uma rainha. Em Maceió, um projecto que transita na Assembleia Legislativa dá a dimensão que a boieira adquiriu no país: a mudança de nome do Estádio Rei Pelé para Estádio Rainha Marta. “O futebol feminino precisa de ídolos e ela está a tornar-se um” aponta o técnico Jorge Barcellos.

Marta lembra que, pelo menos em campo, é capaz de fazer tudo o que eles fazem. Ou quase tudo. Só não dá para tirar a camisa na hora de festejar golazos. Tudo bem. Com perdão do irresistível lugar-comum, as meninas do nosso futebol precisam mesmo de peito para levar adiante o sonho de estar em campo. É a Rainha dá uma última lição aos súbditos, com categoria: “Sabe como matar a bola no peito um pouco acima, para não machucar.”



Liga ZON Sagres: Festa a dobrar no título do FC Porto



Com cinco jornadas de antecipação os adeptos do FC Porto já podem comemorar. E na casa do arquirival, o que traz um sabor ainda mais especial para a festa. Com outra actuação impecável, a equipa do técnico André Villas-Boas confirmou a sua superioridade na temporada ao derrotar o Benfica no Estádio da Luz por 2 a 1 este domingo, garantindo o seu 25º título nacional logo no seu primeiro “match-point”.

Texto: Redacção / Agências • Foto: Lusa

O goleador da Liga ZON Sagres, o brasileiro Hulk fez o golo do título, o seu 21º no campeonato, na marcação de um penalty ainda no primeiro tempo. Antes, o colombiano Fredy Guarín havia aberto o marcador aproveitando a falha da guarda-redes Roberto e Javier Saviola havia igualado noutra penalidade máxima.

Com o triunfo, o FC Porto chegou a 71 pontos, mais 16 que o Benfica e com apenas 15 a serem jogados até o término da temporada. Em 25 partidas, a campanha portista é espectacular: foram 23 vitórias e apenas dois empates, com dois triunfos

sobre o Benfica, um deles por 5 a 0 na primeira volta.

O já campeão tem agora outro objectivo: terminar o campeonato invicto para igualar um feito que apenas o Benfica conseguiu até hoje. Em 1972/73, as águias treinadas por Jimmy Hagan conseguiram o feito somando 28 vitórias e dois empates em 30 jogos. A marca seria igualmente importante para Villas-Boas. O jovem e promissor treinador pode inclusive superar o “mestre” José Mourinho, que por pouco perdeu a oportunidade de ser campeão invicto em 2004.

Premier League: Três golos de Rooney e a desforra de Hodgson

Como de costume, o Manchester United está a mostrar uma garra impressionante na actual temporada. Na partida contra o West Ham, os red devils perdiam por 2 a 0 no término do primeiro tempo, mas viraram o marcador graças a uma actuação brilhante de Wayne Rooney. O superastro inglês balançou as redes três vezes e o clube comandado por Sir Alex Ferguson venceu por 4 a 2.

Como o Arsenal não passou de um empate sem golos em casa contra o Blackburn e o Chelsea empatou a 1 a 1 com o Stoke, o United totalizou seis pontos de vantagem na corrida pelo título. Quem se aproveitou do tropeço dos blues foi o Manchester City, que conseguiu uma goleada por 5 a 0 sobre o Sunderland e chegou à terceira posição. O West Bromwich derrotou o Liverpool por 2 a 1.

Os três primeiros: Manchester United (66 pontos), Arsenal (59), Manchester City (56)

Os três últimos: West Ham,

Wolverhampton (ambos com 32), Wigan (31)
Marcadores: Dimitar Berbatov (20 golos), Carlos Tévez (19), e Darren Bent (13)

La Liga:

A humildade de Mourinho

Num momento bem complicado, José Mourinho mostrou muito espírito desportivo. Após o apito final da derrota por 1 a 0 contra o Sporting Gijón, o técnico do Real Madrid foi ao relvado cumprimentar pessoalmente cada jogador da equipa adversária. Foi a primeira partida que um clube treinado pelo português perdeu dentro de casa desde o dia 23 de Fevereiro de 2002.

“Conquistar oito pontos é quase impossível”, afirmou Mourinho pensando na corrida pelo título espanhol. Como o Barcelona averbou uma importante vitória por 1 a 0 fora de casa contra o Villarreal, essa é a vantagem do clube catalão, isolado na liderança e prestes a sagrar-se campeão pela terceira temporada consecutiva.

Os três primeiros: Barcelona (81), Real Madrid (73), Valencia (57)

Os três últimos: Hércules e Málaga (ambos com 29), Almería (26)

Marcadores: Cristiano Ronaldo e Lionel Messi (ambos com 27 golos), e David Villa (17)

Série A: Festival de golos de sul-americanos

Alexandre Pato e Edinson Cavani foram os heróis do fim-de-semana na Itália. O brasileiro apontou dois golos e conduziu o AC Milan à vitória por 3 a 0 no clássico contra o Internazionale de Milão, enquanto o uruguaio balançou as redes três vezes e garantiu os três pontos para o Napoli, que venceu a Lazio por 4 a 3 depois de estar a perder por duas vezes. Com estes resultados, o Inter caiu para a terceira posição, enquanto os napolitanos assumiram a vice-liderança.

Os três primeiros: AC Milan (65), Napoli (62), Internazionale (60)
Os três últimos: Cesena (30), Brescia (29), Bari (20)
Marcadores: Edinson Cavani e Antonio di Natale (ambos com 25 golos), Marco di Vaio e Samuel Eto'o (ambos com 19)

Bundesliga: Euforia recende em Dortmund

Campeões de verdade nunca desistem. O Borussia Dortmund parecia ter ficado meio sem fôlego após conquistar apenas um ponto nas duas últimas partidas. No fim-de-semana, pareceu que a situação continuaria má quando o Hannover abriu o marcador em Dortmund. Mas foi então que os jovens comandados por Jürgen Klopp provaram o seu valor, virando a partida para 4 a 1 e permanecendo incontestáveis na liderança do Campeonato Alemão. O vice-líder Bayer Leverkusen, mesmo tendo vencido o Kaiserslautern por 1 a 0, tem menos sete pontos que o Borussia.

Os três primeiros: Borussia Dortmund (65), Bayer Leverkusen (58), Bayern de Munique (51)
Os três últimos: Wolfsburg e St. Pauli (ambos com 28), Borussia Mönchengladbach (23)
Marcadores: Papiss Cissé e Mario Gomez (ambos com 19 golos), e Theofanis Gekas (16)

MOTORES

COMENTE POR SMS 821115

Projectista dos monolugares da campeã em título Red Bull, o britânico Adrian Newey afirmou-se, "lisonjeado" com o facto de outras escuderias participantes no Mundial de Fórmula 1 estarem a copiar o sistema de escape do RB7, entre as quais a McLaren.

Jorge Lorenzo aproveita quedas dos rivais e vence o MotoGP de Jerez

Numa pista bastante escorregadia, Jorge Lorenzo aproveitou as quedas dos rivais para assumir a liderança e garantir a sua primeira vitória na temporada, no passado domingo (3), em Jerez de la Frontera.

Texto: **Redacção/Agências** • Foto: **ISTOCKPHOTO**

O actual campeão de MotoGP cruzou a linha de chegada com folga, 19.339s à frente de Dani Pedrosa, e assumiu a liderança do Mundial. O primeiro classificado na partida Casey Stoner abandonou a corrida na sétima volta.

O australiano estava em segundo quando se envolveu num acidente com Valentino Rossi, que errou uma travagem enquanto pressionava a ultrapassagem. O italiano voltou para a pista, mas Stoner não teve condições de continuar.

Simoncelli, que liderava a prova nesse momento, caiu sozinho e também não terminou a corrida. Companheiro de Stoner na Honda, Dani Pedrosa

largou muito mal, mas conseguiu recuperar a segunda posição que tinha no início da prova.

O espanhol, mesmo com o braço sem força devido à compressão de uma artéria, manteve a posição heroicamente até o final. A três voltas do término, Ben Spies, então segundo classificado, caiu na pista e frustrou o que seria uma dobradinha da Yamaha.

A decepção de Colin Edwards foi muito grande quando a moto do piloto, que estava na quinta posição, parou na última volta. Valentino Rossi cruzou a linha de chegada em quinto. O heptacampeão da categoria dirigiu-se directamente às boxes da Honda e pediu desculpas a Stoner pelo incidente.



Fórmula 1: o número 1

A Red Bull, escuderia vencedora do Mundial de construtores e cujo piloto venceu o Mundial de pilotos, no ano passado, usa na temporada que começou a duas semanas os números 1 e 2 nos seus carros, cujo novo modelo RB7 foi projectado por Adrian Newey. A principal diferença em relação ao carro que em 2010 reinou nas pistas está na asa traseira, que deve aumentar a velocidade final em determinados pontos das pistas. Conheça alguns detalhes do RB7, que conduzido por Vettel, já corre mais do que toda a concorrência:

O cara a ser batido
Em defesa do título, o alemão Sebastian Vettel tem 20 provas pela frente, e 23 rivais para deixar para trás

Nariz em pé
O bico do RB7 está mais alto em relação ao solo, em comparação ao carro campeão da temporada de 2010. A mudança ajuda o RB7 a ter melhor penetração aerodinâmica e melhor fluxo de ar até suas demais partes

Pirelli esta de volta
depois de 20 anos, a fábrica italiana de pneus será a fornecedor exclusiva na próximas três temporadas. Nos testes, os pneus Pirelli se mostraram mais aderente, permitindo maiores velocidades nas curvas, mas se desgastaram mais de pressa o que poderá exigir até três trocas durante as curvas

Grande novidade
A aliaeta instalada na parte central da asa traseira vai melhorar a pressão aerodinâmica do carro e do seu desempenho em curvas e na retomada de velocidade

Fiat Malangatana

Texto: **Adérito Caldeira**

Há carros que após o primeiro olhar a vontade de pegar no volante é imediata. Mas tratando-se do Fiat "tchinquetchento" (cinquecento significa quinhentos, em italiano), pintado em 12 dias pelo Mestre Malangatana, só nos apetece contemplar.



O Mestre chamou-lhe "A Italiana" e é a última obra que as suas mãos produziram. Sobre o visual irreverente, deste mítico modelo da Fiat, criado nos anos '50 por Carlo Abarth e lançado em 2009 com linhas modernas mas mantendo a nostalgia da história, Malangatana fez uma das mais belas homenagens jamais pintadas da mulher moçambicana.



Afinal de contas, se há coisa que um 500 não quer é passar despercebido. E, se o modelo oficial não passa, vamos ver as cabeças girar, como se fossem girassóis em busca de sol, à passagem deste exemplar que tem o toque do Mestre Malangatana.



Mariah Carey posou nua na capa de uma revista marcando o seu oitavo mês de gravidez. A foto foi publicada na revista "Life & Style" e traz Mariah de perfil, exibindo a sua barriga e cobrindo os seios com os cabelos.

MULHER
COMENTE POR SMS 821115

“Pessoalmente, comemoro com mais liberdade e autonomia o 8 de Março”

Graça Samo, directora-executiva do Fórum Mulher, é da opinião de que não precisamos de esperar por datas para defendermos os direitos das mulheres. “O importante é estarmos unidas na busca dos mesmos objectivos.” E deu como exemplo: “O dia 1 de Setembro também não foi uma data consagrada especialmente para os cidadãos reivindicarem a melhoria das suas condições de vida”, referiu. Para esta activista dos direitos das mulheres, o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, sobrepõe-se ao 7 de Abril, Dia da Mulher Moçambicana, demasiado politizada para o seu gosto.

Texto: João Vaz de Almada • Foto: João Vaz de Almada



terra mas elas não possuem o poder de decisão sobre essas mesmas terras.

Então o 7 de Abril não contribuiu para nada?

(GS) - Contribuiu sobretudo ao nível do movimento de libertação de Moçambique no sentido de tentar trazer a mulher como companheira de luta, mas não contribuiu no sentido de desafiar as relações de poder, ou seja, a luta pela igualdade de direitos entre homem e mulher na sociedade. A mulher tem participação política mas o espaço dela e o seu papel dentro dessas relações ainda é de subordinação em relação ao homem.

Subordinação a que nível?

(GS) - A todos os níveis. Nas instituições, no acesso ao mercado de trabalho, ao crédito, a todas as contribuições que a economia poderá fornecer a um cidadão. A participação da mulher é ainda muito exígua, não porque ela não queira, mas porque as facilidades são muito poucas. A mulher não consegue competir por várias razões, começando pela própria discriminação pelo simples facto de ser mulher. O acesso à educação é um bom exemplo, por isso muitas delas são iliteradas. Muitas vezes é alvo de deboche por parte do sexo oposto. Felizmente que o Governo já reconheceu que a violência doméstica é um problema de saúde pública. Mas há muita intimidação.

Acha que o 7 de Abril contribuiu para a diminuição das práticas tradicionais nocivas à saúde da mulher?

(GS) - Não consigo ver essa diminuição. Uma vez estávamos num pequeno seminário e a doutora Fernanda Machungo fazia a apresentação sobre o problema do aborto clandestino e o que isso representa em termos de mortalidade. Ela mostrava indignação pelo resgate que estava a ser feito das práticas que antes tinham sido consideradas nocivas. É verdade que, no pós-independência, sob a liderança de Samora Machel, foi feito um trabalho de combate a essas práticas obscuras mas isso não durou muito tempo. Os ritos de iniciação e as suas práticas expõem as crianças a uma sexualidade precoce, acabando por não ser sexualidade mas sim disponibilização da mulher para servir o sexo masculino. A submissão da mulher é reforçada por essas práticas. A guerra civil, ao desfazer todo o tecido social, também foi responsável por este retrocesso.

Enquanto mulher moçambicana sente-se representada pelo feriado do 7 de Abril?

Graça Samo (GS) - A pergunta não é fácil porque, de uma maneira ou de outra, é-se sempre influenciada pelo contexto geral. Considero as datas comemorativas como um mero simbolismo. Pessoalmente, comemoro com muita mais liberdade e autonomia o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher. Embora não possa fazer uma retrospectiva muito clara sobre tudo o que determinou a criação do 8 de Março, sei que é uma data que representa várias lutas. O 7 de Abril é um dia dedicado à mulher moçambicana mas há todo um conjunto de factores controversos, derivado do facto de estar centralizado na figura de Josina Machel. Quem foi afinal Josina Machel? Foi, sem dúvida, uma mulher envolvida no movimento do Destacamento Feminino, mas provavelmente o que mais a destacou foi o facto de ter sido esposa de Samora Machel. De alguma maneira é daqueles ícones que se tornaram ícones por estarem associados a alguém importante. Eu não conheço grandes feitos dela como uma mulher que trilhou uma jornada. Conheço os feitos do Destacamento Feminino. Quero acreditar que ela simbolize o movimento das mulheres que estiveram na luta de libertação nacional.

Mas voltando à pergunta: Sente-se ou

não representada pelo 7 de Abril?

(GS) - Sinto-me representada se a data representar a luta das mulheres moçambicanas pela sua libertação. Nessa perspectiva sim, sinto-me representada. Se for na perspectiva da data politizada pela OMM ou pela Frelimo, não me associo a ela porque procuro afastar-me sempre da perspectiva político-partidária.

Acha que há necessidade de encontrar no calendário outra data que represente efectivamente todas as mulheres moçambicanas?

(GS) - Não iria por aí. Acho que não podemos perder o foco a discutir datas. Na fase em que vivemos devemos é olhar de frente para os problemas do país e da sociedade. Os problemas que as mulheres enfrentam no dia-a-dia são independentes das escolhas partidárias, do sul, do centro ou do norte, de uma ou outra etnia, de uma ou outra língua. Prefiro discutir os nossos problemas, os problemas da mulher.

Mas concorda que o 7 de Abril contribuiu para a emancipação da mulher?

(GS) - Sim, mas mais de metade da população deste país é composta por mulheres mas se formos a olhar para a estrutura da nossa economia, não há um equilíbrio. Por exemplo, neste país são as mulheres que trabalham a

A ntyiso wa wansati

* A verdade da Mulher



Texto: Margarida Rebelo Pinto
averdademz@gmail.com

Voar Sentado

Se não fosse o estrabismo que me detectaram no último exame de admissão à aviação comercial, podia ter sido comandante de longo curso até à idade da reforma, como o meu pai e os meus dois tios Luís e Joaquim. Mas o meu olho direito traiu-me, com o seu desvio teimoso e incorrigível para o canto interno do meu globo ocular e por causa dele o meu mundo é em terra e não posso dar a volta ao outro globo, o que é coberto por 75 por cento de água e que gira em torno de si mesmo a uma velocidade que Deus controla do céu com um controlo remoto.

Deus lá em cima também manda na rota dos aviões e tem um controlo remoto com milhões de botões que decidem tudo o que se passa na terra. Mas Deus também se engana e às vezes carrega no botão errado e é assim que caem os aviões, que a terra treme, que as ondas gigantes inundam a terra, que as florestas ardem, que as chuvas destroem casas e crianças morrem asfixiadas em escolas.

Pensando bem, talvez o meu estrabismo não tenha sido mais um erro de Deus, mas apenas a actuação dessa força misteriosa e incontornável a que os antigos chamam a Divina Providência, porque quando voo sentado no meu simulador, nunca se avaria um reactor, nunca a asa direita é apanhada por ventos cruzados e nunca choco com outro aviões. O meu computador é como Deus, também tem milhões de botões e controla o meu mundo, mas como não tem coração não hesita, e como não hesita não se engana.

Se Deus fosse mesmo perfeito e acima de todas as coisas como me ensinaram no colégio dos padres jesuítas quando andava de calções e gravata, não se enganava, pois não? Porque antes deste Deus omnipotente e onnisciente existiam outros deuses muito mais parecidos com os homens, que se apaixonavam por mulheres terrenas, que cometiam erros e pagavam por eles. Esses deuses parecem-me mais possíveis, porque os imaginamos à nossa imagem e se fomos criados por um deus qualquer é natural que eles nos tenha criado à imagem dele, não é? Este Deus, que nos ensinaram a escrever com letra grande desde o tempo da farda não é parecido com os homens nem com nada; nunca ninguém o viu, só lhe ouviram a voz que descia à terra por um feixe de luz e isto é se acreditarmos nas histórias antigas dos profetas, que não tinham televisão nem playstation nem computadores e que por isso usavam a imaginação para passar o tempo.

Todos os dias me sento para pilotar os aviões da minha imaginação e todos os dias penso como será a cara de Deus; será que também lhe pica a barba quando cresce, tem tártaro nos dentes e sonhos molhados como todos os homens? Será que bebe leite com café e fuma um cigarro antes de começar a carregar no controlo remoto? Será que gosta de doces e se pela por uma boa feijoada?

Gostava de acreditar num deus qualquer, diferente do que me impingiram no colégio. Gostava de conversar com ele, ir ao futebol e a seguir beber uma cerveja e dizer disparates. Nessa altura perguntava-lhe porque é que ele deixa que nos ensinem que ele é perfeito e reina sobre todas as coisas quando somos pequenos, para depois passarmos o resto da vida a perceber que nada disso é verdade. A perfeição não existe, nem nos computadores e é por isso que o mundo é um caos e eu tenho um olho estrábico que nunca me deixou voar senão dentro do meu quarto onde dou a volta a um mundo que só existe dentro da minha cabeça.

O jornal @verdade também pode ser contactado via BlackBerry Messenger.

Adicione-nos à sua lista de contactos. O nosso PIN é 223A2D52.

BlackBerry Messenger – troque textos, fotos e vídeos gratuitamente

Cut down your mobile bill

O tempo em que o telefone servia apenas para falar há muito passou. Cada vez é mais popular entre os utilizadores de telemóveis em Moçambique o uso de mensagem de texto (SMS) para comunicação, desde as mais pequenas até as mais intermináveis que juntam na realidade vários SMS's. Apesar das diversas bonificações que cada uma das operadoras oferece quando o assunto é comunicar entre clientes de operadoras diferentes, não há SMS's gratuitos.



As mensagens curtas de texto (SMS) começaram a ser conceptualizadas e desenvolvidas nos anos oitenta, porém a primeira SMS só foi enviada no dia 3 de Dezembro de 1992, através de uma rede GSM da Vodafone no Reino Unido. A mensagem foi "Merry Christmas" (Feliz Natal). Na altura poucas operadoras de telefonia móvel imaginavam a oportunidade de negócio que isso representava e inicialmente forneciam o serviço de mensagens sem custos para os seus clientes.

Quando se aperceberam da popularidade do serviço, e dos lucros que poderia gerar, as operadoras começaram então a cobrar pelas SMS enviadas pelos seus clientes. Hoje cerca de 80% dos utilizadores de telemóveis no mundo usam

o serviço de SMS.

Mas, para as operadoras de telefonia móvel, o custo actual de um SMS é quase nulo o que lhes tem lhes proporcionado enorme lucros.

Para felicidade dos utilizadores de telemóveis, tem surgido vários serviços de mensagens de texto gratuitos.

Um dos melhores, e que se tem popularizado, é o BlackBerry Messenger (BBM). Um aplicativo de mensagens instantâneas exclusivo para os usuários de smartphones BlackBerry. Com layout de bate-papo e sem limite de caracteres, e ainda a vantagem de possibilitar o envio de imagens e vídeo, o BBM torna muito mais fácil partilhar mensagens.

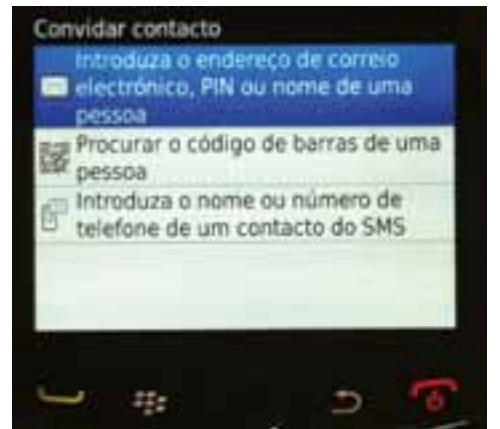
O aplicativo BBM vem pré-instalado em todos os smartphones BlackBerry, e permite enviar ou receber mensagens em tempo real não importando as operadoras que forneçam o serviço. Estas mensagens podem ser locais ou internacionais e o custo é zero.

O BBM é ideal para usuários jovens que, através de um plano de dados para smartphones BlackBerry, têm acesso a um sistema de envio e recebimento de mensagens instantâneas totalmente gratuito. Isto é importante se considerarmos que os jovens, hoje, enviam entre 40 e 200 mensagens por dia.

Entre as suas funções, o BBM permite:

- Personalizar o estado e a imagem do usuário;
- Adicionar contactos digitalizando apenas o seu código de barras ou partilhando PIN's;
- Estabelecer um ou mais contactos ao mesmo tempo;
- Partilhar fotos, vídeos, notas de voz e arquivos com um ou mais contactos simultaneamente;
- Criar grupos de amigos, familiares ou colegas de trabalho e partilhar instantaneamente calendários, listas, conversas e actualizações;
- Identificar o que estão a escutar os seus amigos a partir dos títulos das suas músicas;
- Salvar e recuperar a sua lista de contactos;
- Enviar e receber mensagens de texto.

Qual é o seu PIN? Esta é a pergunta que um usuário de BBM faz a outro quando quer convidá-lo a fazer parte da sua lista de contactos. Encontre o Pin do seu



BBM indo para o menu OPÇÕES, STATUS ou na lateral da caixa do seu aparelho.

Para usar o BBM, é necessário apenas:

- Um smartphone BlackBerry com no mínimo 3MB de memória disponível para aplicativos;
- BlackBerry Device Software v4.5 ou superior;
- Plano de dados BlackBerry.



Origem alienígena

Uma pesquisa revela que um dos elementos químicos essenciais para o surgimento da vida na Terra chegou ao planeta em meteoritos que o bombardearam em tempos remotos.



A nossa relação com o cosmos é muito mais estreita do que qualquer um podia imaginar. Cientistas americanos descobriram que um dos ingredientes essenciais para a vida – o nitrogénio – chegou à Terra em meteoritos. Os pesquisadores americanos retiraram o

pó de um desses pedaços de asteroide e trataram-no com água a alta temperatura e pressão. A massa resultante emitiu amónia, que contém nitrogénio. Ela não poderia ter sido adquirida quando o meteorito chegou ao planeta, pois a sua composição é diferente da amónia encontrada aqui. O estudo foi publicado na revista especializada "PNAS".

O nitrogénio é essencial para a formação dos aminoácidos e nucleobases, os princípios da vida. Num passado longínquo, ele juntou-se a elementos como carbono, hidrogénio, oxigénio, fósforo e enxofre e deu origem às primeiras formas de vida. Os estudiosos afirmam que isso aconteceu há cerca de 3,46 biliões de anos – idade dos fósseis mais antigos encontrados até hoje, colónias de bactérias conhecidas como estromatólitos (veja o quadro).

Descoberto em 1995, na Antárctica, o meteorito estudado agora é conhecido como Grave Nunataks 95229, em referência ao local onde foi encontrado. Outro objecto do tipo, o Murchison, ficou famoso em 1970, quando um estudo da prestigiada revista científica "Nature" revelou que ele havia trazido aminoácidos à Terra.

"O estudo do Murchison mostrou que moléculas idênticas às da vida podem ser produzidas em ambientes cósmicos", disse Sandra Pizzarello, chefe do estudo e pesquisadora da Arizona State University (EUA). "A composição dele, no entanto, tem um pouco de tudo e é difícil supor um caminho evolucionário para cada molécula", explica a cientista.

Até há pouco tempo atrás, acreditava-se que o nitrogénio da Terra teria chegado exclusivamente por meio de cometas, cuja composição tem 1% de amónia. "Esta é uma prova de que ele também veio de asteroides e meteoritos", afirma Amâncio Friaça, pesquisador em astrobiologia da Universidade de São Paulo (USP). Segundo ele, o nitrogénio não é um elemento tão comum de se encontrar aqui como os outros que formam as bases da vida. Prova disso é que, no



nosso planeta, a maior quantidade está na atmosfera e em depósitos de seres mortos, os fósseis.

Por terem possivelmente gerado a vida aqui, não se descarta a possibilidade de os meteoritos a terem semeado noutros lugares. "Isso pode ter acontecido especialmente em Marte, onde alguns especialistas acreditam que, no passado, as condições eram até mais favoráveis do que na Terra", diz Sandra. Esse ambiente amigável a seres vivos deteriorou-se quando o planeta vermelho perdeu a sua magnetosfera, uma parte exterior da atmosfera.

Para quem estuda o começo da vida no Universo, o resultado da pesquisa não surpreende tanto. Apesar de tendermos a acreditar que a nossa origem é puramente terrestre, a própria composição do corpo humano tem mais a ver com o mundo externo do que com o nosso planeta. "Não somos filhos da Terra", diz Friaça. "Só 3% do corpo humano é formado por elementos da crosta terrestre, como fósforo, enxofre e cálcio. Tudo o resto – carbono, hidrogénio, oxigénio e nitrogénio – é abundante no cosmos", explica. Assim sendo

somos todos aliens.

TCHIM TCHIM

CADA MOMENTO DA TUA VIDA MERECE UM BRINDE

A group of men are gathered around a pool table, clinking beer bottles in a toast. They are all smiling and looking towards the camera. The background features a red wall with a banner that reads "BEM VINDO AO NOSSO MUNDO". The pool table in the foreground has a green felt top and several balls. The men are wearing various clothing, including a red shirt with "MBA" on the back and a grey jacket. The overall atmosphere is festive and celebratory.

REFRESCA OS BONS MOMENTOS

2
MAC-MAHON
M

A artista plástica **Silva Dunduro** ficou ausente durante três anos das lides artístico - plásticas e voltou, semana passada, em grande com uma exposição individual, um misto de culturas moçambicana e brasileira, onde as mulheres moçambicana e carioca se cruzam em acções tristes e alegres.

Sizaquel: “Eu vivo a música”

Prestes a celebrar uma década de carreira - o que acontecerá no próximo ano -, a compositora e intérprete Sizaquel Matlombe já carrega consigo um legado de mais de uma dezena de anos. Tem 31 anos de idade, três prémios, um disco e uma legião de admiradores. Mas isso, diga-se, são apenas detalhes no currículo de uma artista no ápice do seu talento.

Texto: **Hélder Xavier** • Foto: **Miguel Manguze**

continua Pag. 28 →



Pandza

Hélder Faife
helder.faife@yahoo.com.br



Insónia

Insónia, para mim, significa saudades da Sónia. É uma semântica profunda, por causa do amor que sinto por ela.

Sentei-me na borda cama. Eu estava com insónias, saudades, portanto, da Sónia. Não que ela estivesse longe, estava ali mesmo, ao meu lado. Ao contrário do que se diz, saudade não é sentir falta de alguém ausente, é sentir a sua presença, estando ausente ou não. Saudade é amor. Eu amo a Sónia.

Era madrugada, aquela hora em que só se ouve silêncios, e se percebe que o silêncio é mais ruidoso do que parece: a respiração do vento, das pessoas, o estalido dos móveis, as baratas roendo, o latido solitário dos cães... Não tinha nada para pensar àquela hora, mas não conseguia estar sem pensar em nada. Comecei então a contar mosquitos, é mais eficiente do que contar carneiros. Contar carneiros exige um esforço na imaginação. Os mosquitos eu via-os, e contava-os sem esforço nenhum.

Ela dormia um sono de anjo, anjo sem aquelas enormes e inestéticas asas brancas que se lhes atribui. No lugar de asas brancas usava uma capulana colorida, fiel companheira, depositária dos seus mais íntimos segredos. A capulana cobria-a, e eu, olhando para os volumes salientes pensei: “mulher bonita”, ou não fosse verdade que a beleza da mulher se mede pelo diâmetro dos seus quadris, que o julgamento do belo feminino está refém da saliência das ancas e das nádegas, que é ali, no equador delas, que se dá o primeiro estágio para se lhes atribuir qualificações estéticas (Não me refiro à beleza convencional, que cepticamente – e comercialmente – nos é imposta, limitando-nos a gostos colectivos).

Sónia torna-se mais bonita quando se encapulana e desliza pela casa de vassoura, balde, cesto, panela ou alguidar, aprimorando o seu expediente doméstico, tudo isto a tempo de montar a banca de rua com que multiplica o salário que levo para casa.

Ultimamente anda um tanto OMMizada e cuida melhor da beleza. Passa horas ao espelho ensaiando penteados e inventando novas formas de se arrumar no lenço e na capulana. Não entendo porque se esmera tanto em penteados se por cima do cabelo leva sempre um lenço. Vaidade feminina!

Sentado na cama eu contava mosquitos, que é mais eficiente que contar carneiros, quando, em zumbido embriagado, um deles foi pousar na pele suada da minha doce amada, estorvando-lhe o sono profundo, cansada das batalhas diurnas. Coçou-se sem acordar, espreguiçou-se despreocupada das partes arredondadas que espreguiçavam pelas roupas de dormir. Ao espreguiçar-se, parecia que se mudava de um sono para outro, mais fresco, mais leve, como a serpente que renova o alento para a vida despindo-se da velha pele. Esticou-se e encheu o peito de preguiça, exibindo os volumes. Quis acariciá-la mas com o braço interrompeu-me, lá do meio do sono, afastando qualquer possibilidade de vigília, e relaxou, moluscuosamente, para o merecido sono.

Instintivamente, levitei a ponta dos dedos sobre a pele húmida. Sem lhe tocar, afaguei-lhe apenas a respiração dos poros. Estremeceu, agradavelmente arrepiada. Inclinei-me para o ouvido disse-lhe em tom melado:

– Meu amor...

– Agora não, amor, tenho sono – respondeu-me julgando que as minhas intenções fossem aquelas.

– Só quero te desejar parabéns.

– Parabéns porquê? – falava sem abrir os olhos, com o hálito agradável das madrugadas e a voz enrouquecida de sono.

Antes de lhe responder apercebeu-se da data e sorriu. O sorriso não se deteve nos lábios. Espalhou-se pelo corpo que aos meus olhos se arredondava ainda mais. Moveu-se para me abraçar, descobrindo-se parcialmente, deixando perceber até onde o sorriso dos lábios se alastrara. Abraçados, e exorcizando a insónia, respondi-lhe:

– Parabéns pelo 7 de Abril, meu amor!

Histórias sobre artistas plásticos em documentário

Se, por um lado, em “Pfunguza” e “Eu, Mucavele”, duas obras cinematográficas recentemente apresentadas em Maputo, a Escola Nacional de Artes Visuais conseguiu imortalizar a vida e obra de Noel Langa e Estêvão Mucavele, por outro, em larga medida, os artistas não conseguem abrigar a angústia que possuem em volta dos mistérios da cristandade.

Texto: **Adérito Caldeira** • Foto: **Adérito Caldeira**

continua Pag. 29 →



Reinata Sadimba, uma das mulheres artistas que enchem de orgulho o sector feminino da sociedade, vai juntar-se ao ARTEDIF - Centro Cooperativo Artesanal dos Deficientes Físicos - numa exposição de artes plásticas abrangendo cerâmica, artesanato e produtos têxteis de artistas moçambicanas.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

Odisseia ao reino da timbila

Primeiro que tudo, venceu a música, sob as mais diversas formas de expressão acústica. Para além disso, Cheny Wa Gune e a sua timbila foram as estrelas dominantes, mais impositivas do que a ausência de público. As 500 almas que pisaram o Centro Cultural Franco-Moçambicano (CCFM), presenciaram um espectáculo memorável.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: XXXXXX



À medida que os sons tomavam conta do espaço, a sala do CCFM ia-se transformando numa “aldeia cultural” em que os assobios e os gritos de júbilo do público confirmavam o seu enlevo pela “chopi timbila groove”.

Em “txigono txa Mbacone”, música por meio da qual Geraldo António Mahuaie, ou simplesmente Cheny Wa Gune, presta honra e tributo à sua fonte de inspiração - Zululwane (considerado “fantasma de Mbocone”) pela herança da música tradicional Chopi que reinterpreta em criações.

Na música, a timbila trespassava a dimensão de mero instrumento de música tradicional africana, e transforma-se em “minha vida, minha terra, minha música”. Assim, Wa Gune justifica, à sua maneira, as razões para a eleição da timbila a “património universal da humanidade”.

Para comprovar que a música não tem fronteiras e, sobretudo quando se trata do continente africano, Cheny Wa Gune convidou para o concerto duas cantoras do Reino da Suazilândia - Bongiwe e Thobile - que fizeram os coros do concerto.

Do xitende à m'bira

Se o xitende impôs, de forma meritória, o arranque da festa da publicação do “Jindji Jindji”, a m'bira - outro instrumento de música tradicional africana - levou os espectadores para outra dimensão. Com a interpretação



tra em Cheny um mestre e comprova: “para mim é uma honra e privilégio actuar com Cheny”. Afinal, “quando ele fundou os Timbila Muzimba eu, ainda, era caloiro na música”.

Um mestre “Durão”

Eduardo Durão - tio e mestre de Cheny Wa Gune - ao galgar o palco para emprestar o seu conhecimento ao serviço da música, fruto de sua relação umbilical com a timbila, o palco e a plateia do Centro Cultural Franco-Moçambicano converteram-se numa verdadeira “orgia dos loucos”.

Fazendo jus ao poder e efeito contagiosos do som da timbila, o público, desejoso de dançar, não se fez indiferente. De imediato, tomou o palco de assalto, para dizer as palavras que só o corpo consegue dizê-las por meio da dança.

ainda de tradição”. Ao seu criador, “eu prefiro chamar de “xikwembo porque, quando se trata de música, Wa Gune expele espíritos”, diz David Macuácu dos Ghorwane.

Publicar “Jindji” - num acto prazenteiro

Quando abordado, Cheny Wa Gune considerou que o concerto foi uma oportunidade de convívio entre duas gerações de artistas, em que familiares, amigos e artistas como Roberto Chitsonzdo, David Macuácu, Eduardo Durão, Júlio Baza, Sérgio Muiambo, entre outros, constituem “as minhas fontes de inspiração, amizade e aprendizagem”. Por isso, o evento acabou por se caracterizar por muito simbolismo, porquanto se manifestou uma vontade natural de conviver, valorizando os feitos da vida.



da música “hidzumba hothselele” (o mesmo que vivendo contigo), protagonizada por Sérgio Muiambo, a m'bira demonstrou que, apesar de a timbila ser considerada património universal da humanidade, os instrumentos musicais africanos, em conjunto, são grandiosos.

E porque o conhecimento se transmite de todas as formas, Muiambo encon-

Today, as aventuras não cessaram, uma vez que a noite continuava uma “criança”.

Jinjdji, o antro de Amores

Ao som do “Jindji Jindji”, dialogando com outro, um espectador desabafa: “eu gosto dessa música, não sei porquê”. Ao que o outro anui: “eu também”. Na verdade, “Jindji Jindji” é uma música que, além de resumir em tema o primeiro registo discográfico de Cheny Wa Gune, com 10 faixas, impele o ouvinte a fazer comentários egocêntricos.

Os espectadores galgaram o palco para “dar um passo para a frente”; outro “passo para trás”, afinal esta música, além de ser “sabor da mandioca” pressupõe uma “conversa e dança do amor”.

Coagidos pelo desejo egoísta do coração, os moçambicanos que acorreram ao “Franco” viram-se na contingência de homenagear um músico cuja música “alguns chamam de cultura, outros,

Não menos importante é a forma pictórica por meio da qual Wa Gune, um artista que sendo mestre da timbila hoje, não deixa de ser discípulo, descreve o reencontro com o seu mestre Eduardo Durão, da seguinte maneira:

“Nunca tinha, antes, convidado o mestre. Então, partilhar o palco com ele num concerto que marca a publicação do meu primeiro trabalho discográfico é como se de um momento amoroso e afectivo se tratasse. É que, como pude-ram ver, ele veio bem munido para o concerto, daí que a sua actuação tornou o evento muito alegre e cheio de vivacidade”.

O coral do concerto esteve a cargo de Bongiwe e Thobile, cantoras oriundas do Reino de Suazilândia, sobre quem Cheny considera que “em termos de categoria, a opção das coristas não foi propositada. Todavia, a nível sentimental, teve como finalidade quebrar fronteiras por meio da arte e cultura”. De qualquer modo, “penso que as expectativas foram superadas, as coristas estiveram à altura”.

Há uma ideia popular segundo a qual a ausência de público torna qualquer manifestação artística impossível. Sucedo, porém, que as poucas pessoas que pisaram o CCFM saíram de lá com outra impressão. Ou seja, nem sempre os adágios populares servem para tudo, principalmente, quando se trata do concerto de lançamento de “Jindji Jindji”, álbum de estreia de Cheny Wa Gune - artista cuja carreira se arrasta há mais de uma década.

É algo que por si só já dava motivo para fazer um espectáculo sem público. Até porque quando se tem o dom de Cheny o sucesso não se mede pela quantidade de ouvidos numa sala, mas a qualidade desses ouvidos. E a reconstituição das cerimónias festivas rurais através da música. Cheny retrata, com a sua música, o quotidiano do campo, as prevaricações e frustrações - o álbum podia ser uma espécie de hino dos moçambicanos, mas apenas 500 pessoas entenderam a sua sonoridade e a sua relevância sociológica; ainda assim finalmente “Jindji Jindji” nasceu.

Naturalmente, não reunirá em torno de si a unanimidade das massas entusiastas e nem o suporte das grandes empresas, acostumadas a gastar balúrdios de dinheiro com a vinda de artistas de qualidades questionáveis. A questão é: estão as empresas moçam-

bicanas realmente angustiadas com a quantidade de “verdade” e realismo que a música de raiz transporta (por isso a música com prazo de validade e os corpos a balançarem...) ou, em muitos casos, nada se ganha, é apenas a mania de dar valor à mediocridade?

O xitende - um instrumento de música tradicional africana - foi a ferramenta por meio da qual a música “tcamabala madowo”, de forma acústica, além de assinalar o prelúdio do concerto, os artistas encontraram uma vaga para reinventar a história do homem campestre produzindo ritmos e sonoridades que nos recordam as cerimónias festivas no meio rural. Nesta ocasião, tudo estava pronto para transformar o crepúsculo do primeiro de Abril numa noite de honras e vênias.

À sua maneira, Roberto Chitsonzdo, dos Ghorwane que interpretara “xikaulane” prestava o primeiro tributo a Cheny: “Obrigado Cheny - mas como não posso fazê-lo sozinho peço a vossa ajuda - a do público - para aplaudilo”, disse. Com uma performance simplesmente encantadora, a combinação das vozes de Chitsonzdo e Wa Gune conferiu, sobretudo este último, um estatuto de que não precisa reivindicar - o de verdadeiro precursor de música tradicional moçambicana na camada jovem.



PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação → Sizaquel: "Eu vivo a música"



É uma daquelas estrelas que entraram na vida de milhões de pessoas com a mesma naturalidade dos parentes mais próximos. Dona de uma das mais invejáveis vozes do país, Sizaquel Matlombe não teve uma educação musical formal e acredita tratar-se de uma dádiva, mas a igreja foi a sua escola. "Eu vivo a música, canto por amor à música. Para mim a música é tudo", começa por dizer a voz da melhor canção 2010/11.

Nasceu em Nampula, mas cresceu entre a cidade e província de Maputo, onde teve uma infância tranquila. E, diga-se, Sizaquel Matlombe, que completa este ano o seu 32º aniversário de vida, já nasceu compositora e intérprete.

Desde tenra idade que alimenta a paixão imensurável pela música. Aliás, o ardor pelo "sol-e-dó" foi influenciado pelo seu pai que era músico corria a década de '80. Ela via-o sempre tocar em casa acompanhado da sua banda, mas não se limitava apenas a assistir. "Eu acompanhava o grupo

fazendo coros. Ainda pequena tinha noção do que é cantar e interpretar a música de outros músicos", conta. Mais tarde, o seu progenitor abandonou o universo da música, mas o "bichinho da música" continuou a crescer na vida de Sizaquel.

A advocacia atravessou-lhe os sonhos de infância, mas a música falou mais alto. Na verdade, fazer música, diz, "sempre foi o meu sonho". Mas só em 2002 é que a sua carreira começa na cidade de Tete, interpretando músicas de artistas estrangeiros conceituados, até porque ainda não contava com uma composição da sua autoria. No início do seu trabalho, Sizaquel interpretou diversos estilos musicais, desde as músicas mais agitadas até as mais clássicas, em bares e hotéis. "Interpretei bastante as músicas da Whitney Houston, aliás, eu aprendi muito dela, ou seja, ela foi uma escola para mim", comenta.

Em 2003, pertenceu a um pequeno agrupamento musical denominado "Kanhempe". Um ano mais tarde, em 2004, a jovem artista deixou a banda e participou no concurso de descoberta de talentos "Fantástico", no qual se sagrou vencedora. "Foi o primeiro grande momento da minha vida", comenta.

Diga-se, Sizaquel Matlombe aproveitou os cinco minutos da música "The greatest love of all" de Whitney Houston e nunca mais parou. Em 2007, venceu com a música "Nikazalile" o prémio de "Melhor Canção" no Top N'goma, feito que repetiu na edição de 2010/11 com o tema "Taka Xai Xinha".

"As distinções significam um reconhecimento da qualidade do meu trabalho e de que posso contribuir para o engrandecimento da nossa cultura. Quando faço uma música, não a faço para deitar fora no dia seguinte, pelo contrário, faço para outros escutarem e porque quero deixar um legado para as gerações vindouras. Os prémios mostram que o público acre-

dita em mim e valoriza o meu potencial", comenta.

Uma carreira sempre em ascensão

Logo após vencer o Fantástico, Sizaquel recebeu um convite para integrar o agrupamento Kapa Dêch. "Foi também um grande momento da minha vida, uma vez que passei a trabalhar com uma banda superexperiente. Acho que muitos músicos gostariam de estar com o Kapa Dêch e eu tive essa sorte", diz. É a única voz feminina do conjunto e diz que se sente à vontade.

O primeiro trabalho discográfico de originais, produzido por Yé-Yé, surge em 2006 com o objectivo de manter o seu nome na ribalta. Mas a cantora comenta que, embora tenha vendido bastante, não se sentiu satisfeita com o resultado do seu álbum denominado "Tivonile", uma mistura de Marrabenta e Passada, devido ao estilo comercial.

Presentemente, Sizaquel está a preparar o seu segundo disco que será composto pelos sucessos que já se encontram nas rádios nacionais e na boca dos seus admiradores. "Ainda não tenho previsão do lançamento do álbum. Estou a trabalhar devagarinho, pois, quero colocar no mercado algo com qualidade e não gostaria de ter um álbum gravado no computador", afirma a cantora moçambicana com uma das mais invejáveis vozes do país. A obra vai ser um cocktail de música Marrabenta, Soul à moçambicana e Afro.

Além do trabalho a solo e com a banda Kapa Dêch, Sizaquel colabora com outros agrupamentos musicais fazendo coro, sendo, nos últimos tempos, o seu lado mais visível. "Eu vivo de música e pretendo viver dela. Enquanto eu não estiver no patamar em que devia estar, sempre continuarei a fazer coros para outros artistas, embora muita gente me condene", diz.



Antes de ver o seu nome sob os holofotes dos media, realizou diversos espectáculos pelo país. E hoje, ao contrário do que aconteceu quando estava no anonimato, Sizaquel Matlombe ainda não apresentou concertos em todas as capitais provinciais e lamenta o facto de ainda não se dar o devido valor ao trabalho dos músicos moçambicanos. "Em Moçambique, apenas três ou quatro músicos é que são valorizados e os restantes são marginalizados. Não temos quem nos apoie na divulgação da nossa música além-fronteiras", comenta.

Em termos de temática, Matlombe diz que falta maturidade nas músicas dos artistas nacionais, facto que obriga o público moçambicano a optar pela música estrangeira, especialmente a angolana. "Os músicos angolanos, não sei se é um dom, quando fazem as músicas fazem-nas de coração e aquilo que dizem toca nas pessoas. Mas os moçambicanos só conseguem fazer música para brincar, ou seja, se outros se sentam para desenhar uma música, aqui faz-se em um segundo".

No próximo ano (2012), a compositora e intérprete comemora 10 anos de carreira.



O que faz quando não está no palco?
SM - Tenho uma vida normal como qualquer outra pessoa. Faço as tarefas de casa, cuido das minhas filhas e das minhas coisas. Passo a maior parte do tempo com a família.

Cozinha?
SM - Sim, gosto de cozinhar às vezes quando tenho tempo.

Qual é o prato que gosta de fazer?
SM - Gosto de cozinhar arroz com frango e aos fins-de-semana gosto de fazer feijão.

Sai muito para dançar?
SM - Não sou muito de sair, mas uma vez e outra quando é preciso sair, saio. Na verdade, prefiro estar em casa e conviver com amigos e vizinhos.

Qual é o estilo de música que gosta de ouvir?
SM - Adoro ouvir Jazz e música Gospel.

Tem um livro que não dispensa?
SM - Gosto de ler a Bíblia.

Que cidades gostaria de visitar?
SM - Gostaria de reaver Tete, a

cidade onde comecei a minha carreira e tenho um sentimento especial por ela. Também gostaria de conhecer Paris e algumas cidades italianas.

Que projectos tem?
SM - Tenho bastantes. Agora, cabe-me concretizá-los. O primeiro é fazer o álbum sem muita pressa e tenho outros projectos de agenciamento de músicos. Mas o maior é gravar o segundo disco e realizar um grande espectáculo para todos os meus fãs.

Uma mensagem para as mulheres moçambicanas...
SM - Continuem a ser batalhadoras, lutem pelos seus anseios e nunca desistam dos seus sonhos. Todos os sonhos são realizáveis e todas as mulheres têm a capacidade de tomar conta da família, da empresa e do país. Valorizem-se mais, não aceitando qualquer tipo de violência doméstica.

BI
Natural de: Nampula
Data de nascimento: 2 de Outubro de 1979
É mãe de duas meninas (uma de 11 anos, e outra de 7)
Signo: Balança

continuação → Histórias sobre artistas plásticos em documentário

A finalidade do projecto de realização de filmes documentários, no qual se enquadram "Pfunguza", de Noel Langa e "Eu, Mucavele" de Estêvão Mucavele, é "fornecer ao país arquivos históricos sobre os seus artistas", bem como "promover, através de um melhor conhecimento do seu trabalho, os artistas moçambicanos", em solo pátrio "e além-fronteiras", conforme atestam fontes da Escola de Comunicação e Artes Visuais – ENAVE e o Centro Cultural Franco- Moçambicano, em Maputo.

Com 25 e 26 minutos, respectivamente, de duração "Pfunguza" e "Eu, Mucavele", contam com trilhas sonoras de conceituados cantores moçambicanos, nomeadamente Chico António, Alberto Chitsondzo e Hortêncio Langa.

As obras exploram o percurso, as expectativas – goradas e frustradas –, os anseios e sonhos de dois criadores que, através de uma relação de décadas, se ligaram umbilicalmente à paleta de cores, ao pincel e à espátula, interpretando o quotidiano dos moçambicanos, elevando, assim, a sua identidade cultural como um povo.

Refira-se que consta no filme a intervenção de diversas pessoas bem entendidas na arte, uma



das quais o poeta e director do Instituto Superior de Arte e Cultura, Filimone Meigos. Segundo Meigos, Noel Langa é uma "pessoa incontornável" quando se fala de arte e cultura da cidade de Maputo, sobretudo pelo facto de estar ligado umbilicalmente ao bairro indígena. Para Meigos, Noel é "uma pessoa de cultura que faz e vive cultura".

Descrevendo a actuação do Governo em relação à cultura, o escritor Marcelo Panguana afirma que "a Cultura não pode ser vista como uma prioridade de terceira categoria". Afinal, ela "é o sol que nunca desce". Não obstante, lamenta a falta da sensibilidade cultural, por parte dos governantes. E comprova: "Reparem, por exemplo, que nas sessões da Assembleia da República, o ministro da Cultura é o último a falar.

Quando se divide o Orçamento do Estado", as migalhas é que se destinam à Cultura, finaliza.

Pfunguza, um antro dos deuses!

Pfunguza, que por ironia do destino é o título do documentário dedicado a Noel Langa, é o nome de uma enorme e frondosa árvore que se encontra na Fortaleza de Maputo. Com alguma adequação e tratamento tradicional, Pfunguza possui poderes afrodisíacos especialmente para os homens, conforme explica Noel Langa. Entretanto, a justificação da escolha da árvore para simbolizar o seu filme não se esgota nisso.

Um pouco antes de partir para Portugal, segundo Noel Langa, Ngungunhane descansou na ár-

vore da Fortaleza – Pfunguza. Ademais, Ngungunhane, admoestou os moçambicanos que deviam trabalhar para sustentar as suas mulheres.

Na Fortaleza de Maputo, encontram-se as estátuas de Ngungunhane, António Enes e Mouzinho Albuquerque – estas duas últimas figuras representam o colonialismo português – que coabitam, pacificamente o mesmo espaço.

Às circunstâncias narradas, quando se acresce o facto de Noel Langa ter realizado, na década de '90, uma das mais importantes exposições da sua carreira artística na Fortaleza de Maputo, a qual pelo misticismo da árvore acabou por designar "Pfunguza", são as mesmas que hoje fizeram com que o artista eternizasse o simbolismo e a espiritualidade atribuindo ao documentário sobre a sua vida e obra o nome da árvore.

Mistérios da cristandade que incomodam

Um aspecto comum e, por conseguinte, curioso que tanto Noel Langa como Estêvão Mucavele manifestam nas suas obras, é o cepticismo e, até certo ponto, uma descrença religiosa.

Com o primeiro a afirmar que caso "Jesus Cristo tivesse sido morto em África", possivelmente "não teria sido sacrificado na cruz". O último afirma andar com cara de poucos amigos com Deus. Todavia, admite ter amizade com o seu filho, Jesus Cristo.

Tal situação deve-se ao facto de as "igrejas 'exigirem' valores monetários aos crentes", o que na sua compreensão está errado, uma vez que, "Deus não necessita de dinheiro nenhum".

Metalinguagem Pictórica

Com uma diversidade de espaços simbólicos, da cidade de Maputo e do país, como a catedral de Maputo, a Fortaleza de Maputo, símbolos patrióticos como a bandeira nacional, o documentário sobre Noel Langa é, igualmente, uma ocasião de aprendizagem sobre a pintura. Afinal, o mestre Langa – num claro gesto meta- linguístico – de forma didáctica, fala sobre os seus devaneios e inspirações.

Não é obra do acaso que, em última análise, apela: "Gostaria que as pessoas cultivassem o hábito de visitar as exposições e os museus. Que dialogassem mais com

a arte". Ao mesmo tempo congratula-se com o cenário actual das artes plásticas, uma vez que "a juventude pegou nas rédeas e está a cavalgar".

Situação social de Maputo

Na verdade, além abordar Noel Langa, nascido em Mandlacaze em 1938, em Pfunguza reflecte-se sobre a situação dos bairros suburbanos da cidade de Maputo, a partir do bairro Indígena, onde no Centro Cultural Arco Íris reside Langa.

Todavia, apesar de todos o problemas que deve possuir, entre os quais de saneamento e salubridade pública, o bairro Indígena é o local sobre qual, pelo facto de tê-lo visto nascer, crescer e tornar-se artista, Noel Langa em jeito de conclusão questiona: "porque não hei-de pisar e sentir a terra deste bairro?".

Pfunguza é mais uma produção cinematográfica de Lionel Moulinho, jovem de 29 anos, formado em Gestão de Empresas que em 2010 se estreara na sétima arte com a longa-metragem "Ecos do Silêncio" sobre a vida e obra de João Paulo, músico e intérprete de Soul e Blues que faleceu em 2008.

Em périplo pelos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), o grupo brasileiro de teatro denominado “Maria Cutia” estará em Maputo nos próximos dias para uma actuação, além de realização de uma “Oficina Bricante” com artistas, educadores e outros animadores sociais moçambicanos que actuam na área de teatro e animação para crianças.

Os Homens da Luta

Primeiro ganharam o 47º Festival RTP da Canção portuguesa com o tema “A Luta É a Alegria”. Depois participaram na maior manifestação popular que Portugal viu depois do 25 de Abril. Amanhã, só eles sabem.

Texto: Adaptado do jornal “Expresso” • Foto: jornal “Expresso”

Sai a guitarra e o megafone, as calças à boca - de - sino e as camisas abertas, o cabelo puxado para trás e os óculos de fundo de garrafa. Saem os slogans e as palavras de ordem, mais os punhos no ar e as provocações. Sai o kirikiri e o “dá-lhe” e o “pá”. O humor-choque também e leva consigo os programas de televisão, os sketches na Internet, todos os concertos e até a vitória no Festival da Canção potuguesa que os fez ainda mais famosos. Vai o Neto e vai o Falâncio e vão os outros. Desaparece tudo e o que fica? Só o Nuno e o Vasco, dois putos de Odivelas que brincavam na rua, jogavam à bola e ouviam as histórias do avô comunista e dos amigos. E um pouco da Luta, assim mesmo com maiúscula, pois é nome de uma criatura que vai tomando os criadores.

Sem adereços nem banda sonora, são apenas irmãos. Vasco Duarte acordou com tosse, Nuno Duarte saiu da cama para ser entrevistado por um jornalista japonês. Vasco chegou atrasado, Nuno entrou na pastelaria à hora certa. A mulher das flores prometeu-lhe um cravo em troca de umas palavras na TV e um casal descobriu ali que o tinha como vizinho. Vasco estacionou longe. Nuno deixou o carro à porta - um Peugeot velho de dois lugares com a fechadura arrombada. Vasco já comeu.

Nuno pede um palmier e uma meia de leite morna. É o pequeno-almoço da verdade.

“Tenho medo da inveja e da depressão permanente”, confessa Nuno.

Aos 37 anos, mais quatro do que o irmão, é o rosto da banda, o homem da frente de todos os projectos e o sujeito ideal para traçar o percurso comum. Filhos de um cabeleireiro e de uma lojista, fizeram a escola primária num colégio chamado O Poeta, o ciclo preparatório na Avelar Botero e o resto na secundária de Odivelas. “Não me lembro de nenhum deles por aqui”, admite um membro do conselho executivo da escola. “Sei que o Nelson Évora andou cá, mas eles... Tem a certeza?” Já nem vale a pena dizer-lhe que Nuno andava com uma crista enorme, feita com gel e sabão - daí a alcunha Jel.

Discutir para avançar

Vasco é o mais calado. Se o irmão fala ao telefone sem parar, ele manda mensagens. Se o outro grita no megafone, ele dedilha a guitarra. É o músico que sempre quis ser músico, que tem o “Appetite for Destruction”, dos Guns N’Roses como álbum preferido. O si-

lêncio que dá sentido ao barulho. “Dis- cutimos muito em tudo o que fazemos. Sabemos para onde queremos ir e vamos acertando a maneira de lá chegar, mas não pensamos da mesma maneira em tudo. Nem pensar”.

Pedro Boucherie Mendes, director de conteúdos dos canais temáticos da SIC, conhece-os bem. “Eles sabem bem o que estão a fazer. Estão mais adultos, mais conscientes e não são revoltados. Fazem e têm uma ideia do que querem e para onde vão”. Seja o que for, por estes dias parece que já lá estão. Ali- ás, com o palmier a meio, a filosofia já tomou conta da conversa e depressa se chega à conclusão de que a Luta é tanto uma viagem como um destino. Os Homens da Luta - os que incomo- dam Sócrates, são expulsos de um cir- co e ganham o Festival - são o Nuno e o Vasco. E vice-versa.

A mistura é explosiva e chega a assus- tar. “Há uma minoria que tem medo de nós. São os que esqueceram a luta e que agora nos chamam demagógicos e utópicos. Os nossos personagens são os super-homens de que Nietzs- che falava, capazes de tudo, sem medo de nada. São gente de ficção científica que vieram de 1975 numa máquina do tempo e aterraram aqui. A utopia



de hoje é a realidade de amanhã e, ao contrário do que diz Cavaco, é preciso sonhar”, explica Nuno. “Por isso, vamos estar na manifestação a animar a luta das pessoas”.

A meia de leite arrefece enquanto o criador fala da criatura. Depois, de si: “Não sou antipartidário. São importan- tes. Sou de esquerda porque defendo o apoio social, a saúde e a educação gratuitas. Noutras coisas sou de direi- ta: apoio a iniciativa privada e menos impostos”. E por fim, quando ouve o ir- mão, Vasco: “Considero-me de esquer- da, mas não apoio nenhum partido”. No fundo, garantem ambos, gostam da liberdade. Tanto que até sabem a co- tação. “A melhor maneira de calar um artista interventivo é torná-lo rico”, diz

Nuno. “A melhor forma de ser livre é não estar sempre a querer o que os ou- tros querem”, acrescenta Vasco.

E para o fim fica o início. Era uma vez dois miúdos que ouviam as histórias do avô, Deodoro Duarte, o Neto, que entrou para o PCP em 1941. Falâncio era um dos seus melhores amigos. Anos mais tarde, diante da televisão a ver uma manifestação, os rapazes criaram os Homens da Luta, os que lutam só pela luta. Mas o que querem os tais miúdos? “Se estiver vivo daqui a 10 anos, espero estar a fazer filmes, surf e a educar os meus filhos num país melhor, mais solidário e alegre”, arrisca Nuno. Vasco? “Ser feliz, espero eu”. Tão simples como um bolo e uma meia de leite.

“Se queres deixar de ser parvo vem para a rua gritar”

De acordo com a votação dos jurados da 47ª edição do Festival da Canção o vencedor do concurso era outro. Só no último minuto, com a votação do público por televoto (50% da votação final), venceram - perante uma assistência indignada.



A vossa vitória não foi pa- cífica. Boa parte do público apupou-vos e abandonou a sala ao saber que vocês ti- nham ganho. Isso não vos deixou com o ego no chão?

N. - Deu-nos muito gozo (risos).

V. - Foi maravilhoso (risos). Fez-me lembrar os apupos que o Ary dos Santos rece- beu quando a Tonicha ga- nhou o Festival da Canção (1971) com o tema ‘Meni- na’. O público apupou-o, tal como fez connosco, e o Ary mostrou desdém. Foi o que fiz.

N. - O artista é a vanguarda e a projecção do povo. Há

muito por aí o conceito do politicamente correc- to, do “vamos lá ver se não incomodamos nin- guém”. Nós não somos assim.

Parte da polémica aconteceu porque só no último minuto, com a votação do público por televoto, é que ganharam. Foi o povo que vos deu a vitória...

N. - Exactamente, pá. Não estávamos à espera. Ainda estamos um bocado atordoados. O povo, leigo, mas atento, manifestou-se, votou em mas- sa e deu o primeiro lugar aos Homens da Luta. É uma vitória popular, do povo.

Ironicamente, vocês são os tipos da SIC que ga- nharam o festival da canção da RTP... (risos)

V. - Nós e os nossos músicos fomos muito bem tratados pela organização. A SIC, claro, ficou toda contente. Isto (ergue a taça) vai para a SIC!

O radialista Carlos Vaz Marques escreveu no Facebook sobre a vossa vitória: “A esquerda re- volucionária vai achar que estão a gozar com as glórias da revolução; a esquerda do poder vai sentir - e bem - que o poder está a ser posto em

causa; a direita não gosta pura e simplesmente de pantominices.” Concordam?

N. - Nada disso nos interessa. Não queremos ter nada a ver com algum partido ou ideologia polí- tica. A liberdade é que é a nossa ideologia. Nós fazemos política, mas à nossa maneira. Quere- mos agitar e animar a malta, como Zeca Afonso. Queremos ser a pedrada do charco. No dia em que andarmos na piscina dos gigantes políticos, esta luta, como a gente curte e surfa, acaba. Neste últimos dois anos, os Homens da Luta andaram na estrada a tocar em concertos e deu para co- nhecermos o nosso público. São pessoas que não votam e não estão ligadas a qualquer partido. É nos 50% da abstenção que está o nosso público. Identificam-se mais connosco do que com qual- quer outro grupo político.

Isso não é preocupante?

N. - Quer dizer que nós temos responsabilidade de apelar à participação das pessoas para que ve- nham para a rua. Ainda no Facebook, há quem compare esta votação em massa do público aos votos no Tiririca, o candidato das presidenciais brasileiras.

N. - É uma honra estarem a comparar-nos ao Tiririca. Ele foi o deputado federal mais vota- do no Brasil. Há que dizer que, independentemente de gostarem da nossa canção ou não, isto é democracia participativa. O povo votou e deu-nos a vitória. Tanto a nós como ao Tiririca. Há muitos que gostam de falar da democracia e vivem dela. Mas quando a democracia não vai bem para o lado de- les, já não é boa...

V. - Já dizia Churchill: “A democracia é o pior de todos os sistemas com excepção de todos os outros.”

Vocês assumem um papel de bobos do povo frente à corte

política?

N. - Somos sempre um bocado bobos. Não vamos estar aqui armados ao pingarelho. A nossa génese é a comédia. E a comédia tem a ver com o bobo. Mas não nos consideramos bobos da corte, ou bobos burgueses. Somos artistas populares. Ficou provado que nós temos um apoio popular forte.

Que luta é essa que tanto gritam ao megafone?

N. - Somos artistas e a nossa luta é indignarmo- nos contra algo que achamos injusto. A luta é a utopia. E o tema que cantámos é um bocado con- tra um ciclo daquilo que está a acontecer. Porque está tudo muito chorão. Estão todos cheios de pe- ninha deles próprios...

O vosso humor é conhecido por ser negro, cáustico, subversivo. Já saíram chamuscados com alguma rá- bula?

N. - Claro. Alguns sketches que fizemos a atacar o poder trouxeram-nos problemas económicos. Por exemplo, há dois anos tínhamos um contrato com um site para onde mandávamos vídeos humorís- ticos e, após termos ido à campanha do PS, para dizer “Sócrates, amigo, obrigado por tudo isto que dás à luta”, perdemos a renovação do contrato.



Qual é a história desta canção tão orelhuda?

Vasco - Certo dia fui para o banho e fiz a canção. Saí da banheira, limpei-me e trauteei-a para o te- levisível. Apresentei-a ao meu irmão e ele gostou. Tive sorte. É catchy. Não sei de onde esse ritmo veio...

N. - Ninguém sabe. A não ser os que copiam. Es- ses sabem muito bem (risos). Eu fiz a letra em dez minutos no local de ensaio. Preocupe-me que fosse uma letra alegre. Por isso, ‘A Luta É Ale- gria’. É a alegria revolucionária a lembrar o Maio de 68, o 25 de Abril, a luta pela independência da Índia, com o Gandhi, ou a luta dos direitos civis na América, com o Martin Luther King.

Vodacom tem nova imagem



O processo de mudança da imagem da Vodacom não acontece apenas em Moçambique, sendo que alguns países de África, nomeadamente África do Sul, Malawi e Tanzânia, já aderiram à nova face da companhia. Dentre os diversos benefícios que resultam do alinhamento à marca Vodafone, destacam-se o acesso aos produtos inovadores e à tec-

A operadora de telefonia móvel foi distinguida, este ano, pela quinta vez consecutiva, como a “Melhor Provedora de Serviços de Telefonia Móvel”, distinção atribuída pela PMRA Awards, entidade que baseia as suas decisões junto a gestores públicos e privados. O empenho da Vodacom também foi reconhecido na África

Austral ao conquistar o Best African Brand Campaign com a campanha "Tudo Bom". Nos últimos 12 meses, a empresa investiu na instalação de 100 novas torres por todo o país, com especial incidência para as províncias de Inhambane, Nampula, Sofala e Zambézia. No mesmo período, foram colocadas em operação 70 torres com tecnologia 3G. Ainda foram abertas sete postos de venda ao longo do país, o que eleva para 56 o número de Lojas Vodacom criadas para melhor servir os clientes. No mesmo período, foram inaugurados 3 Centros de Atendimento ao Cliente, dois na cidade de Maputo e 1 na Matola. Nos próximos meses, serão abertas mais quatro lojas Vodacom nas cidades da Beira, Quelimane, Tete e Nampula.

Texto: **Chitti Irache**

Outrossim, tem a ver com o empresariado local que não usa o jornal para a publicidade. Este facto obriga a que o jornal sobreviva apenas de fundos próprios.

“Estamos a preparar o lançamento do jornal tablóide, sobretudo para tentar atingir mais leitores e, por via disso, conseguir algum dinheiro para a sustentabilidade do jornal”, informou Zefanias.

A edição 1000 é um marco importante para o jornal, visto que durante o percurso houve bastantes obstáculos, tanto de índole endógena como exógeno. De acordo com o director editorial, durante a sua existência, houve pessoas que não acreditaram no projecto, e outras que desistiram. “Mas felizmente o projecto ainda continua, e com esperanças de crescer mais e mais”, disse.

De salientar que o Diário da Zambézia mudou o cenário político, económico e social da província, sobretudo em relação à governação. Todavia, o jornal é mais lido fora da província da Zambézia. Aliás, segundo alguns estudos, o jornal é mais lido na cidade da Matola do que na Zambézia.

Cinco anos, comprometidos com a verdade

[illegible][illegible]

AUDIT • TAX • ADVISORY

© 2010 KPMG Auditores e Consultores, SA é uma empresa moçambicana e firma-membro da rede KPMG de firmas independentes afiliadas à KPMG Internacional, uma cooperativa suíça.





Segunda a Sábado 21h35

MORDE & ASSOPRA

Júlia acusa Abner de mentiroso e vai embora. Tonica ameaça ficar contra Celeste se ela não lhe der um laptop. Leandro cumprimenta Naomi e leva uma rosa para ela. Ícaro procura Abner para desenvolver a máquina que localiza os ossos de dinossauros, mas é expulso da fazenda. Padre Francisco revela para Melissa que já teve dúvidas sobre sua vocação. Maria João faz as pazes com Xavier. Efraim leva comida e s c o n d i d o para Pink. Júlia conta que se envolveu com Abner e Cristiano a beijar. Abner descobre que Tonica espalhou que ele vai se casar com Celeste. Virgínia fala com John pela internet e tenta convencê-lo a ir para Preciosa. Tiekio avisa a Akira que Keiko aceitou o acordo e chegará ao Brasil em breve. Pink e Dorival assam o frango no quarto e o cheiro da comida se espalha pelo SPA. Elaine/Élcio serve o jantar para Lara e Eliseu. Marcos questiona a mãe a respeito de Natália. Isaías agarra Minerva e é atacado pela cachorrinha Madona. Ícaro vê a rosa que Leandro deu para Naomi e fica intrigado. Abner leva Tonica ao hotel para desfazer o mal-entendido com Júlia.



Naomi conta para Ícaro que ganhou uma

rosa de Leandro e afirma que gostou de ser tratada como gente. Alice apresenta Guilherme aos pais como seu namorado. Anecy demonstra preocupação com o relacionamento de Márcia e Guilherme. Augusta segue o cheiro de frango até o quarto de Pink e pede para vasculhar o local. Abner conversa com a mãe e revela que está apaixonado por Júlia. Cristiano desabafa com Raquel. Marcos

tenta resolver o problema entre Salomé e Natália. Guilherme chega em casa e é confrontado pela mãe. Virgínia se oferece para tomar conta dos fosséis e Júlia se espanta. Celeste compra o

computador para Tonica. Melissa ajuda Oséas a organizar os preparativos para o seu casamento. Minerva procura Oséas e pressiona o banqueiro a executar a dívida de Abner. Virgínia planeja ganhar dinheiro com os fosséis e Josué lhe propõe casamento. Padre Francisco aconselha Fernando a arrumar uma namorada. Márcia marca um encontro com Guilherme. Janice agradece a Ícaro pelo emprego de Leandro e demonstra curiosidade sobre Naomi. Naomi se aproxima de Leandro. Abner fica sabendo que Celeste deu um laptop para Tonica e questiona a cunhada.

Segunda a Sábado 22h45

INSENSATO CORAÇÃO

Marina diz a Vitória e Bibi que colocou um detetive atrás de Pedro. Irene esconde o papel que Cíntia entrega a Pedro com o seu número de telefone. Carmem dá uma moto de presente para Léo. Kléber devolve o dinheiro que pediu emprestado a Gabino. O detetive de Marina fotografa Pedro em diversas situações. Léo tenta convencer Carmem a investir seu dinheiro em uma suposta loja de sucos. Nando e Pedro conversam sobre Irene.

Cida visita Norma e oferece ajuda à amiga. Cortez fica feliz em saber que a Polícia Federal não está mais atrás dele. Natalie convence Sidney a colocá-la na capa de sua revista. Xicão se apresenta a Sueli e é contratado para trabalhar no quiosque. Léo planeja com Tonico uma forma de enganar Carmem. Carol diz para Marina que ainda sofre por André.



Beto tenta conquistar Daniela, mas se afasta ao saber que ela é casada. André não perde tempo e se insinua para Daniela. Norma tem um pesadelo com Léo. Gisela passa um fim de semana com Teodoro. Léo se apresenta a Matilde como Wilson e rouba a chave da loja que ela lhe mostra. Carmem decide investir seu dinheiro para montar a loja de sucos.

O detetive de Marina fotografa Pedro na loja de cerâmica. Marina decide viajar para o sul no lugar de André para uma reunião de trabalho. Pedro marca um encontro com Cíntia. Roni se preocupa com o comportamento de Natalie no estúdio fotográfico. Tonico e Léo armam para dar um golpe em Carmem. Cecília diz a Rafa que vai contar sobre o namoro para sua mãe. Daisy descobre que Kléber foi demitido e decide segui-lo para saber onde ele está conseguindo dinheiro.

Alice muda de ideia e vai encontrar Vinícius em uma festa. Daisy se surpreende ao ver Kléber na reunião do grupo de apoio. Irene consegue desmarcar o jantar que Pedro combinou com Cíntia. Kléber decide dar um depoimento ao ver Daisy na reunião. Irene consegue seduzir Pedro. Alice flagra Vinícius com uma garota na praia.

Teodoro pensa em pedir Gisela em casamento. Léo tenta disfarçar a tensão quando Carmem sugere levar o suposto contrato para um advogado avaliar. Pedro conta para Nando o que aconteceu entre ele e Irene. Marina se encontra com o detetive. Pedro e Marina se encontram casualmente em Porto Alegre.

HORÓSCOPO - Previsão de 08.04 a 14.04



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças; A semana favorece as questões de ordem financeira e poderá proceder a pequenos investimentos na compra de novos equipamentos para a sua casa. As aplicações de capital de médio risco encontram neste período um momento favorecido. **Sentimental;** Perfeito, deverá ser o entendimento sentimental dos nativos deste signo. Grande aproximação do casal, ternura e manifestações amorosas contribuirão largamente para uma semana feliz. O diálogo aberto é a opção aconselhável para esta semana de forma a esclarecer pequenos problemas passados.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças; Esta é uma área em que poderá ser confrontado com algumas dificuldades que exigirão de si um esforço extra. Durante este período deverá ser extremamente cauteloso em tudo o que se relacionar com decisões financeiras. Apesar do delicado deste aspecto poderão verificar-se algumas entradas de dinheiro que embora insuficientes serão consideradas como uma ajuda e muito especialmente um estímulo. **Sentimental;** A área sentimental é caracterizada por um grande entendimento e uma perfeita sintonia com o seu par.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças; Período caracterizado pela estabilidade. Assim, não deixe de aproveitar a segurança que este aspecto lhe transmite para que de uma forma tranquila possa construir e consolidar outros aspectos da sua vida. Para o fim deste período (semana) poderá verificar-se uma pequena entrada de capital. **Sentimental;** O entendimento com o seu par será uma realidade. Não deixe de aproveitar este período tão favorecido para consolidar a sua relação amorosa. Alguma tentação para criar problemas relacionados com ciúmes deverá ser evitada por si a todo o custo. Caso contrário, poderá ser confrontado com uma situação bem complicada.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças; Este aspecto caracteriza-se por algumas preocupações inerentes à não entrada de dinheiro e à necessidade de cumprir com os seus compromissos. Tente encarar este aspecto com alguma tranquilidade e esperança de que tudo mudará e que para isso suceda necessita de manter os seus níveis de confiança em alta. **Sentimental;** Aspecto que poderá ser marcante durante este período. Não hesite em demonstrar o que sente pelo seu par e verificará que uma boa e saudável união contribui de uma forma marcante para que os outros aspectos sejam encaradas com mais coragem e objectividade.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças; Tudo o que se relacionar com dinheiro encontra-se favorecido e poderá proceder a pequenos investimentos. Algumas aquisições necessários que tem tido receio de fazer encontram nesta semana uma altura favorável. No entanto, deverá ter presente que os tempos que correm aconselham a alguma precaução. **Sentimental;** Um maior aproximação do seu par, a comunhão das coisas boas e das desagradáveis servirão para consolidar e fortalecer a sua relação. Assim, não guarde para si problemas que divididos entre os dois tornam-se mais fáceis de suportar.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças; Tudo o que se relacionar com dinheiro não encontrará durante este período o tão desejado equilíbrio. A situação pode tornar-se um pouco complicada e a sua força pessoal terá um papel importante no sentido de inverter esta tendência. **Sentimental;** É este aspecto que lhe trará os melhores e mais agradáveis momentos. O entendimento com o seu par será absoluto e através de um relacionamento inteligente viverão uma semana muito agradável. Alguma tendência para o ciúme, caso se manifeste pelo lado feminino, contribuirá de uma forma positiva.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças; As questões que envolvam dinheiro são para si um motivo de constante preocupação. Tente não exagerar neste aspecto e encarar as coisas com algum optimismo. Para o fim da semana poderá receber uma boa notícia em que o dinheiro é a causa central. **Sentimental;** O amor é para si uma necessidade fundamental. Amar e sentir-se amado serão as suas motivações. Aproxime-se do seu par sem desconfiança nem receio. Os astros favorecem as ligações amorosas baseadas na sinceridade e na abertura.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças; Alguma instabilidade financeira aconselha a que seja prudente em tudo o que se relacionar com este aspecto. Não se deixe vencer pela dificuldade deste período. Aconselhável que se evite as despesas desnecessárias. **Sentimental;** O seu relacionamento sentimental poderá atravessar um período crítico. Use o diálogo como forma de entendimento. As discussões motivadas pelo ciúme não deverão ser alimentadas pelo casal. Não é uma semana muito favorecida para se iniciarem relações amorosas.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças; Regulares, no entanto, será aconselhável que tome algumas precauções em matéria de despesas. Para o fim da semana este aspecto manifestará alguma tendência para melhorar. Uma pequena entrada de dinheiro poderá ser uma ajuda, mas mantenha-se alerta e seja moderado em tudo o que se relacionar com gastos desnecessários. **Sentimental;** O relacionamento amoroso será perfeito e se bem gerido pelo casal poderá viver momentos bem agradáveis. Possíveis, mas nulas tentativas de estragar a relação poderão verificar-se. Uma boa altura para o início de novas relações para quem não tenha um parceiro.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças; As suas possibilidades económicas poderão terminar a semana um pouco mais fortalecidas. No entanto, deverá ser muito prudente em tudo o que se relacione com despesas e evitar gastos que não lhe sejam absolutamente necessários. **Sentimental;** O relacionamento do casal poderá passar por um período de alguma tensão emocional. Dê oportunidade e tempo ao seu par para que possa falar acerca do que lhe vai na alma. Uma relação saudável depende em boa parte, ou totalmente, da forma como o casal vive os problemas que afectam ambos.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças; Trata-se de um período financeiro muito complicado, especialmente ao nível de compromissos assumidos. Algumas dificuldades no aspecto financeiro poderão fragilizá-lo e conduzir a situações de grande debilidade emocional. **Sentimental;** Período muito crítico em que a sua mente deverá funcionar de uma forma muito racional. Não exija, nem de si, nem do seu par, mais do que está ao vosso alcance. Posições extremadas poderão levar à ruptura.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças; As suas finanças deverão iniciar um período de revigoração. Embora sendo critério na forma como faz as suas despesas esta é uma boa altura para proceder à compra de objectos que lhe sejam necessários. Apesar deste aspecto ser favorecido deverá ser prudente nos seus gastos. **Sentimental;** Seja mais tolerante no relacionamento com o seu par. Ambos têm necessidades e carências. Assim, não se coloque em primeiro lugar nem pretenda ser o dono da razão. Um bom e saudável diálogo poderá resolver esta questão pela positiva.

8 de Abril



MUSICA - O Projecto Sigauque apresenta :

PROJECTO SIGAUQUE | Afro'Jazz

Os 13 membros deste grupo incluem 3 cantores, 2 trompetistas e 2 saxofonistas. O projecto sigauque já produziu 2 álbuns: 'Músicos contra a Xenofobia' cujo objectivo é combater a xenofobia e a discriminação; e 'Humbanane' cujo o tema é a violência contra mulher.

Os membros desta banda estão envolvidos em projectos da CMFD e produções de temas de canções para dramas radiofónicos sobre o tráfico humano, direitos da mulher e sobre a mudança climática

FOXCRIME

segunda a sextas-feiras, 17h35

2.ª TEMPORADA DE

OLHO VIVO

Depois da sua estreia em Março passado, o FOX Crime traz agora a segunda temporada do clássico de comédia e policial 'Olho Vivo' no dia 12 de Abril, às 17h35 e em episódio duplo. Esta série de 1965 segue o agente secreto e super zeloso Maxwell Smart (Don Adams, também conhecido como o agente 86), que desempenha o papel do bonzinho entre espíões. Repleto de gadgets de alta tecnologia disfarçados de objectos normais do quotidiano e com a constante luta do bem contra o mal, o Agente 86 a sua parceira, Agente 99 (Barbara Feldon) e o The Chief (Edward Platt) defendem o mundo.

FOX

Quintas-feiras, 22h20

2.ª TEMPORADA DE

INVESTIGAÇÃO CRIMINAL:

LOS ANGELES

A agente especial portuguesa Daniela Ruah está de volta em episódio duplo, a segunda temporada de 'Investigação Criminal: Los Angeles' a série que conta com a participação da atriz portuguesa no papel principal da agente Kensi Blye. Esta produção é um spin-off do original 'Investigação Criminal'. Para a além de Daniela Ruah, fazem parte do elenco actores/atrizes mundialmente conhecidos como Chris O'Donnel, LL Cool J e Linda Hunt.

'Investigação Criminal: Los Angeles' é um drama policial sobre o mundo arriscado do departamento policial e de investigação Office of Special Projects (OSP), uma divisão que está encarregada de apreender os mais elusivos e perigosos criminosos que possam ser considerados como uma ameaça à segurança da nação. Ao assumir identidades falsas e fazendo uso das mais avançadas tecnologias, esta equipa de agentes devidamente treinados entra à paisana nos meandros do crime, colocando diariamente as suas vidas em perigo com o objectivo de "caçar" os seus alvos.

O agente especial "G" Callen (Chris O'Donnel) é o verdadeiro camaleão que se consegue transformar em qualquer personagem com o intuito de se infiltrar no submundo criminal. O seu parceiro é o agente especial Sam Hanna (LL Cool J), um antigo soldado da marinha de guerra que já presenciou todo o tipo de atrocidades enquanto lutava no Afeganistão e Iraque. Sam é o perito em vigilância que



usa inteligentemente todo o equipamento de monitorização para olhar por aqueles que estão no "campo de batalha" e passar-lhes todo o tipo de informações cruciais. Para assistir toda a equipa está a agente Kensi Blye (Daniela Ruah), a excepcional e inteligente filha de um marinha e que vive para a adrenalina que o trabalho lhe dá como policial infiltrada. Para além desta equipa principal podemos encontrar o operador técnico Eric Bale (Barrett Foa) que é o mestre de todos os gadgets e sistemas de computadores no centro de operações e Henrietta "Hetty" Lange (Linda Hunt) que está responsável por supervisionar e dar suporte à equipa nas suas missões fornecendo-lhes tudo o que necessitam para serem bem sucedidos, desde micro câmaras a carros e até mesmo roupa apropriada. Nesta temporada temos um novo membro que se junta à equipa, Marty Deeks (Eric Christian Olsen), um detective da polícia de Los Angeles que ocasionalmente trabalha infiltrado e que é recrutado para a equipa por Hetty. "Armada" com o material de mais alta qualidade tecnológica e preparada para situações regulares de perigo de vida, esta unidade deposita toda a confiança em cada um dos membros da equipa para conseguir fazer tudo o que for necessário para proteger os interesses e a segurança nacional.



FX

Domingos, 22h00

BOB'S BURGERS

'Bob's Burgers' é a nova série animada a estreiar no dia 10 de Abril, às 22h00, e que, essencialmente, conta a história de um homem, a sua família e uma hamburgueria. Bob (Jon Benjamin) já faz parte da terceira geração que gere e está encarregue do restaurante Bob's Burgers, sempre com a ajuda da sua mulher e dos seus três filhos. Bob tem grandes ideias sobre hambúrgueres, condimentos e aspectos, mas apenas alguns conhecimentos básicos sobre como servir os clientes e administrar todo o negócio. Apesar dos seus balcões gordurosos, da sua péssima localização e do seu serviço atropalhado, Bob está convencido que os seus hambúrgueres já dizem tudo e são os melhores.

Apesar de o negócio ir lento, Bob pode trabalhar com a sua família. A sua mulher, Linda (John Roberts), apoia o sonho de Bob e corre todos os riscos necessários (mas verdade seja dita, ela já começa a ficar um pouco farta desta situação). A filha mais velha, Tine (Dan Mintz), é uma rapariga de 13 anos extremamente romântica e com poucas capacidades sociais. O do meio, Gene (Eugene Mirman), é um aspirante a músico e um engraçadinho que "serve" mais piadas

FOXlife

segunda a sextas-feiras, 17h15

NO MEIO DO NADA

Onde estão os heróis do nosso dia-a-dia? Muitos de nós pensa que os nossos pais são os heróis e as mães os super-heróis. No dia 13 de Abril, às 17h05, estreia a nova comédia familiar 'No Meio do Nada'. Frankie Heck (Patricia Heaton) é a verdadeira super heroína, mas não no sentido literal da palavra. Para ela o facto de conseguir tirar os seus filhos de casa todos os dias para irem à escola é o verdadeiro acto super heróico. Ela é uma devota esposa e mãe e vê a família como a coisa mais importante da sua vida. Sendo a personagem central da série, Frankie empresta também a sua voz à narrativa. Frankie e o seu marido, Mike (Neil Flynn), viveram em Orson, Indiana, toda a vida. Mike, um homem de poucas palavras, é o gerente da pedreira da cidade e Frankie é a terceira melhor vendedora de carros usados no stand local. Ela pode não ser uma poderosa mulher com uma carreira de sucesso, mas no que toca à sua família, ela enfrenta qualquer coisa e qualquer um, e com uns filhos como os que tem, é bem melhor que assim seja. Axl (Charlie McDermott), é o seu filho

e partidas do que hambúrgueres. A mais nova, Louise (Kristen Schaal) é a mais entusiasta quanto ao trabalho do pai, mas o seu sentido de humor não equilibrado e o seu nível de energia elevado fazem com que fique sujeita apenas ao trabalho de cozinha.

Para além do restaurante, há uma cidade rica em personagens. Na porta ao lado de Bob está a casa funerária Your Funeral Home and Cremation (A Sua Casa Funerária e Crematório); mais abaixo da rua está o Wonder Wharf, o paredão à beira-mar repleto de animação; e uns carteirões ao lado está a Wagstaff Middle School, onde os filhos de Bob e Linda estudam. Do outro lado da rua está a Jimmy Pesto's Pizzeria, o maior concorrente de negócio de Bob e a grande "dor de cabeça" de Bob.



semi-nudista e adolescente que foi concebido ao som dos Guns N'Roses; Sue (Eden Sher), é a filha adolescente estranha e esquisita que falha em tudo o que faz, mas sempre com um extremo prazer em ser assim; e Brick (Atticus Shaffer), o filho de sete anos cujo melhor amigo é a sua mochila. 'No Meio do Nada' é sobre o construir uma família e o diminuir sucessivo das expectativas. A frustração e absurdo que vem com a vida de estar "sempre no meio": meia-idade, classe média e o habitar no meio da cidade da Orson, Indiana. Frankie é uma esposa fantástica, mãe de três filhos, que usa a sua perversa inteligência e o seu sentido de humor numa tentativa de conseguir que a sua família ultrapasse todos os impactos e problemas do dia-a-dia.





CIDADÃO REPORTER



EMAIL

averdademz@gmail.com



SMS

821111

**Envie uma
mensagem
útil:**

Indique-nos onde o
suborno aconteceu,
quem foi subornado,
o valor que pagou...
Por exemplo:

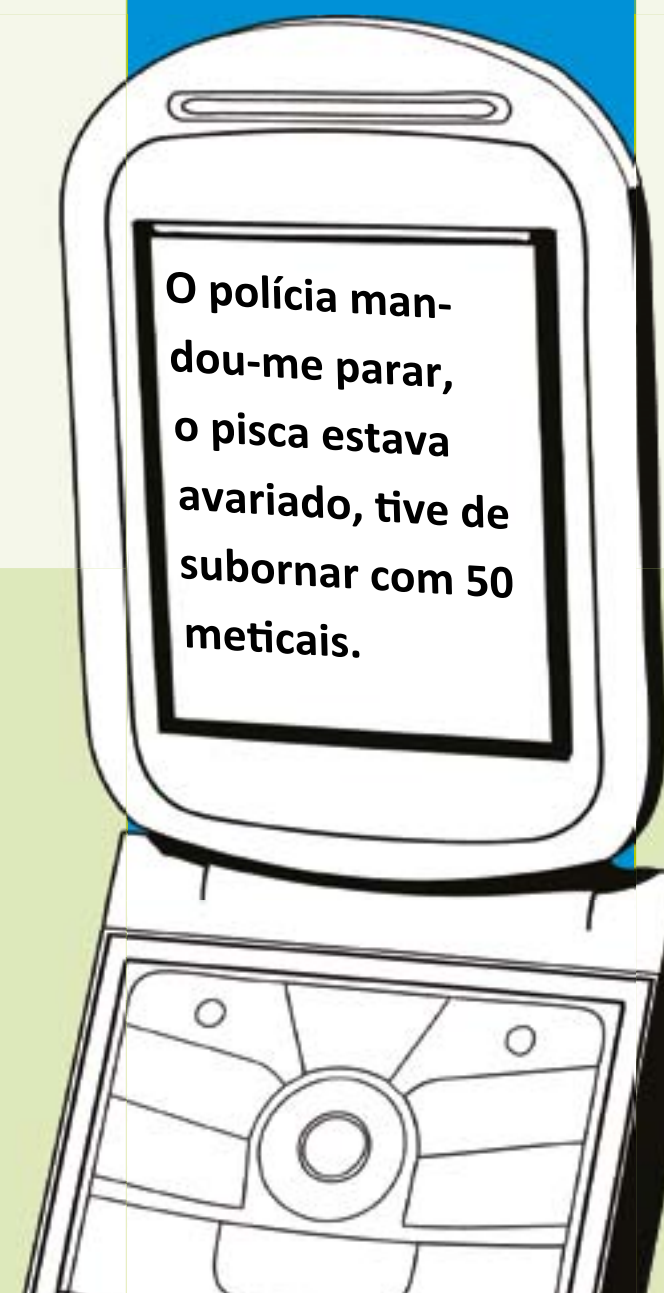
Subornou alguém?

**Viu alguém
a ser subornado?**

**Ajude-nos a vigiar os corruptos
e quem corrompe,
seja um cidadão repórter
e conte-nos
a sua história.**

**Na sua mensagem
Seja realista,
Não invente factos.**

**Não exagere nas descrições,
Seja objetivo.**



VOCÊ pode ajudar! Seja um CIDADÃO REPÓRTER!